Próximo Futuro

المستقبل القريب

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Nº 09
ABRIL 2012

PROGRAMA GULBENKIAN PRÓXIMO FUTURO

O Próximo Futuro é um Programa da Gulbenkian de Cultura Contemporânea, dedicado em particular, mas não exclusivamente, à investigação e criação na Europa, em África, na América Latina e Caraíbas.

JORNAL PRÓXIMO FUTURO Nº 9

Programador Geral
António Pinto Ribeiro

Assistente
Lúcia Marques

Assistente de Produção
Nádia Vera Jardim Al-Mohammed

Estagiário
André de Menezes

Colaboração
Serviços Centrais
(Director: António Repolho Correia)
Serviço de Comunicação
(Directora: Elisabete Caramelo)

Apoio à Comunicação
Mónica Braz Teixeira

Revisão
Raquel Carapinha
Teresa Meira

Traduções
Abdeljelil Larbi
Fernanda Mira Barros
Gamal Khalifa
Patricia Roman
Raquel Carapinha

Design Gráfico
Arne Kaiser
em colaboração com
Christie Bassil

Website
Guilherme Cartaxo
Miguel Duarte

Agradecimentos
Abdeljelil Larbi
Alexandra Chopin
Angie Cotte
Aurélie Machghoul
Frédérique Gautier
Isabel Galvão
James Kirkby
João Amaro Correia
Karim Ben Smail
Luís Jerónimo
Maria Rita Ferro
Maria Isabel Gaspar
Nawel Skandrani
Sheik Zabir
Sofiane Ouissi
Rui Santiago
Zeyneb Farhat
Catarina Belo

Programa sujeito
a alterações

Capa
Nermine Hammam
sem título (da série *Ma'at*)
2011
Cortesia do artista

3 **A ORIENTE**
ISABEL MOTA

4 **É POSSÍVEL SENTIR E ACOMPANHAR O 'ESPÍRITO DO TEMPO'?**
ANTÓNIO PINTO RIBEIRO

6 **O LUGAR DO DESIGN E DA MODA NO NORTE DE ÁFRICA (OBSERVATÓRIO DE ÁFRICA E DA AMÉRICA LATINA)**
FREDERICO DUARTE

8 **MOBILIDADE DOS ARTISTAS NO MEDITERRÂNEO**
FERDINAND RICHARD

10 **PISO 13 – AS PERGUNTAS DA REVOLUÇÃO TRAÍDA NA TUNÍSIA**
KAMEL RIAHI

12 **AS APOSTAS DOS MOVIMENTOS ISLÂMICOS NA ARGÉLIA**
WACINY LAREDJ

14 **NERMINE HAMMAM MA'AT**

18 **REVOLUÇÕES, TRANSIÇÕES E VIOLÊNCIAS POLÍTICAS**
MOHAMED KERROU

22 **REVOLUÇÃO, APONTAMENTOS SOLTOS...**
KARIM BEN SMAIL

24 **O *TAGINE*: UMA HISTÓRIA MAGREBINA DESDE A ANDALUZIA ATÉ À IFRIQIYA**
NAWEL SKANDRANI

25 **BIOGRAFIAS**

Héla Ammar, sem título (da série "Absences"), 2010 / هيلا عمّار، عنوان (من سلسلة "Absences")، ٢٠١٠م

A ORIENTE

ISABEL MOTA

O ano que passa fica definitivamente marcado pelo movimento revolucionário que um pouco por todo o Magreb e Médio Oriente levou para a rua milhares de pessoas a exigirem reformas democráticas e a deposição dos regimes totalitários que até ai os governavam. O desenrolar dos acontecimentos tem sido acompanhado pelo resto do mundo democrático com um entusiasmo cauteloso devido à incerteza do rumo que será agora tomado pelos novos poderes instituídos. Independentemente das escolhas que serão feitas num futuro próximo, estes movimentos contribuíram de forma decisiva para nos darem outra visão sobre a história, sociedade e cultura árabe criando simultaneamente novos pontos de contacto entre culturas que estão há demasiado tempo de costas voltadas.

Este novo ciclo que se inicia do Programa Gulbenkian Próximo Futuro procura criar assim uma plataforma que sustente essa reaproximação e o conhecimento de culturas facilitando e promovendo um entendimento clarificador, franco e aberto sobre o impacto real e concreto que os recentes acontecimentos terão na maneira como percecionamos as diferentes sociedades árabes em geral e a maneira como estas olham para o resto do mundo.
Em linha com a abordagem seguida nos anos anteriores, a edição deste ano do Próximo Futuro procura refletir sobre a contemporaneidade mas, desta forma, focalizada nas sociedades árabes, nomeadamente nas sociedades magrebinas.

A programação agora iniciada com o Observatório da África e da América Latina, dedicado ao *design* no Norte de África, procura ser um ponto de partida para uma maior compreensão sobre estes países e povos, possibilitando um novo olhar sobre questões de cultura e sociedade tantas vezes postas em segundo plano por questões políticas e geoestratégicas que, de forma permanente, têm impedido uma visão esclarecida e cuidada sobre questões mais humanas das sociedades agora abordadas pelo programa.

É POSSÍVEL
SENTIR E ACOMPANHAR O ‘ESPÍRITO DO TEMPO’?

ANTÓNIO PINTO RIBEIRO

Quando o Programa Gulbenkian Próximo Futuro se iniciou, em 2009, muito focado na dimensão cultural e artística das atuais produções e autores africanos e latino-americanos e das Caraíbas, e na sua relação com as cidades e os criadores europeus, não se imaginava que, apenas três anos depois, assistíssemos a movimentos revolucionários nos países do norte de África e do Médio Oriente. Este sobressalto de rebeldia, de aspiração à liberdade e à democracia abalou não só esses países – com consequências imediatas em termos de alterações de regime – como todo o mundo, chamando a atenção para os povos, os criadores, os agentes políticos daquela região vítima de tanta ignorância e de tantos clichés maioritariamente negativos.

Desde o início do Programa, foi aos artistas e criadores do norte de África que quisemos dar uma atenção especial. Assim, no contexto da Exposição de Fotografia da Bienal de Bamako, em 2011, mostrámos as obras de um vasto conjunto de fotógrafos oriundos de Marrocos, Tunísia, Argélia, Líbia e Egito (destacados em várias edições de jornais do Próximo Futuro), fotógrafos como Bouchra Khalili (Marrocos) ou Youssef Nabil (Egito); e, nas três edições da Cinemateca Próximo Futuro, apresentámos filmes de realizadores de países vizinhos onde é forte a influência da cultura islâmica: “Apnée”, de Mahassine El Hachadi (Marrocos), “Al’Lèèssi une actrice africaine”, de Rahamatou Keita (Níger), “L’Afrique Animée”, de Moumouni Jupiter Sodré (Burkina Faso), “Un Transport en Commun”, de Dyanna Gaye (Senegal), “Il était une fois l’Indépendence”, de Daouda Coulibaly (Mali).

Temos consciência da complexidade política, social e cultural destes países, cujas populações revelam alguma ambiguidade na sua relação com a noção de serem povos africanos; muitas delas, ou pelo menos alguns grupos, têm um sentido de pertença que os identifica mais com o universo árabe do Médio Oriente do que com o africano. Para os povos europeus, a complexidade religiosa daquelas populações é um dos aspetos de mais difícil compreensão, pelo que facilmente a reduzem a clichés e estereótipos.

Este desconhecimento, ou um conhecimento feito de incorrecções, estende-se a outros povos e países africanos e latino-americanos e foi esta uma das razões principais para a concepção e desenvolvimento deste Programa Gulbenkian. O facto de o designarmos como ‘de cultura contemporânea’ tem o propósito de chamar a atenção para a criação ou revisitação patrimonial à luz da contemporaneidade, ou seja, à luz de uma lógica de entendimento e convivência com o mundo que utiliza os instrumentos culturais atuais capazes de darem sentido aos acontecimentos do mundo. O facto de se centrar nas cidades, países e criadores, ou em legados oriundos de África, da América Latina e das Caraíbas, visa desvendar, apresentar, revelar, produzir ou partilhar os imaginários apresentados nesses países ou pelas pessoas das suas diásporas.

Sabemos bem da nebulosidade que pode pairar quando se afirma ser um programa de aproximação a regiões culturais; a expressão contém em si uma teia de significantes que podem parecer redutores, hegemónicos ou de procura do exótico. Essa não é, de todo, a intenção. Pelo contrário, pretendemos escancarar as portas de entrada em casas sem paredes, sem fronteiras, e abrir caminho para realidades cúmplices que não estão encerradas dentro de uma concepção da geografia física de África ou da América Latina – como, aliás, é fácil de constatar nas programações anteriores e nas que se seguirão.

Um Programa desta natureza é um programa onde os propósitos se conjugam com os riscos; mas uma instituição como a Fundação Gulbenkian, porventura o primeiro centro cultural da história europeia do século XX, deve e pode comportá-los.

Se a fruição pode ser mais ou menos imediata, o retorno do conhecimento por via das artes ou das lições ou de observatórios críticos terá lugar apenas a médio ou, talvez, a longo prazo. A estranheza de muitos dos conteúdos, que vem das línguas dos participantes, das suas origens, dos próprios conteúdos e linguagens programáticos, tem tanto de fascinante como de distante, por isso o grupo de receptores e fruidores é, como não poderia deixar de ser, minoritário. A história cultural, política e económica de Portugal conduziu a que sejam, necessariamente, minorias os grupos com apetência para este tipo de programações; mas felizmente estas minorias são imensas e estão em crescimento permanente. O Programa Gulbenkian Próximo Futuro nunca será um programa massificante, tão pouco para massas, embora possa ser um programa popular, como o tem demonstrado a programação nos jardins ou no anfiteatro ao ar livre, dada a sua vertente festiva.

Voltemos ao norte de África, essa região de fronteiras, também elas herdadas de várias colonizações, região de mares de encontro e de disputa, de portos com histórias cosmopolitas e, simultaneamente, de grandes divisões sociais. Apenas um ano se passou depois daquilo a que os *media* chamaram “Primavera árabe”, expressão que tanto incomoda muitos dos protagonistas dessas revoluções por ser uma expressão de *marketing* que, mais uma vez, não toma em conta a complexidade e diversidade dos acontecimentos. Muitas convulsões aconteceram e muitas outras irão acontecer, independentemente de um maior pessimismo ou ceticismo ou otimismo ou, até, de uma crença excessiva em alguns casos. Nós, os que vivemos este tempo, somos testemunhas privilegiadas e devemos, por isso, estar atentos ao que se passa ouvindo, lendo, estudando, conversando com os interlocutores fundamentais deste processo que são os egípcios, os tunisinos, os sírios, os marroquinos, os argelinos, etc.

Ons Abid, “Victory” (da série “Tunisian Revolution”), 2011 / **أنس عابد**، “Victory” (من سلسلة "الثورة التونسية")، ٢٠١١م

No caso concreto do Programa Próximo Futuro, são interlocutores fundamentais os criadores dessa região, quer vivam nela quer façam parte da diáspora. Assim, na edição deste ano, a par da apresentação de obras e de criadores oriundos de Moçambique, do Brasil e do Chile, será dada uma atenção especial às criações do Magreb e de parte do Machrek com contágios com o Médio Oriente. Já em maio, o Observatório do Próximo Futuro é integralmente dedicado ao *design* e à moda dos criadores do norte de África: haverá leituras e serão apresentados casos de estudo centrados na conceção e na produção destas áreas da criação contemporânea. A partir de 21 de junho, data do início da programação mais intensa, começam múltiplas actividades, das quais podemos já anunciar:
Uma Festa da Literatura e do Pensamento do norte de África onde iremos ouvir e também conversar com criadores, curadores e artistas sobre o estado das artes nestes países, bem como com intelectuais, psicanalistas e escritores, *bloggers* e autores de referência da ficção contemporânea da diáspora ou sediados em Tunes, Cairo, Marrocos, etc.

Um ciclo de cinema de filmes clássicos, e da mais recente produção do Grande Magreb, e vários concertos de bandas pop e electrónicas inéditos em Portugal.

A par desta programação específica, teremos connosco o excelente teatro chileno e brasileiro, a fotografia moçambicana, as artes visuais portuguesas, entre outros.

Em suma: sempre, e tanto quanto possível, iremos sentir e acompanhar o espírito do tempo.

OBSERVATÓRIO

DE ÁFRICA E DA AMÉRICA LATINA

AUD. 3, FCG, 09:30-17:30

12 DE MAIO 2012

DIMENSÕES DO DESIGN DE MODA CONTEMPORÂNEO NO CAIRO
SUSANNE KÜMPER, BERLIM

Cadinho de influências culturais islâmicas, africanas e outras, o Cairo é hoje um ponto de encontro global para a arte, os média e o estilo contemporâneos. A revolução egípcia de 2011 trouxe a esperança de uma sociedade mais democrática e mais aberta, mas os movimentos islâmicos conservadores que agora ganham terreno são uma ameaça para os pensadores jovens e inovadores que lutaram empenhadamente para definir um futuro mais promissor. Através da criação de estilos contemporâneos, mas sem deixarem de permanecer fiéis às suas origens artísticas, os jovens *designers* do Cairo ligam a modernidade à tradição e celebram a diversidade cultural e religiosa. Porém, é especialmente durante os atuais desafios e agitação do Egito que se torna mais e mais vital, para a comunidade artística do Cairo, a ligação a sociedades liberais e a redes internacionais de encorajamento profissional e apoio individual. Os que abrem as portas a estes espíritos revolucionários demonstram que, a criatividade verdadeiramente subversiva, nunca sai de moda.

SUSANNE KÜMPER é *designer* de moda. Passou os últimos treze anos entre a Alemanha, seu país natal, e o Egito. De 1999 a 2005 integrou a equipa que criou um departamento de *design* de moda inteiramente novo na Faculdade de Artes Aplicadas da universidade de Helwan, no Cairo – o primeiro deste tipo numa universidade egípcia. Susanne Kümper dirigiu também um ateliê de *design* de moda industrial que colocou ao dispor dos fabricantes de vestuário egípcios as competências necessárias ao *design* e trabalhou em projetos de desenvolvimento económico e de *design* para diversas fundações internacionais e instituições culturais. Faz, desde 2011, *workshops* e seminários de *design* em cooperação com a feira Import Shop, de Berlim, e com *designers* de moda contemporâneos no Cairo.

O ESPAÇO ENTRE – A FOTOGRAFIA DE MAJIDA KHATTARI
MIRIAN TAVARES (COM A COLABORAÇÃO DE SÍLVIA VIEIRA), FARO

Toute poésie est de circonstance (Eugène Delacroix)

A artista marroquina Majida Khattari utiliza a fotografia, as instalações e os desfiles de moda como uma provocação/reflexão sobre o papel do véu no universo muçulmano e no imaginário ocidental. Na série de fotografias denominada "Orientalismes", a artista recria os quadros de Delacroix de uma forma subversiva. A relação com a obra do pintor ultrapassa a mera questão temática e pode ser aprofundada. Paul Jamot, ao falar da obra de Delacroix na Documents nº 5, de 1930, diz que qualquer tema, nas mãos do artista, converte-se numa forma de revelação e numa visão trágica, tanto nos gestos desesperados de homens em luta, como na aparente lassidão das jovens cativas. O uso das imagens orientalistas de Delacroix, por Majida Khattari, absorve o sentido trágico e absorve ainda a ideia da imagem como meio de eternizar e universalizar gestos quotidianos. Os véus que, na sua obra, escondem e desvelam, funcionam como mecanismos que tornam visível o que se quer ocultar. Este é o procedimento utilizado nos seus desfiles-instalações que criam a delimitação de um espaço ambíguo entre eu e o outro. Entre o que se vê e o que se mostra.

MIRIAN NOGUEIRA TAVARES é professora associada da universidade do Algarve, onde dirige o mestrado em comunicação, cultura e artes e a licenciatura em artes visuais. Com formação académica nas ciências da comunicação, semiótica e estudos culturais (doutorou-se em comunicação e cultura contemporâneas, na universidade Federal da Bahia), tem desenvolvido o seu trabalho de investigação e de produção teórica em domínios relacionados com o cinema, a literatura e outras artes, bem como nas áreas de estética fílmica e artística. Atualmente coordena o CIAC (Centro de Investigação em artes e comunicação).

DO IMAGINÁRIO À IMAGINAÇÃO: O LUGAR DO *DESIGN* NO NORTE DE ÁFRICA
FREDERICO DUARTE, LISBOA

Desde Heródoto que a história do norte de África é também a história do seu imaginário. Além das fronteiras da geografia, da religião ou da política, esta região tem sido criada e recriada em formas, imagens, palavras e sons tão díspares como os de Ingres, Le Corbusier, Dizzie Gillespie e Yves Saint-Laurent, mas também de Ibn Battuta, Umm Kulthum ou Abdellatif Kechiche. As profundas mudanças recentemente ocorridas nas ruas e regimes políticos dos seus três novos estados democráticos abriram um novo campo de criação, mas também de projeto, aos artistas e *designers* magrebinos. Numa altura em que toda uma região se reinventa, de que forma pode a arte, mas sobretudo o *design*, contribuir para questionar esses imaginários e encontrar novos lugares para a imaginação dos seus criadores e cidadãos?

FREDERICO DUARTE estudou *design* de comunicação em Lisboa e trabalhou como *designer* na Malásia e em Itália. Em 2010 concluiu o mestrado em crítica de design na School of Visual Arts, em Nova Iorque. Enquanto crítico e curador de *design* tem, desde 2006, escrito artigos e ensaios, contribuído para livros e catálogos, dado palestras e *workshops*, comissariado exposições e organizado eventos sobre *design*, arquitectura e criatividade. Actualmente lecciona na ESAD das Caldas da Rainha e na faculdade de Belas Artes da universidade de Lisboa.

RETRATO DA FUNCIONALIDADE DE PEQUENOS *ATELIERS* DE MODA AFRICANA
SANDRA MUENDANE, LISBOA

Em todos os continentes, o exercício do *design* de moda consiste, numa primeira fase, na elaboração de coleções. Também em África, os *designers* de moda apresentam as suas coleções em desfiles organizados por todo o continente, onde contactam potenciais compradores e trocam experiências com os seus pares, estimulando a competitividade da sua indústria. A vertente mais comercial do *design* de moda está voltada para a conceção de modelos vendidos a retalho, em *boutiques*, o que inclui um contacto direto entre *designer* e cliente. A diferenciação em termos de *marketing* centra-se menos no preço e mais nos materiais e na inovação ou originalidade formal. A forte concorrência entre *designers* com produção em pequena escala abre ainda a possibilidade para a exploração da indústria da moda e do vestuário como alternativa mais rentável, sobretudo aquela destinada à exportação.

SANDRA MUENDANE, *designer* de nacionalidade moçambicana, é licenciada em arquitectura de design de moda pela universidade Técnica de Lisboa, onde efetuou uma especialização em *design* estratégico e inovação. Tem participado em diversos desfiles, exposições, *workshops* e residências artísticas em África, na Europa e na América do Norte.

Kaflab / Design by Tarek Atrissi Design - كافلاب / تصميم طارق عتريسي

PROJETO AL-KAFIYE
TAREK ATRISSI - FUNDAÇÃO KAFLAB, BEIRUTE/NOVA IORQUE

O Kafiye (tradicional lenço de cabeça para homens) é o símbolo mais poderoso oriundo do mundo árabe contemporâneo. Caminhando pelos domínios da rua, da política, da revolução, das indumentárias tradicionais, das tendências e da passarela, o Kafiye transcendeu a sua forma e as suas várias funções, tornando-se mais do que um simples objeto. E se em 2009 o Kafiye era apenas um tópico de pesquisa para dissertações, em 2012 morfoseou-se num tema muito oportuno. Para levarmos mais longe a nossa visão, criámos o Kaflab, fundação cujo objetivo é aplicar o pensamento sobre *design* (desconstruindo para depois reconstruir) à identidade árabe. Ao criar uma plataforma de *designers* e a possibilidade de contar uma história diferente, queremos iniciar um discurso sobre um assunto manchado por estereótipos e negativismo e muito embrulhado com a religião. Na nossa apresentação desvelaremos um projeto ambicioso inclui um *website*, um evento, uma exposição e um livro. Estamos prontos para o plano B ou, antes, para o plano Kaf.

KAFLAB (TAREK ATRISSI E HALA MALAK) é uma fundação que se dedica à re-definição da identidade árabe através do *design*. Partindo da questão inicial "O que é árabe", o Kaflab analisa os elementos, os símbolos e os ícones que realmente definem esta cultura tão rica. O Kaflab foi co-fundado por Hala A. Malak (crítico de *design*) e por Tarek Atrissi, que o representarão. Atrissi dirige um preeminente estúdio de *design* sediado nos Países Baixos, o Tarek Atrissi Design, especializado em *design*, marcas e tipografia árabes.

A PRIMAVERA ÁRABE NA TUNÍSIA – UMA PERSPECTIVA SEMIÓTICA
NUNO COELHO, COIMBRA

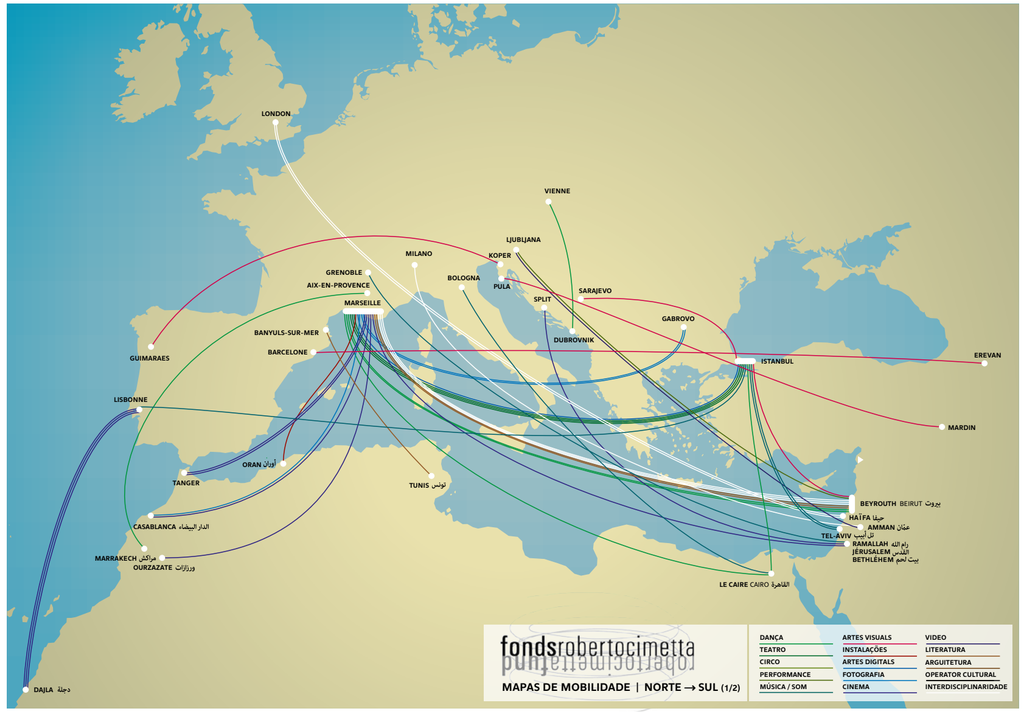
Todo o regime político é suportado por um aparelho propagandístico, visto não apenas enquanto um simples dispositivo informativo, mas como um dispositivo homogeneizador de opinião. A doutrina e a ideologia de um regime político passam inevitavelmente pela iconografia que este produz. Quando um estado sofre uma brusca mudança de regime é natural que a iconografia existente seja rapidamente substituída por um novo léxico visual. Na mudança de um regime ditatorial para um regime democrático, as imagens tornam-se instrumentos usados por partidos políticos, mas também por outras organizações e movimentos sociais para transmitir as suas ideias e mensagens. Na Tunísia, a intensa campanha de resistência civil, que derrubou o regime de Ben Ali, abriu caminho para as primeiras eleições livres do novo estado, onde participaram centenas de partidos e listas de candidatos. Que nova iconografia tem transmitido a mudança profunda de um povo que viveu mais de duas décadas de ditadura e que agora começa a conviver em democracia?

NUNO COELHO é *designer* de comunicação e docente nos cursos de licenciatura e mestrado em Design e Multimédia da universidade de Coimbra. Vive no Porto. Doutorando em Arte Contemporânea na universidade de Coimbra. Master em Design e Produção Gráfica pela universidade de Barcelona. Licenciado em Design de Comunicação e Arte Gráfica pela universidade do Porto. Como *designer* desenvolveu trabalhos para diversas entidades na Alemanha, Espanha, Etiópia, Noruega, Palestina, Portugal e Reino Unido. Apresentou o seu trabalho em exposições e palestras na Alemanha, Austrália, Áustria, Brasil, Espanha, Grécia, Itália, México e Portugal. [www.nunocoelho.net]

A FLUIDEZ DE UMA CIDADE: NOVAS FORMAS DE INTERVENÇÃO NO CAIRO, DESDE JANEIRO DE 2011
OMAR NAGATI, CAIRO

Uma quebra no aparato de segurança do Cairo, em janeiro de 2011, permitiu que, desde então, surgissem novas formas de intervenção urbana informal no espaço público as quais, tanto no seu tipo como na sua dimensão, teriam sido inimagináveis anteriormente. Estas novas formas de intervenção urbana vão, desde os vendedores ambulantes e as lojas que invadem as ruas e os passeios, até às inovações que marginam as autoestradas e as rampas de acesso às estradas circulares construídas pelas comunidades locais. Esta mesma fluidez que produziu novas formas de expressão artística e cultural no espaço público – como *graffitis*, performances de rua, feiras e festivais de arte – motivou indivíduos e comunidades a desafiarem o estado, cada vez mais débil e incapacitado, no processo de formalização e legitimização do seu meio envolvente. Ações como estas podem ser o testemunho de uma sociedade dividida, de batalhas ideológicas em curso ou de combate nas ruas, mas também propõem novos modos alternativos de desenvolvimento urbano 'a partir de baixo' que estão a invadir uma cidade em rápida mudança e que encara um futuro promissor ainda que imprevisível.

OMAR NAGATI, doutorando e arquiteto/urbanista em exercício, vive no Cairo. Licenciado pela universidade do Cairo, estudou e leccionou na universidade de British Columbia e UC Berkeley, dedicando-se especificamente ao urbanismo informal. Nagati adota uma aproximação interdisciplinar a questões da história urbana e do *design*, empenhando-se numa análise comparativa dos processos de urbanização nos países em vias de desenvolvimento. Leciona no Estúdio de Design Urbano da universidade de Ciências e Artes Modernas de Giza e foi recentemente co-fundador do CLUSTER, uma nova plataforma para a pesquisa urbana e iniciativas relacionadas com *design* no centro do Cairo.



MOBILIDADE
DOS ARTISTAS NO MEDITERRÂNEO

FERDINAND RICHARD

Não obstante conferir uma leitura limitada, pelo facto de o Fondo Roberto Cimetta (FRC) não ter sequer a pretensão de ser o único fundo para a mobilidade, cuja ação incide sobre o mesmo perímetro, os mapas da mobilidade, que foram desenhados com base nas bolsas de viagens concedidas em 2011, permitem destacar algumas tendências:

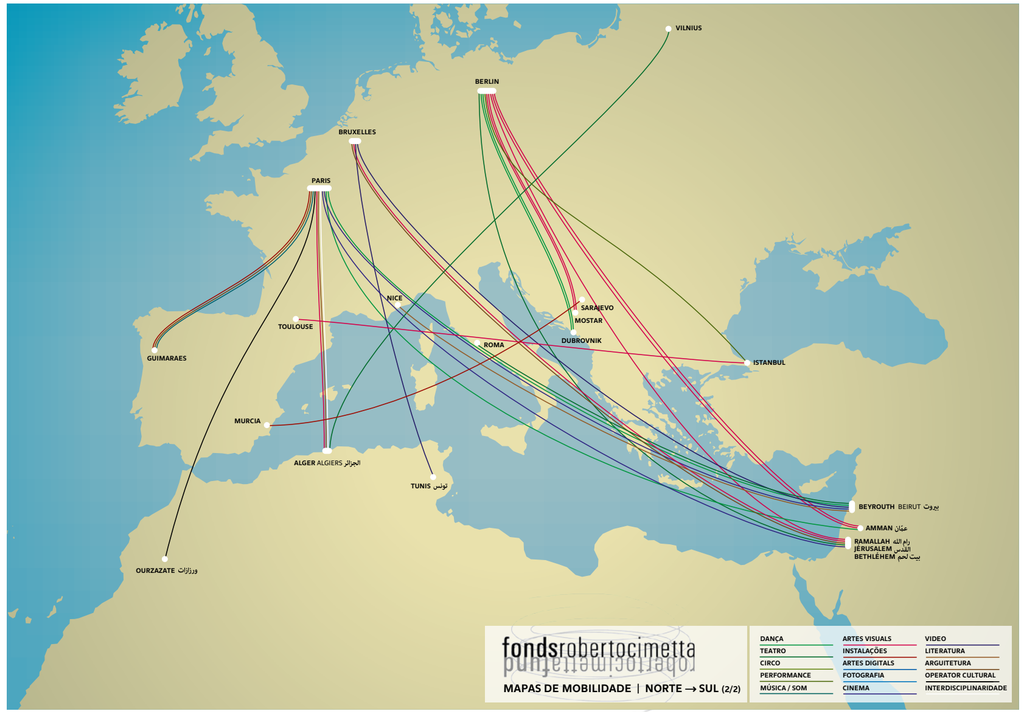
- A primeira perplexidade decorre dos fluxos com o Magrebe quando comparados com os do Machreq, nomeadamente pela sua fraqueza. Deverá isso levar-nos a deduzir que a cooperação cultural da Europa com o Magrebe já goza de um forte enquadramento em termos de cooperação institucional?

- A segunda advém da ausência relativa das grandes capitais europeias enquanto ponto de partida ou de chegada. Deverá isso levar-nos a deduzir que as equipas artísticas nessas capitais europeias têm menos pendor para a cooperação cultural internacional ou, ao invés, que se privilegia outra forma de cooperação cultural internacional sem ser aquela seguida pelas metrópoles regionais?

- Confirma-se que as capitais culturais da UE praticam a mobilidade cultural. Deverá isso levar-nos a deduzir que a aposta das capitais culturais também se joga fora do seu próprio território?

- A mobilidade sul/sul tem pouca presença mau grado todos os esforços de comunicação envidados pelo FRC. Deverá isso levar-nos a deduzir que a cooperação direta Magrebe/Machreq não pode ocorrer sem a intermediação de 'cabecilhas do norte'? Ou ainda que os artistas/operadores do sul organizam a sua mobilidade por intermédio de outros fundos para a mobilidade, no caso vertente fundos árabes por exemplo?

- As artes singulares (artes cénicas, artes visuais) apresentam uma representação maioritária em detrimento das artes duplicadas. Deverá isso levar-nos a deduzir que as indústrias culturais carecem menos de mobilidade ou conseguem criar mecanismos de mobilidade alternativos?



PISO 13

AS PERGUNTAS DA REVOLUÇÃO TRAÍDA NA TUNÍSIA

KAMEL RIAHI

De uma varanda no piso 13 do Hotel África, vejo os telhados da capital enquanto espero o meu amigo, o tradutor italiano Francesco Legio, que está de visita a Tunes para apresentar uma conferência sobre o romance árabe na luta contra a ditadura. Os meu olhar vai longe, saltando sobre os telhados brancos que, rapidamente, se transformaram, aos meus olhos, em túmulos alinhados. Uma estranha sensação de melancolia e réquiem caía sobre mim no primeiro aniversário da revolução tunisina. Olho para a multidão que anda na avenida do presidente. Grandes multidões dão os seus passos numa sensação de desespero, talvez pelo meu sentimento, mas, na verdade, antes de entrar no hotel, vi uma grande desolação nas suas caras, tal como quem recebe condolências. Será que a revolução se suicidou? Levo a cabeça aos céus, num prédio que não os arranha, um edifício alto, órfão e autoritário no coração de uma cidade pequena. O som de um avião próximo rasga uma pobre nuvem perdida num céu azul. Essa cor começou a perturbar a minha disposição, nela desmoronam-se os acontecimentos do 11 de setembro e corro, na imaginação, pelas ruínas distantes.

O suicídio dos aviões do 11 de setembro, que explodiram nas torres gémeas, foi apenas um suicídio simbólico da liberdade de viagem, pois o meio de transporte, que era o barco da liberdade e da vida, tornou-se um instrumento de crime e um barco de terror que traz a morte de um país longe e desconhecido. E o 'outro', que ele transporta, não é mais do que o inferno descrito por Sartre.

Quando o símbolo se suicida, mata-se a ele próprio e aos outros também. Assim fizeram os aviões quando se suicidaram: mataram o sentido em si. Não está muito longe disto a ideia de Pierre Bourdieu, que interpretou a queda das torres gémeas como suicídio simbólico. Será que a revolução e a modernidade suicidara ao explodir, a liberdade no espaço do caos?

É a primeira vez, depois da revolução de 14 de janeiro, que o tunisino se encontra num impasse: quem é exatamente? Essa pergunta não era feita antes; era o tunisino, sim o tunisino. A palavra 'tunisino' encontrava-se reduzida em todo o projeto modernista seguido pela Tunísia desde há um século e, ainda antes, com os movimentos modernistas de Khayreddine Pacha e Tahar al Haddad, entre outros. Hoje é colocada de novo a questão da identidade, pois os termos 'tunisino' e 'tunisinos' deixaram de responder precisamente à pergunta: quem sou eu? Quem somos nós?

Desde o incidente da sala do cinema Africa Art que se instaurou a palavra de ordem 'fobia' entre os criativos e intelectuais. O incidente deu-se quando o cinema Africa Art divulgou, entre as suas atividades, o filme de Nadia Al Feni, "*Nem Deus nem senhor*", que provocou os islamitas extremistas, levando-os inicialmente a protestar em frente à sala. De seguida, partiram a porta envidraçada, irrompendo pela sala numa tentativa de impedir a projeção do filme. O acontecimento suscitou grande polémica e debate entre os intelectuais dentro do país revoltado e, até hoje em dia, a questão não está resolvida.

A seguir vem a questão do canal *Nessma* e o facto de ter passado o filme iraniano "Persépolis", para se repetir de novo a mesma cena de uma forma mais violenta e sanguinária, acusando o canal de passar um filme de desenhos animados no qual foi representada a santa divindade. A saída dos fanáticos, que lideraram as manifestações e os protestos, não coibiu a multidão de se juntar a eles, sob a indução de outros meios de comunicação concorrentes, públicos e privados, para que o assunto passasse a ter outra dimensão e voltasse a ser uma questão de opinião pública. Inclusivamente, a sede do canal foi atacada por centenas de pessoas, instigadas a matar os que aí trabalhavam. Foi também atacado o Ministério da Cultura, que não condenara o canal que, segundo eles, tinha cometido o grande pecado ao divulgar um filme representando a santa divindade. O caso chegou até ao ataque da casa do proprietário do canal onde tentaram matá-lo e à família, explodindo a porta da sua casa com um tubo de gás, ainda que ele tivesse pedido desculpa e reconhecido o erro, publicamente, nos media.

Parece que o reconhecimento do erro agravou ainda mais o problema. Assim, ficámos perante uma nova cena de islamofobia interna, o que nos faz pensar sobre o destino do modernismo tunisino e o futuro da revolução. Sobretudo, porque a emissora foi apresentada como um meio de comunicação alternativo, progressista e modernista, que recrutou pensadores, universitários e investigadores modernistas entre os laicos, assim como moderados e centristas entre os islamitas. Ao pedir desculpas por passar um filme iraniano, que descreve a gravidade do golpe na revolução e a queda da sociedade iraniana nas mãos da inquisição Khomeinita, o diretor do canal surge e mina a sua linha editorial.

No primeiro teste verdadeiro, o canal caía na trégua e nas desculpas, revelando a fragilidade da sua linha editorial e dos seus fundamentos básicos. O capital faz-se sempre cobarde. Evoco aqui a expressão de Justin Bieber «a identidade nunca é ganha pacificamente, mas é apresentada como garantia perante o perigo de genocídio ou exclusão por parte de uma outra identidade». O que fez este canal para defender as suas escolhas comunicacionais e culturais?

Era como se o Sr. Karoui, diretor do canal, fosse um modernista com um negócio por conta própria; sempre que quisesse, podia trocar a mercearia da modernidade por uma loja de venda de vestuário islâmico aos homens. A desculpa é uma forma de liberdade de expressão, mas também feriu essa liberdade de expressão ao reconhecer o poder da rua e a força dos fanáticos obrigando, em seguida, todos os movimentos culturais da sociedade a ficar reféns do duelo de *halal* e *haram* e do 'pode ou não pode ser', colocando num impasse todos os colaboradores com o canal, – pensadores, universitários e investigadores –. Caímos de novo no conflito das identidades parciais e também, podemos assim dizer ao ver o que se está a passar nas ruas repletas de gás lacrimogéneo, explosões e ataques a pessoas e instituições, que já caímos no que foi chamado por Amin Maalouf de "As identidades assassinas".

Enquanto a emissora pede desculpas pelo que fez e recua sobre a sua linha editorial, o povo sai à rua a pedir a liberdade, de novo, em manifestações em massa sob o mote 'liberta-me', levando assim ao aparecimento de muitos outros *slogans* recusando qualquer tutela religiosa sacerdotal, tais como «eu sou livre e a Tunísia é para todos», «liberta-me e deixa-me entre mim e o meu criador», «A Tunísia é um país muçulmano, não de fundamentalistas», «Liberta-me, a minha liberdade também é sagrada», «no dia 14 pedimos a liberdade, não o retrocesso», «antes da revolução tudo era proibido e depois da revolução tudo é pecado», «a nossa voz é mais alta que vossa escuridão», «não leves a minha razão», «Ben Ali não voltarás com ou sem barba». Todas as palavras de ordem estão alinhadas para confirmar que não há escolha senão a liberdade, que o Islão é uma religião de tolerância e que a solução está no diálogo e não na violência, que o povo não dará alguma possibilidade ao antigo regime para voltar de qualquer maneira, mesmo que sob a forma de religião.

Parece que a revolução é uma planta frágil que não pode crescer de uma maneira saudável em sociedades com doenças psicológicas, que ainda não resolveram os seus problemas. A sociedade tunisina, bem como as outras sociedades árabes em geral, precisa realmente de um tratamento psicológico para que se reconciliem uns com os outros. O que se pode chamar ao que se está a passar com Salman Rushdie, por exemplo, na Tunísia? Pois a sua obra pode ser estudada em inglês nas universidades e ser vendida nas livrarias em inglês e francês, mas é proibido que tais obras entrem no país traduzidas em árabe, algo que me levou, há um ano, a trazer o romance "Os filhos da meia-noite" e "Fúria", substituindo as capas por outras, de livros religiosos, para que passassem no aeroporto. Será que existe uma esquizofrenia pior do que esta, que divide a sociedade tunisina numa sociedade que fala línguas estrangeiras com permissões não dadas aos falantes de árabe?

Poucos dias antes das eleições, alguns indivíduos foram proibidos de exibir um trabalho criativo de arte plástica na avenida Bourguiba, sob o pretexto de que tal era ofensivo à moralidade porque encarnava a revolução tunisina sob a forma de uma mulher nua. Assim, a censura implacável na Tunísia, que era previamente monopolizada pelo regime, está agora nas mãos dos indivíduos. Trata-se de um sinal de perigo, o poder político e o Estado têm de devolver o equilíbrio à cena cultural, protegendo a liberdade de expressão dos assassinatos populistas que estão expostos. Os criadores devem ter o espírito de luta para defender os seus ganhos e o direito de expressar livremente as suas preocupações artísticas.

Mas como vamos continuar a ver a revolução viva, quando o candidato do partido vencedor para o cargo de chefe de Estado aparece reclamando o início do 'sexto califado', falando de sinais divinos que lhe deram essa confirmação? E então o que quer o Dr. Marzouki dizer com o nome do seu partido "Congresso Pela República"? Mas o presidente parece imprudente e, com cada novo discurso ou declaração, provoca uma nova cisão ou uma crise diplomática, aqui ou ali.

Tiro a revista Rádio da minha pasta para ler a minha carta ao novo presidente, uma carta que causou polémica entre leitores e intelectuais. Mas eu escrevi-a por causa do medo do futuro do país, quando o presidente pareceu cair antes de entrar no palácio de Cartago e perdeu a confiança dos tunisinos ao agarrar a presidência sem ter autoridade para isso. Escrevi-lhe com raiva uma carta intitulada "Carta ao Senhor Presidente na sua noite azul":

Sr. Presidente, o que vai dizer quando fechar a porta do seu novo quarto e despir o seu fato, atirando-o para longe, vingando-se ao arrumar o espaço que antes era proibido e fora do alcance do sonho? Vai lembrar-se do povo que ainda treme de frio debaixo das cabanas? Será que vai lembrar-se da criança descalça a correr rumo à escola com a barriga vazia? Será que vai lembrar-se das barrigas cheias que comeram a sua pouca carne? O que vai ser o jantar do Sr. Presidente, carne ou peixe? Como será a noite do Sr. Presidente, vermelha ou azul, ou a vitória causa maldição e fica sozinho de mãos a abanar? Será que o Sr. Presidente, quando mexer os seus órgãos todos, no banho quente e macio, lembrar-se-á dos órgãos esvoaçantes dos mártires e dos órgãos fugitivos dos feridos? Será que, Sr. Presidente vai lembrar-se que a sua cama esta noite era a cama do tirano que, tal como o senhor, entrou no mesmo lugar e fez o mesmo gesto, ao atirar o seu fato e sapatos enquanto odeia arrumar o espaço por causa da sua brutalidade campónia?

Olhe para o teto. Nós vemo-lo daí. Todo o povo olha para si. Todo o povo vê a sua ingenuidade e parvoíce da sua primeira noite a rir. Já caiu na armadilha. Tente dormir agora. Nós não deixamos o teto. Tem de habituar-se à nossa presença, liberte-se da sua roupa, a nudez não é apenas ficar sem roupa, ó meu presidente. A verdadeira nudez é despir as suas promessas para começar a tecer os seus pecados.

Sr. Presidente, por favor, não deite as suas meias no sofá como o general fez. Traga-as para o corredor, queremos vê-lo sem que esteja desgostoso. Sr. Presidente, não deite as rosas no corredor. Nós queremos vê-lo a cheirar as rosas da hipocrisia. Sr. Presidente, não insulte os camaradas. Os camaradas têm o direito de não estar na lista da hipocrisia. Sr. Presidente, não se peide no fim da noite. O povo no telhado já não suporta mais peidos. Sr. Presidente, esqueci-me de o avisar que, ao entrar na cama, debaixo dela há um xeque que lhe quer mostrar o caminho certo.

O Sr. Presidente corre sozinho, ganha sozinho, dorme sozinho. Abra a porta, chegaram os brinquedos que encomendou. O Sr. Presidente gostou da cama? Durma agora como quiser. Agora é presidente para toda a vida. Vida das baleias. Sr. Presidente, duas mulheres, mais outra, à porta a pedir as suas partes da tirania: uma de *niqab*, uma com véu e outra destapada. Sr. Presidente, que Deus o proteja. Vai dormir cedo? Sr. Presidente, o Ghandi de África, o nosso carneiro é gordo. Todas as nossas ovelhas são gordas.

O seu *burnous* [vestuário típico e tradicional do Magrebe] é precioso. Sim, sabemos bem que é muito precioso e que o senhor é talentoso e não um eremita, nem Omar Ibn Al Khattab [o segundo dos califas muçulmanos conhecido como governante justo] nem o Mahatma Ghandi. Por baixo do seu *burnous* precioso, há um fato precioso e por baixo do fato precioso há roupa interior preciosa, exactamente como as nossas almas e o nosso sangue que pintaram o tapete vermelho que o levou ao nosso palácio roubado. Durma com calma para acordar, presidente.

Sr. Presidente, obrigado pelo seu discurso, mas queremos informar sua excelência que já não acreditamos nos discursos, depois de experimentar como é ser a lenha! Sr. Presidente, juramos que antes gostámos de si, mas agora odiamos o presidente. Sr. Presidente, parabéns a si que está nele. Parabéns pela viragem que fez. Com um só punho conseguiu ganhar nove candidatos à presidência. Foram nove, Sr. Presidente! Foram candidatos sérios e famosos, mas o senhor derruba-os. Parabéns, Sr. Presidente. Parabéns.

Como Bilal [o primeiro *muezzin* do Islão], vai sofrer abaixo da rocha. Diga agora, único, Deus é único. Será agora que a declaração da fé, o culto e crer em Deus único o vão beneficiar? Parabéns. Parabéns. Nós no telhado rezamos por sim. Amanhã iremos, além de rezar contra si, sentirmo-nos traídos.

Sr. Presidente, confirme-me que Abdellah Al Qusaimi estava errado quando dizia «o revolucionário árabe converte a fraqueza, incapacidade, parvoíce, obscenidade, futilidade, de níveis possíveis, escondidos, adormecidos, silenciosos, brandos, relaxados para níveis reais, barulhentos, emocionantes, ativos e visíveis, legíveis e selvagens. Ele converte a ocultação e a inércia em inatividade e difamação. Ele lê as suas deficiências e incapacidades em voz alta nos mercados, clubes e ruas. Ele lê de uma forma mundial». Prove-me que ele foi injusto e prejudicou os revolucionários árabes. Prove-me que era insanidade e rancor, ainda nós não havíamos nascido, quando ele disse isto:

«Cada revolucionário árabe deve ser mais violento e rude no âmbito científico, intelectual, psicológico, moral e também linguístico, do que aqueles contra quem se revoltaram naquela altura para os fazer cair. Cada revolucionário árabe deve ter mais tirania, agressão, estupidez, futilidade, arrogância e barbaridade psicológica».

Como não gritar: «Ó vergonha, ficaste com a glória»?

Durma, durma, durma bem, Sr. Presidente. Nós no telhado vamos protegê-lo, não pense em tirar-nos de lá de cima porque vamos cair sobre si.

Sr. Presidente, parabéns.

Acabei de ler a carta e inclinei-me para abotoar os sapatos e sussurrar para a multidão, que caminha por baixo de mim e não me vê: «Cuidado! Nunca tirem os sapatos».

De repente, pareceu-me que toda a multidão ia em camisas brancas, curtas, caminhando num enorme funeral dentro de um cemitério lotado.

Pareço-me com o gorila que no "King Kong" recebe, desesperado, as últimas balas. Realizar-se-á o que escrevi no meu romance? E o país cairá na escuridão? Ah, o piso 13. Tenho de sair imediatamente. Eu preciso de esperança. Corro para fora da sala procurando o elevador.

AS APOSTAS DOS MOVIMENTOS ISLÂMICOS NA ARGÉLIA

DR. WACINY LAREDJ

MOVIMENTAÇÕES NOVAS OU ANTIGAS?

As grandes movimentações que estão a ocorrer no movimento islâmico na Argélia parecem óbvias e nada têm de espontâneo. Tornou-se pública a sua existência e independência do regime, de uma forma clara. Não há dúvidas que este movimento conseguiu adquirir uma inegável experiência, seja na oposição pacífica em geral – excluindo os movimentos islâmicos militarizados, tais como os Grupos Islâmicos Armados e o Exército Islâmico de Salvação, que se renderam na base de um acordo prévio, no âmbito da reconciliação nacional oferecendo protecção para os seus membros – seja nos corredores do poder, tal como fez o Movimento da Sociedade da Paz (MSP), que suportou a responsabilidade de dirigir o Estado nos últimos anos como um membro da coligação presidencial, que supervisionou a política do Estado.

Esses movimentos tentam agora capitalizar este momento com as mudanças emergentes na cena internacional, que afastou o tabu sobre as suas práticas extremistas e aceitou negociar com eles de uma forma pragmática. Ao mesmo tempo, obrigou-os a entrar no jogo democrático e a adotar o resultado obtido nas urnas como a única via para chegar ao poder e, esses movimentos, sabem que a situação atual é atingir esse objetivo. O primeiro passo surgiu na preparação para as próximas eleições legislativas, que começaram o conflito eleitoral, obtendo boas expetativas para chegar ao poder, levando ao reaparecimento desses movimentos na cena política. E, com esta nova decisão de reentrar no mundo da política, o partido não quer responsabilizar-se pelos fracassos e corrupção que marcaram parcialmente a fase anterior, sendo talvez a saída do MSP, da aliança presidencial, a melhor prova que justifica esta atitude. O segundo movimento que está a viver mudanças fundamentais, que devem ser resolvidas antes das eleições, é o Partido da Frente de Libertação Nacional (FLN), que envelheceu sem ser profundamente renovado, exaltando assim grande parte da sua base para a necessidade de uma mudança e reforma. A resposta do secretário-geral do partido consistiu em abrir a porta do porto aos restantes membros do FIS, já que este partido se encontra proibido de voltar à cena política. A Frente de Libertação Nacional (FLN), por sua vez, procura um toque islâmico que lhe permita entrar nas eleições e garantir a presença no jogo político, como se a via islamita se tivesse transformado em destino inevitável.

Numa situação como esta, é preciso um verdadeiro debate nas bases dos diferentes partidos, o que tem sido feito até agora. Estes partidos, que se preparam agora para as eleições, enfrentam vários debates. O grande dilema do MSP e da FLN reside na governação, pois ambos estavam na coligação presidencial suportando assim o peso de tudo o que aconteceu ao longo deste período que já ultrapassou uma década. Esta época teve momentos luminosos, designadamente ao nível das infraestruturas, que viram uma grande mudança na área das estradas, meios de transporte, ferrovias, aeroportos e metro; e no domínio das águas, que colocou o país numa situação de maior segurança, depois da construção de muitas barragens e bases de tratamento de água. No entanto, esta altura também teve muitos pontos negativos, como a corrupção que aumentou exponencialmente nos últimos dez anos. O desemprego, os despedimentos e a emigração ilegal são problemas de todos e prejudicaram a coligação presidencial. O único partido, que aparece quase garantidamente com um trunfo, é a Frente da Justiça e Desenvolvimento (FJD), de Abdellah Jaballah, cujo nome deverá ser reconhecido brevemente. O seu partido Ennahda, que presidiu nos últimos anos, enfrentou violentas transformações e mudanças, impelindo-o a mudar o nome várias vezes, sendo o mais recente FJD, que deverá ser o seu veículo nas próximas eleições. Jaballah manteve-se entre a aparição e a ocultação com grande poder crítico e claro oportunismo; um passo para a frente e dois para trás, esperando por dias melhores, o que lhe deu alguma autonomia.

O TRUNFO DE JABALLAH?

Jaballah pertence ao Movimento Internacional da Irmandade Muçulmana, como alguns membros do Movimento Sociedade de Paz, que se concentrou na sua política aplicada à realidade argelina, iniciada pelo seu líder e fundador, Sheikh Mahfoudh Nahnah. Nada enfraquece Jaballah, ao contrário do MSP, que só pode justificar a sua presença na governação, isto é, na coligação presidencial aceitando tudo o que aconteceu com uma visão crítica e dinâmica. É que a saída do MSP da coligação não resolve o problema, mas sim complica-o muito, pois ao não responsabilizar-se, sem reconhecer o negativo e o positivo do período anterior, não se posicionará como uma força política e cairá no jogo de fugir para a frente, que de pouco lhe servirá nas eleições.

O mesmo vale para a FLN, que precisa de uma violenta agitação. Parece que Jaballah nestas situações políticas complexas, num jogo de novo espectáculo, estando de mãos limpas, tem mais condições do que os outros para ganhar e governar. Pode facilmente repetir o caso da Ennahda Tunisina. As suas últimas deslocações entre embaixadas de países europeus e anglo-saxões permitiram aferir que o ocidente aposta bastante nele e isso não é absurdo. É antes uma das opções que têm como base estes dados objetivos e esta leitura da situação política no contexto da difusão islâmica no mundo árabe.

A luta entre o Partido dos Trabalhadores de Luisa Hannoun e Jaballah ou entre Ahmed Ouyahia – chefe do governo e presidente do partido no poder, a Aliança Nacional Democrática (AND) – e os islamitas, que exigem a sua demissão antes das eleições legislativas, mostra a gravidade da situação que os argelinos vão encontrar em breve. Mostra também, de uma forma muita clara, a grande fraqueza vivida pelo movimento democrático argelino, aparecendo neste momento desconexo e sem apresentar qualquer alternativa real face aos partidos islamitas que começaram a posicionar-se melhor.

Os cinco partidos democráticos – Reunião para Cultura e Democracia, Partido dos Trabalhadores, Frente dos Forças Socialistas, Frente Nacional Argelina e Reunião Nacional para a Democracia não oferecem qualquer proposta nesse sentido, não congelando temporariamente as divergências que estão a enfrentar e não se unindo para sair do cerco do isolamento, não encontrarão assim peso e força para as próximas legislativas. O estado de fragmentação democrática oferece grandes oportunidades para o partido de Jaballah ir longe na sua corrida ao poder. Ao contrário da FIS, a base de Jaballah é formada e culta e pode trazer os militantes do FIS que respeitam o líder do partido, um grande defensor da sua causa, através do que considerou ser a opção do povo quando o processo eleitoral parou em 1993. A FIS, estando proibida, pode dar sinal à sua base adormecida, mas que cresce em massa para votar em Jaballah. Em parte, devido às deceções sucessivas provocadas por um regime que falhou na resolução dos grandes problemas, tais como o emprego, a habitação, a corrupção financeira, administrativa e social: dilemas que drenam o país e as suas energias, apesar dos esforços feitos pelo Estado nos últimos anos.

Estas eleições estão abertas a todas as possibilidades e não é nada improvável que a Argélia possa seguir a difusão islâmica que está a invadir o Magrebe árabe, apesar de algumas frações do movimento islâmico terem um legado sangrento e efectivo na década negra, ao contrário da Ennahda tunisina e da Justiça e Desenvolvimento em Marrocos, que apresentaram novidades em tudo, até na aposta democrática. Os próximos meses dar-nos-ão respostas possíveis sobre o que vai acontecer na Argélia. Será credível o discurso de Luisa Hannoun, secretária-geral do Partido dos Trabalhadores Trotskistas «a chegada dos islamitas ao palco do poder após estas revoluções não é inevitável, nem é uma escolha popular»?

RETORNO DO FILHO PRÓDIGO?

É o retorno do filho pródigo? Dentro desta nova decoração política e desta movimentação sorrateira, a FIS, por sua vez, está a preparar-se para quebrar todos os obstáculos e proibições numa situação mundial propícia. Está também a preparar-se para entrar no jogo eleitoral com muita força, sem crítica prévia, pela sua inexperiência governativa, num discurso de vingança que ultrapassa os vinte anos. Este movimento não é diferente do antigo partido FLN, que começou a afundar-se nas suas divergências, podendo resultar num golpe devastador para o partido depois das legislativas, principalmente no caso de não ganhar.

Apesar da herança sangrenta que marca o passado do FIS e que causou amarguras na década negra, este continua a usar o seu eterno discurso de vítima como trunfo, afirmando a ideia de que o regime roubou a sua vitória nos anos noventa. E, para tal, disponibilizou meios técnicos previamente utilizados, contando com o seu valor e capacidade de influência, pois, no auge da crise dos anos noventa, e para fazer ouvir a sua voz, usou os meios de comunicação estrangeiros para se projetar internacionalmente. Já anunciou, de forma indireta, a criação de dois canais televisivos: o canal Arrachad, ligado ao Partido Rachad, claramente simpatizante com o FIS, que retransmite os discursos dos seus líderes, como Ali Belhaj, e destaca fortemente a criminalização do regime; e o canal Almaghiribia, no qual se encontra por trás Osama Madeni, filho de Abbas Madeni, responsável oficial do dissolvido FIS.

Não é estranho dizer que, o que está por trás da queda de muitos regimes árabes, são os meios de comunicação social visual, liderados pela Aljazeera, com profissionalismo e objetividade, apesar de poder dizer-se que este objetivo foi esquecido várias vezes em detrimento da política direta. Os dois canais tentam apresentar relatórios negros sobre o regime, mas a falta de profissionalismo e inteligência comunicacional não facilitam a tarefa de desempenharem o papel necessário.

UM REGIME EM ESTADO DE ESPERA OU AGONIZANTE?

Por outro lado, mergulhado nos seus problemas, o Estado não fez nada de significativo para melhorar o seu único canal, como se os graves dilemas que o rodeiam não lhe interessassem, problemas que não podem ser resolvidos com os atuais discursos e convicções dormentes. Não basta ao Estado combater o terrorismo e as vias de passagem de armas nas fronteiras do deserto, que são de facto arsenais perigosos, mas sim formar uns média reais, que possam transmitir local e internacionalmente as ações do Estado. Sem criar uma comunicação resistente, forte e profissional, que siga a objetividade até ao fim, nunca se pode esperar a novidade. Pelo contrário, e na ausência de um equilíbrio comunicativo, as pessoas recorrerão, com base numa sensibilidade natural, a discursos mais radicais e elaborados contra o regime. E isto não faz falta aos meios de comunicação árabes e internacionais, pois a Argélia não está muito longe da situação geral no mundo árabe, mas sim no núcleo desta. Os discursos oficiais enfatizam o oposto, baseando-se na ideia de que o povo odeia as antigas práticas dos islamitas. Contudo, isso não é suficiente, pois havia uma estrutura social adormecida que não morreu: uma estrutura não educada que, se lhe for dada oportunidade de se expressar livremente, poderá vingar-se do regime (que, por sua vez, apesar das conquistas, permanece impopular). Se o ato político é medido pelo amor e ódio, pela sua continuidade, rigidez e falta de mudança, assim ele permanecerá. A situação pede mais do que uma pergunta. O reposicionamento dos islamitas não é uma questão temporária, mas são apostas políticas nacionais e internacionais, porque se apresentam como alternativas num tempo muito próximo. A importância da tragédia da Argélia e a década negra que rasgou a sociedade não constituem uma válvula real de segurança. Somente reformas radicais e reduções do pequeno e do grande egoísmo podem dar ao país a possibilidade de uma transição pacífica ou de menor desgaste para a democracia. Mas as reformas, exceto o bombeamento de milhões de dólares nos ordenados, não parecem claras e estratégicas. Esse bombeamento, que tem atormentado as garantias financeiras que diminuíram significativamente, é importante só quando acompanhado por uma reforma real e radical do regime, do sistema de governação e da administração, colocando os interesses do país acima de tudo. Caso contrário não há sentido para tal, porque ocorrerão licitações por parte de diversos setores beneficiados, obrigando o Estado a pagar mais concessões para grupos poderosos, sem mencionar o risco de inflação, a aparecer no horizonte, que não pode ser protegido pela liquidez para a cobertura que ultrapassou os setenta mil milhões de dólares e ouro. Mas isso pode dissolver-se rapidamente como uma nuvem de verão, se a situação continuar como está, sem mover a máquina da produção e acabar com a corrupção e o monopólio da administração, que se transformou num verdadeiro cancro e num polvo que impede o país de dar qualquer salto qualitativo.

As próximas expectativas trazem todas as esperanças, assim como riscos para Argélia. Talvez a aposta básica da partida seja jogar com o tempo que se tornou limitado e que obriga os chefes do Estado a estarem atentos. Aproveitar ao máximo o tempo, para evitar que o país passe pelo mesmo que a Líbia e que, actual e particularmente, a Síria, derivado da semelhança dos regimes em geral, antigos e com poucas transformações ao nível da sua estrutura tribal, regional e étnica que determina os diferentes interesses, apesar das variações formais entre cada regime. A grande dificuldade reside em a Argélia ser maior do que a Líbia e a Síria, tendo grandes problemas. Problema da necessidade de renovar o regime? Problema de desvio de armas pela fronteira sul para alimentar o terrorismo? Problemas linguísticos e regionais? Problema dos Tuaregues que está a cozer em lume brando? Problema de Cabília usado por alguns partidos como o MAK, Movimento da Independência de Cabília de Farhat Mhanni. Mesmo que ainda não tenha força real, até na zona de Cabília, pode ser transformado em reservatório quando a situação se agravar e tornar-se-á pertença étnica e regional, a via mais curta e a solução mais segura, em particular à luz da situação internacional que está a criar vários cenários. Os dois modelos – o iraquiano e o sírio – são semelhantes aos da Argélia e são terrenos férteis para receber lições e perceber mais. Quem teria imaginado um Iraque sunita e um Iraque xiita depois de séculos sucessivos de tolerância, apesar das muitas manobras do regime de Saddam? Quem teria imaginado que a estrutura religiosa na Síria – cristã, sunita, xiita, druze e alawita... etc. – poderia ser agitada vigorosamente em menos de um ano?

O modelo libanês, que criou um estado ilusório, é o modelo que aparece no horizonte. A Argélia deve prestar atenção a estes factos, porque dormir e tapar os ouvidos e cantar a revolução e a unidade nacional não beneficiam em nada. O que é possível reformar hoje pode não o ser amanhã. Acelerar a questão da reforma não é apenas uma questão necessária, mas sim uma questão muito importante, pois a continuação do Estado é associada a essa reforma, à luz das situações e opções internacionais atuais.

NERMINE HAMMAM

| MA'AT

Nunca esquecerei Aquela que concede a felicidade; Ela é, ó Mãe, a que, sob a forma de Lua, Cria o mundo repleto de sons e dos seus significados, E de novo, pelo Seu poder, sob a forma de Sol, Ela é a que mantém o mundo. E, de novo, Ela é a que, sob a forma de Fogo, destrói todo o universo no final dos tempos.

"Cântico tântrico à deusa Shakti". John Woodroffe, também conhecido como Arthur Avalon, ed., *Hymns to the Goddess* (Londres: Luzac, 1913), rep. ed. *Forgotten Books*, 2008, p.17.

Numa primeira impressão, *Ma'at* surge como uma série de autoretratos. Cada um deles exibe o meu rosto, visitante parasita que parece enxertar-se nas minhas criações, como se a autora fosse o único objeto, e central, do processo criativo. A importância fundamental do rosto nas interações humanas pode facilmente convencer-nos dessa leitura visual, onde peças decorativas periféricas são acopladas a um crucial retrato de si própria trabalhado com *photoshop*. De facto, o contrário disso foi justamente o que aconteceu.

Estas imagens são uma reação ao meu ambiente exterior instável, um ritual xamanístico transformador, para evocar a harmonia e restaurar a ordem. As minhas mulheres guerreiras combinam os símbolos dos poderes masculino e feminino num só símbolo. Ao unir estas energias oponentes, *Ma'at* adota uma qualidade transformadora, pedindo ao universo uma cura e recalibragem através da arte.

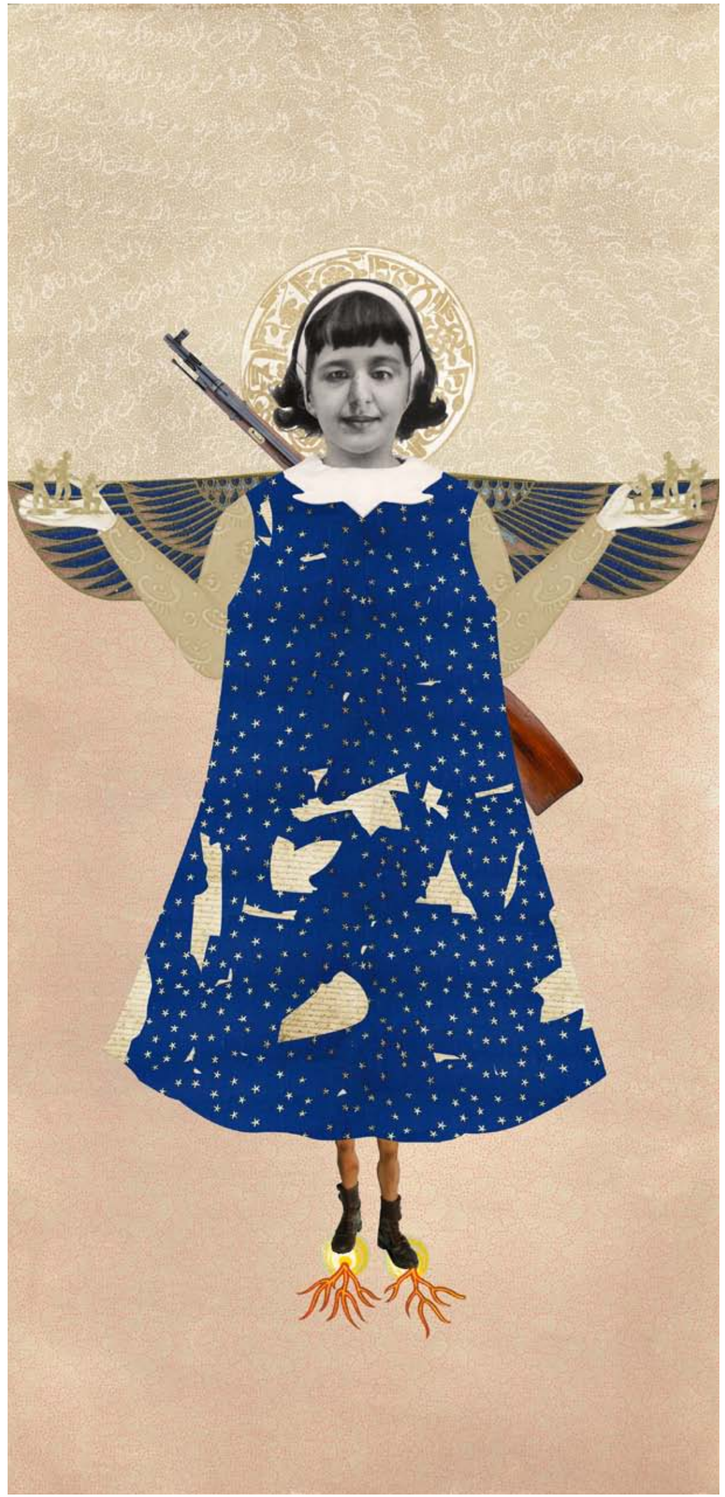
No meu percurso conheci os gémeos captados por Diane Arbus, encontrei retratos de Frieda Kahlo e Oum Kalthoum e tropecei em velhas gravuras de gueixas japonesas. Essas imagens falaram-me da pose e de me fotografar a mim própria nos exatos estados emocionais que cada imagem trazia consigo. Compeliram-me a incorporar a força servil, a submissão vitoriosa ou a inocência preversa que pertencem ao mosaico da mulher arquetípica. Foi como se essas imagens possuíssem a artista atuante, atraindo-me até si, instigando-me a unir-me à sua superfície bidimensional e esborratando as fronteiras que existem entre o artista e a arte. Exigiram ser canalizadas, pediram que um vaso vivo transportasse o seu conteúdo, esta substância universal, porém íntima, de que são feitas.

Como tantas sereias, pediram-me que as incorporasse na realidade e depois que as traduzisse noutro ser, fragmentado e pictórico, uma colagem de vários cantos subterrâneos do inconsciente coletivo que se encontravam no papel para produzir uma totalidade cujo alcance vai para além da soma das suas partes. Um todo imbuído de uma vida própria, que se movia, respirava e se comportava como se fragmentos alietórios da mulher, oriundos de dimensões e tempos díspares, se tivessem finalmente encontrado uns aos outros numa improvável exibição de harmonia e unidade. Esta obra vem de qualquer coisa inconsciente; sangra para o subconsciente colectivo da humanidade, das mulheres. Um todo é criado a partir de todas estas partes, muitas partes, símbolos subterrâneos que se 'unem' para criar uma completude. Uma mulher completa, talvez.

Estas completudes agiram como pequenos buracos no meu inconsciente, um ser poroso deixando passar projeções parciais que colidem e conspiram num íman subliminal chamando a si emoções cruas, incompreensíveis. Eu não estava a fotografar-me a mim própria, estava a usar o meu rosto como pretexto para 'deixar passar' qualquer coisa inteiramente diferente e estrangeira. Uma entidade externa que já era uma parte de mim mas que eu não podia exprimir excepto através destas imagens, através da incitação ao ato, ao ser outro, que elas representavam. A docilidade de um Jesus feminino, gentilmente levado até à cruz, como uma gueixa japonesa, ou a fragilidade desafiadora de uma falsa deusa feminina, grandiosamente de pé sobre a lua com as suas pernas de Vénus, ainda agrilhoada ao seu aspeto físico; sem halo, porém tendo alcançado alguma coisa ainda mais poderosa, suspensa sob os seus pés. A força delicada de um soldado tipo Portman, armado com uma espingarda – substituindo o braço dela por uma arma comprida – um biónico ou talvez uma mão horripilantemente mutilada; o sofrimento abatido de uma altíssima Kahlo alquímica misturado com o céu antiquíssimo da deusa Nut.

Todas estas imagens são atravessadas por Talasem, os textos sagrados, ilegíveis, herméticos, lembrete de que estas mulheres apenas me revelaram parte do seu segredo, que eu ainda não consigo compreender inteiramente, que me levaria toda uma vida a entender todas e a encarná-las verdadeiramente.

Tudo começou com esta compulsão, que é primeva, para incorporar todas as mulheres que eu admirava, desprezava ou em que desejava tornar-me. Tornar-me uma com o arquétipo feminino. Inesperadamente, tinha-me rodeado de uma família peculiar, de uma constelação de personagens todas elas relacionadas comigo, que exibiam o *air de famille* característico dos grupos de indivíduos provenientes de uma única fonte e, contudo, todos nitidamente diferentes. Como se eu pudesse ser mais que eu própria; como se, no centro da unidade, houvesse uma *mandala* em vez de uma página em branco, uma explosão de pedacinhos de padrões misteriosos onde se tinha visto um único ponto.



Nermine Hammam
sem título (da série "Ma'at"), 2011

نيزمين همّام
بدون عنوان (من سلسلة "ماعت")، ٢٠١١م

Como bonecos de vodu, as suas mulheres guerreiras, sucessoras da antiquíssima deusa egípcia Ma'at, evocam o poder transformador da arte, um chamamento ritualístico para a restauração da ordem e da harmonia. Sua é uma celebração da simbologia arcaica que aponta para verdades antigas escondidas ali, logo debaixo do fino verniz da política, das ideologias e da religião.

Nascida no Egito em 1967, Nermine Hammam é uma fotógrafa egípcia que vive e trabalha no Cairo. Como artista que é, fotografa o mundo alterando depois as imagens que recolhe: as suas obras são composições intrincadas de camadas de imagens e símbolos, transformados através do prisma de uma estética que combina a manipulação digital e a pintura criando uma tapeçaria muito complexa e pessoal.

Hammam obteve o seu Bachelor of Fine Arts em cinema, na Tisch School of Arts da Universidade de Nova Iorque, e prosseguiu trabalhando para a Simon & Goodman e com o famoso realizador de cinema Youssef Chahine. Em imagens que são um tributo a artistas como Diane Arbus, o realizador sueco Ingmar Bergman e o realizador russo Tarkovsky, Hammam procura indivíduos em estados de abandono, de marginalização ou de consciência alterada, desvelando implacavelmente a vulnerabilidade que se esconde por trás da máscara, a fragilidade por trás da arma e as estruturas de poder escondidas no seio da unidade familiar. Como as fotografias de rodagem de um filme, relacionadas no tempo e no espaço, as suas imagens formam sequências narrativas fortemente influenciadas pela sua experiência como realizadora.

Interessada na natureza subjetiva da realidade, Hammam subverte o estereótipo, desmascarando-o em toda a sua bi-dimensionalidade e obrigando-nos a questionar os limites das imagens que retemos na mente e tomamos por engano como verdadeiras. Ela vasculha o centro do nosso subconsciente coletivo brincando com os símbolos comuns a que vamos buscar sustento e conforto. Na sua obra, a conhecidíssima imagem de Estaline agarra Cristo, empunhando uma arma, numa pose em tudo reminiscente da Madona com o filho. Estereótipos de género ou estereótipos militares podem tornar-se significantes sem sentido em imagens que perseguem a fonte do verdadeiro poder num equilíbrio cauteloso entre energias opostas do universo. Na obra de Hammam, "stasis" é representada como uma utopia cativante mas impossível. A artista, contrariamente, envolve-se com o estado de fluxo contínuo que opera dentro de nós e à nossa volta.

A obra de Mermine Hammam tem sido amplamente exposta e está presente em diversas coleções privadas e públicas em todo o mundo, inclusivamente em bienais internacionais como a Bienal de Fotografia de Bamako, no Mali (2011), a X Bienal, em Cuenca, no Equador (2009), e a Bienal de Fotografia de Tessalonica (2009). Na década passada, a sua obra foi mostrada em mais de cinquenta exposições internacionais, tanto a solo como coletivas, em todo o mundo.

Nermine Hammam
sem título (da série "Ma'at"), 2011

نيزمين همّام
بدون عنوان (من سلسلة "ماعت")، ٢٠١١م

REVOLUÇÕES, TRANSIÇÕES E VIOLÊNCIAS POLÍTICAS

MOHAMED KERROU

Algumas revoluções assemelham-se a tempestades violentas que pouco mais deixam senão um rasto de devastação por onde passaram; ora desenraízam, ora submergem, conforme os sítios, pautando-se por uma lógica complexa que apesar de inteligível, no essencial, permanece misteriosa. O mesmo se aplica às transições que sucedem às revoluções; como rios que nascem no fundo dos vales e tomam o seu curso para se espraiar, consoante as possibilidades circundantes, quer se trate do meio natural ou da vontade humana. Se qualquer revolução é imprevista, a transição é fundamentalmente incerta e indeterminada quanto ao seu dever histórico. Pese embora as suas diferenças, quer as revoluções quer as transições partilham de um elo orgânico com as violências políticas – físicas, materiais e simbólicas – que as produzem e as reestruturam em função de ritmos variados e descontínuos. Esse elo decorre da interação entre violência e poder, dado serem as lutas políticas a impor o recurso à força e «o reinado da pura violência se instaurar quando o poder começa a fraquejar», na análise de Hannah Arendt. Assim sendo, a violência está inscrita nos primórdios e no término de qualquer poder, tal como de qualquer dominação. Encontra-se no fundamento do político e do elo social mas, na sua forma extrema de brutalidade, atinge as raias do irracional e subtrai-se à análise.

Porque foi fulgurante, assumindo um caráter civil, jovem e pacífico, a revolução tunisina de 2010-2011 é inédita na História universal. Além de poder ser considerada uma revolução razoavelmente não violenta, poucas houve com essas características – segundo a ONU, o balanço de vítimas ascende a 300 mortos e a 700 feridos –, constitui um acontecimento menos político e nacional e mais de cariz poético e global. Com efeito, as suas palavras de ordem, simultaneamente concisas e eloquentes, foram urdidas em função de diversos registos linguísticos e culturais; disso é testemunho a carga e propagação de *slogans* como: *Le peuple veut la chute du régime*[1], *Dégage*[2] e *Game over*[3]. Estes dois últimos resultam claramente da abertura ao mundo exterior enquanto o primeiro, que foi e continua a ser a palavra de ordem prevalecente dos contestatários, se inspira num célebre refrão de A. Chebbi (1909-1934), um poeta romântico tunisino:

Si un jour le peuple revendique son existence,
Force est pour le destin de répondre;
Force est pour les ténèbres de se dissiper, Force est pour les chaînes de se briser[4].

Além disso, as bandeiras erguidas a 14 de janeiro de 2011, no dia em que o ditador se foi embora, assim como por ocasião das inúmeras manifestações durante o período da transição, que ainda perdura, não decorre, ao contrário das mobilizações do período entre as duas guerras, de nenhuma lógica nacionalista, mas sim do facto do povo se voltar a apropriar de uma simbólica coletiva usurpada pelo poder instalado. Tanto que, a bandeira nacional serve para marcar o distanciamento em relação ao Estado-nação e aos movimentos político-religiosos, nomeadamente de tipo militante pan-islâmicos: bandeiras negras onde constam versículos corânicos, inscritos a branco, ou faixas de partidos políticos como aquela de tonalidade predominante azul do movimento islamita *Ennahdha*.

A revolução tunisina resulta de um movimento contestatário essencialmente dinamizado por uma juventude sedenta de liberdade e desejosa de dignidade, dada a injustiça a que foi sendo submetida. Reconquistou-as mercê das lutas e das vitórias sobre a ditadura que acabaria por desabar. De entre os meios que favoreceram essa lenta desagregação da ditadura, a internet e as redes sociais, mormente o *Facebook*, desempenharam um papel inegável publicitando, a nível nacional e internacional, as ações de terreno levadas a cabo pelos jovens economicamente marginalizados e politicamente humilhados e não reconhecidos. Em apoio a esses jovens somaram-se sindicalistas, advogados, docentes, artistas, militantes dos direitos humanos e, no seu conjunto, as classes populares e médias, inclusive a burguesia, todos eles apostados em pôr cobro ao regime policial e mafioso do presidente Ben Ali.

Outro dado, igualmente notável no quadro das mudanças sociais e políticas da sociedade tunisina e observável nesse trecho da nossa História, refere-se à criatividade cultural, que acompanhou esse ímpeto pela liberdade individual e coletiva. De tal modo que, compositores e cantores de *rap*, músicos de arte popular como os tocadores de Mezoued[5], caricaturistas, fotógrafos, humoristas e outros promotores de escrita satírica e do espectáculo bufo inventaram múltiplas formas de expressão refletindo uma extraordinária vontade de emancipação, de autonomia e de rutura em relação à ordem até então dominante.

A revolução tunisina, iniciada pelo espectacular ato de imolação de Mohamed Bouazizi, um jovem vendedor ambulante, abriu um insuspeitável horizonte de políticas possíveis, desde logo pelo eclodir do ciclo das "revoluções árabes", acendendo o rastilho dos sucessivos levantamentos populares no Egipto, no Iémen, na Líbia, na Síria e no Bahrein, das reformas em Marrocos e na Argélia bem como o movimento de indignados que grassou pela Europa – de Barcelona a Moscovo – e em muitas cidades americanas, podendo vir a estender-se por todo o lado ao sabor da crise económica e financeira mundial.

Em estreita relação com as revoluções, as transições políticas referem-se a processos de passagem do autoritarismo para a democracia. Porém, a democratização não resulta apenas do desmoronar do regime autoritário e – desse prisma – a revolução não oferece antecipadamente garantia nenhuma, não se afastam involuções e regressões. Hoje, na Tunísia, uma preocupação está na ordem do dia perante a vitória eleitoral dos islamitas, de resto como aconteceu nas eleições no Egito, ao ponto dos médias ocidentais que inventaram a expressão "primavera árabe" a terem vindo a substituir pela expressão "outono árabe", não menos abusiva.

Observando as coisas de mais perto, no pós-revolução, a Tunísia passou por dois tipos de transições: uma pré-eleitoral e uma pós-eleitoral. A primeira durou aproximadamente dez meses e assistiu à formação de três governos dirigidos por ilustres personalidades do 'antigo regime', com o beneplácito mais ou menos consentido da classe política e da opinião pública. A segunda iniciou-se no rescaldo do escrutínio de 23 de outubro de 2011, que deu a vitória ao partido islamita *Ennahdha* e levou à constituição de uma coligação formada por três partidos políticos – *Ennahdha*, *Congrès pour la République*[6] (CPR) e *Ettakatol* – partilhando entre si o poder na assembleia constituinte, na presidência da República e no governo, após dois meses de renhidas negociações. Hoje em dia, essa *troika* confronta-se com o desafio de uma contestação crescente por parte de uma sociedade civil viva e cujo pivô, a central sindical, censura o governo não só pela 'guerra dos caixotes'[7] orquestrada por uma 'milícia da sombra' mas também pela sua incapacidade em resolver os problemas reais do país, ou seja, o desemprego, a pobreza, a injustiça social e a proteção das liberdades individuais. Acresce a isso um ambiente danoso que arrastou uma perda de confiança em relação a uma equipa dirigente que demora em cumprir as suas responsabilidades relativas à redação da Constituição e que aborda desordenadamente a gestão política dos assuntos correntes.

As violências políticas nunca deixaram de estar ausentes nestes dois períodos embora, no cômputo geral e comparativamente a outros países árabes onde se deram insurreições, tenham sido relativamente controladas e circunscritas em termos de intensidade e extensão espacial. Não obstante, num futuro próximo, correm o risco de alastrar e agudizar-se em virtude das tensões sociais, dos crescentes conflitos políticos e das ameaças de atos terroristas. Daí ser pertinente procurar saber de que violências o país foi recentemente palco e que rumo seguem essas violências políticas?

Ao longo do processo revolucionário, durante o período de um mês, a Tunísia foi alvo de uma 'violência libertadora' na sequência do 'braço de ferro' que se instaurou entre a praça pública e o aparelho policial do poder. Mau grado o registo de várias vítimas – mortos e feridos – por balas, os tiros das forças da ordem não deram cabo da vontade de um povo que andava exasperado pela ditadura e que, volvidos 23 anos de servidão, se conseguiu erguer. Foram as regiões pobres de Sidi Bouzid e Kasserine, em particular Menzel Bouzaiane e Thala, que pagaram um alto preço pelo encarniçamento do poder sobre o povo. Todavia, tal como noutra revolução ou noutro levantamento popular, o medo mudou repentinamente de campo e a polícia retirou-se por fim, abandonando o seu dono de ontem que, na urgência, se enfiou no avião indo procurar refúgio na Arábia Saudita. Os dias e as noites subsequentes a essa saída, tão precipitada quão inesperada, foram marcados pelo recolher obrigatório imposto pelas novas autoridade e por atos de violência limitados e perpetrados num clima de insegurança (tiros de armas de fogo, assaltos à mão armada, prisão de indivíduos suspeitos, incêndios a viaturas e ataques contra residências pertença dos caciques do poder deposto). No ruído geral e sem provas cabais, alguns desses atos foram atribuídos a desconhecidos, outros às 'milícias do antigo regime'. Em todo o caso, até à data, ainda não se apuraram os verdadeiros responsáveis.

Durante a transição pré-eleitoral, o essencial dos atos de abuso da força verificaram-se na bacia mineira no sudoeste tunisino (Métlaoui, Moularès, M'dhilla, Redeyef), em Jebeniana e Jendouba, zonas no interior do país que ficaram à margem do desenvolvimento económico e social. Uma 'violência inelutável' resultante das desigualdades e frustrações, assumindo formas comunitárias de reactivação das divisões tribais no sul e outras de natureza espacial entre bairros e aldeias historicamente concorrentes como acontece no Sahel e noutras paragens.

A tipologia da violência adiantada pelo sociólogo Xavier Crettiez estabelece uma destrinça entre os três tipos de violência considerados em função de perspetivas filosóficas plurais, duas das quais já aqui foram referidas – a 'violência libertadora' e a 'violência inelutável' – ao passo que a terceira, mais concretamente a 'violência repudiada', se perfila na fase pós-eleitoral, ainda que sem garantias. A 'violência repudiada' advém da tendência do Estado e mormente da sociedade em controlar e dominar a violência, mediante a adoção de um pacto social e político velando pela convivência.

Acontece que a atual situação se caracteriza pelas crescentes tensões inerentes à contradição entre as lógicas políticas do Islão radical e as lógicas históricas da secularização. Essa contradição está ativa quer nos espaços públicos quer nas instituições do Estado, como seja na Assembleia Constituinte lugar onde decorrem todos os debates e votações em torno do regimento entre outros projectos legislativos consagrando, segundo uma ordem arbitrária, a interrupção das sessões parlamentares para fins de oração ou a eventual anulação do matrimónio civil ao nível das autarquias. Esse género de projeto de lei, apresentado por um deputado eleito pelo partido do CPR, seria um prelúdio para consagrar o casamento consuetudinário e a poligamia que se transformaram em 'autênticos falsos debates na sociedade' numa altura em que o país atravessa uma grave crise económica e política.

Paradoxalmente, esta crise é enfrentada pelo governo, não através de um plano de desenvolvimento regional e nacional mas antes através de um discurso acusatório dirigido aos meios de comunicação social e à oposição e, muitas vezes, de um silêncio cúmplice perante a escalada do ativismo extremista, como por ocasião da visita do predicador neo-fundamentalista egípcio Wajdi Ghoneïm, contestada por uma larga franja da opinião, que advoga a excisão feminina. A essa visita espectacular e provocatória agregou-se o exacerbar da intolerância simbolizada pelas agressões verbais e físicas sobre jornalistas e intelectuais críticos do poder instituído.

O processo do "emirado de Sejnane", em referência a essa aldeia do norte da Tunísia, cuja população foi quase feita refém por um grupo salafista e rigorista, que criou um tribunal e uma prisão para os desviantes religiosos, poderia ter servido de sinal às autoridades alertando-as atempadamente da escalada do jihadismo salafista; o caso da povoação de Bir Ali Ben Khalifa revelou a existência de elementos armados preparando atentados terroristas em estreita ligação com a Aqmi (rede da Al Qaeda no Magrebe). Ao invés, o governo virou costas ignorando as suas responsabilidades em termos de manutenção da ordem e da paz.

Para além desses acontecimentos, longe de serem factos episódicos, dispersos ou irrelevantes, põe-se a questão genérica relativa a um certo tipo de re-islamização da sociedade o que, por sua vez, suscita problemas e impede o apaziguamento das relações políticas e sociais, tendo em conta as tensões crescentes entre Islão político e secularização. Tudo acontece como se uma guerra de símbolos se travasse entre os islamitas radicais e os secularistas e outros laicos acusados de heresia. O recente apelo do presidente Marzouki a favor da aprovação pela Constituinte de uma lei contra a blasfémia poderia ser benéfica, sobretudo se articulada com uma política de abertura relativamente à oposição e se os órfãos do *youssefismo*, os oponentes de ontem hoje no poder, abandonassem a obsessão de desconstruir o *bourguibismo* e, por conseguinte, o Estado moderno, continuando a alimentar o ressentimento quando deveriam dedicar-se a governar e a instaurar uma política de equidade, de reconciliação nacional e de perdão, fazendo jus ao extraordinário modelo de Nelson Mandela.

Por fim, não será despiciendo esperar que, no núcleo do espaço público, se possa reinventar uma coexistência entre Islão e secularização, por intermédio do diálogo e do intercâmbio mantidos com base em interesses comuns e não por referência a textos normativos nem a pertenças partidárias e ideológicas visando a exclusão do outro, em virtude das suas escolhas culturais e do seu estilo de vida.

Notas

1 O povo quer a queda do regime
2 Pira-te ou desaparece
3 Acabou-se o jogo como quem diz "Está na hora"
4 *Se um dia o povo reivindicar a sua existência, caberá ao destino responder; Caberá às trevas dissipar-se, caberá às correntes rebentar*
5 Espécie de gaita-de-foles tradicional tunisina.
6 CPR – Congresso Pela República
7 Aludindo à greve dos funcionários encarregues da recolha do lixo em Tunes.

Pol Guillard, "Wishful thinking (Kasbah Place, 26/01/2011)", 2011 / **بول غيلارد**، "Wishful thinking (Kasbah Place، ٢٦/١١/٢٠١١م)"، ٢٠١١م

REVOLUÇÃO,
APONTAMENTOS SOLTOS...

KARIM BEN SMAIL

Desde logo, um sentimento de saturação como quem diz: estamos fartos.

A humilhação de vergar perante um punhado de espertalhões mafiosos.

Ser intelectual, está bem está!

Silencioso perante o suplício infligido aos islamitas, desviando o olhar para outro lado enquanto Gafsa agoniza, engolindo sem pestanejar o 'milagre tunisino', indignando-se hipocritamente perante os abusos cometidos pelo supremo cheio de brilhantina, perante o assalto nacional levado a cabo pela sua gerência sob um olhar aniquilador. Onda mortífera.

Um incómodo surdo, que cresce insensivelmente até se transformar em mal-estar. Até acontecer essa última, no mês de dezembro de 2011, Zaba é a gota de água que fez transbordar o copo:

«Segundo consta comprou (a expensas da *Tunisair*) um novo avião, um A-340 enorme, quadrimotor, com 24 horas de autonomia, centenas de toneladas de capacidade de carga...»

«...mandou fazer uma nova decoração, na casa *Vuitton*!»

Ensandeceu.

Primeiro *post* noturno de uma longa série, no *Facebook*:

«*...A-340, quadrimotor, 24 horas de autonomia, centenas de toneladas de carga... SERVE PARA QUÊ?*»

Logo, do monitor silencioso, irrompe a resposta premonitória:

«*Para efectuar idas sem regresso*»

Depois, tudo se encadeou; noites brancas, pendurado no *Facebook*, derradeiro canto de liberdade para quem 'se atreve'. Pulso digital de uma sociedade que está a despertar e emergência dos primeiros ciber-dissidentes, uns mais afoitos do que outros.

Na televisão, a linguagem politicamente correta esconde mal o embaraço oficial.

Algures na parte ocidental do país, um homem imolou-se pelo fogo, mais um, um a mais. Afinal, por que razão este me interpela mais do que os outros? Por que razão me impõe tamanha evidência: «Enquanto levas uma vida aconchegada, a escassos quilómetros da tua sala de estar climatizada, eu morro em desespero».

Dia 14 de janeiro de 2011, avenida Bourguiba[1]. Estava lá, respirando por fim, vendo incrédulo o engenho com que os meus concidadãos desmontavam, pedra após pedra, aquele torno apostado em parecer eterno. Pela primeira vez, desde há anos, amei-os, amei o meu país, amei-me.

Foram horas mágicas, cenas inolvidáveis, à nossa frente a invenção do *Dégages*[2], aquela palavra de ordem incendiária que abalaria as certezas dos tiranos árabes, a par do gesto simples e desconcertante de mulheres e de homens, todos eles determinados, movidos pelo fervor sereno mas firme e pela batuta de dizeres fortes, inesperados: *Dignité*, *karama*[3]. Nem *namoutou namoutou*[4], nem *berrouh beddam*[5+6], nem *allahou akbar*[7].

Anos a fio nenhum transeunte podia sequer pisar o passeio junto ao Ministério da Administração Interna; ora não é que agora os manifestantes trepam às respetivas janelas! E não é que até a polícia hesita, recua, vacila...

Resolvo ir comer qualquer coisa, enfio-me pelas vielas de Tunes e só vejo autocarros amarelos pejados de 'chuis', raivosos e desejosos de dar conta do recado, pessoas a 'dar à sola', tanto que acabo por fazer o mesmo, virando as costas à avenida sitiada, envolta numa nuvem de gazes lacrimogéneos. Curiosamente, o medo não me assalta. Nem pelos meus amigos nem pela minha mulher que permaneceram no meio da multidão e onde acabariam por passar uma noite épica, tratando-se de gerir 150 manifestantes refugiados num hotel da avenida repleta de jornalistas estrangeiros. É decretado o recolher obrigatório. Acabariam por passar uma noite memorável evitando por pouco a carga da bófia, ao rubro, espicaçada, à nora sem hierarquia. Faria todo o sentido contar 'a noite do Carlton', um dia. Aliás, um dos protagonistas acabou por criar uma página do *Facebook* para o efeito.

Primeira noite de incerteza, de medo. Desatam a circular boatos, na internet, surgindo quase de meia em meia hora. Rapidamente deixo de ligar às informações que começam com expressões do género 'ao que parece' e 'ouvi dizer'.

Na manhã seguinte enceto logo uma ronda pelos vizinhos, que não conhecia apesar de sermos condóminos há uma década. Todos concordam. Está fora de questão voltar a passar outra noite daquelas. Organizamo-nos, montamos vigílias, sossegamo-nos mutuamente, armados com meros paus, símbolos de uma coesão cidadã salvadora, apaziguadora: pela primeira vez pegamos nas rédeas do nosso destino! Pela primeira vez somos solidários!

O resto é sobejamente conhecido, valsa de helicópteros, milícias, franco-atiradores, homicídios, pilhagens, ministros e governos provisórios. Comícios, oportunismos, greves e reivindicações salariais selvagens. 'As Kasbah[8] 1,2, etc. As *Echha3b yourid*[9] tudo e mais um par de botas'. Reclamam-se eleições, eleições genuínas. As primeiras da minha vida inteira, as primeiras na história dos árabes e, tudo isso, acontece aqui, na minha terra. Jogos de poderes, egos empolados, ambições barbudas e laicas e triunfo dos islamitas. O despertar é brutal, com sabor a ressaca; o partido Ennahdha colhe os frutos de uma revolução na qual não participou.

A magia dissipou-se. Já não se fala de *Karama*[10] mas sim de *Burquas*. Os debates sobre desemprego, dignidade, economia, liberdade caducaram, sendo substituídos por tagarelices estéreis e prenhas de ódio sobre identidade, *Chariaa*, religião e sagrado. Conforme observa um comentador «Ontem era tudo proibido, hoje passou tudo a ser pecado!»

A janela de liberdade volta a fechar-se devagarinho. Aqueles que fizeram a revolução cedem o lugar àqueles que a hão de explorar.

Então e amanhã? Será o futuro mais previsível do que a revolução? Para já, a esteira deixada pelas 'revoluções árabes' ilustra a diversidade de destinos nesses países reunidos pelo rótulo 'muçulmanos', 'árabes', mas cujas diferenças são maiores do que se pode supor. Único ponto comum: a ausência de democracia e a omnipotência de presidentes-líderes carismáticos (ou sinistros). Uma omnipotência que suscita uma saturação repentina, sangrenta e perturbadora, à qual apenas escapam – por enquanto – as potências petrolíferas. Porventura com ferrolhos melhores? Mas, sobretudo, capazes de afogar o descontentamento social à conta de petro-dólares. No entanto, uma questão premente coloca-se: serão a dignidade e a liberdade solúveis no ouro negro?

Qual será o peso desta revolução árabe na balança da História? Como irá ela resistir às jogadas geo-estratégicas dos donos do mundo? Somos tentados em acreditar que, se a primeira peça do dominó a cair foi a Tunísia, é precisamente por ser pequena, pobre e não ter qualquer peso sobre os equilíbrios económicos regionais. As 'atenções' estavam viradas para outro lado. Era o elo fraco de uma cadeia de autocracias árabes definindo a zona MENA[11], ou seja, povos submissos, supostamente incapazes de autodeterminação, condenados a suportar os seus tiranos, e a tranquilizar o Ocidente nas suas convicções: «antes isso do que islamitas, do mal, o menos.».

Cá estão os islamitas, chegaram. Agora detêm o poder no pequeno laboratório tunisino. Pesadelo para uns, sequência lógica dos acontecimentos para outros. Qualquer que seja o caso, um caldo de cultura doravante sob observação escrupulosa e manipuladora. O dinheiro aflui para o partido islamita, dinheiro oriundo do Médio Oriente conforme se poderia esperar. Mais surpreendente é o facto de os EUA também financiarem o Ennahdha, despudorada e abertamente. Na perspetiva de Washington, a situação tem a clareza de um mau argumento hollywoodesco: convém estar do lado dos vencedores, apoiar um Islão 'moderado' (!) numa região onde só há margem para a ditadura ou o islamismo, na visão redutora de tecnocratas obtusos. Uma leitura reaganiana do mundo que levou, noutras paragens, aos desastres que bem conhecemos.

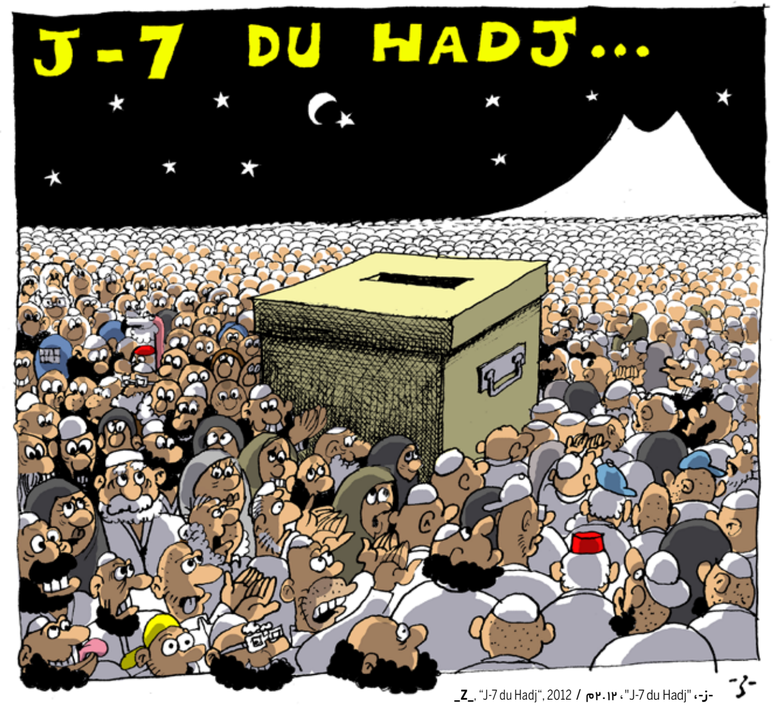
Contudo, a pequena Tunísia ainda nos poderá vir a surpreender. Dia após dia, a sociedade civil dá sinais de vitalidade, diariamente assiste-se à criação de novas rádios, novos jornais e órgãos de comunicação social, diariamente erguem-se novas vozes saudáveis e aqueles que saíram à rua no dia 14 de janeiro de 2011 fazem ribombar a sua voz. Não estão dispostos a substituir a ditadura em nome de Alá à de Ben Ali, calaram-se durante demasiado tempo, viveram desenfreadamente o ano de 2011, estiveram na origem das primaveras e não tencionam sofrer o Inverno; eles são a Tunísia que surpreendeu o mundo e despertou os árabes, ainda estão de pé, fortes, orgulhosos, movidos por um sentimento novo, uma ideia aditivo: a liberdade.

São os herdeiros de Bourguiba, precisamente o homem que um dia disse: «O exército quer-se nos quartéis, os religiosos nas mesquitas». O exército não saiu dos quartéis, os religiosos, quanto a eles...

Une révolution est toujours inaugurée par des naïfs, poursuivie par des intrigants, consommée par des scélérats[12] (Paul Bourget, escritor francês).

Notas

1 NdT: artéria principal do centro de Tunes
2 Em português, diversas variações são possíveis consoante o registo e o grau de insatisfação: pira-te; desaparece; põe-te na alheta, etc.
3 Dignidade em árabe
4 NdT: alusão à letra do hino nacional «namoutou namoutou wayahya al watann» (morre-se, morre-se pela glória da nossa nação)
5 NdT: sacrificamos as nossas vidas e derramamos o nosso sangue
6 Nem 'namoutou namoutou', nem 'berrouh beddam' são alguns dos slogans usados, repetidos até à exaustão dentro da própria sociedade tunisina, bem ilustrativos do discurso politicamente correto e tudo menos imaginativo do antigo regime.
7 Slogan islamita (NdT: literalmente Alá é o maior, e ainda exclamação de chamamento para a oração ou apelo em defesa dos muçulmanos, expressão de aprovação).
8 Aludindo a importantes manifestações que se desenrolaram na praça da Casbá, frente à sede do governo.
9 'O povo exige...' corresponde a um dos slogans bandeira da revolução.
10 Dignidade
11 NdT: sigla referente a *Middle East and North Africa*, Médio Oriente e África do Norte
12 Tradução livre: uma revolução é sempre estreada por ingénuos, prosseguida por intriguistas, consumida por patifes.



_Z_, "J-7 du Hadj", 2012 / ٢٠١٢، "J-7 du Hadj" ،-ز-

O *TAGINE*:
UMA HISTÓRIA MAGREBINA DESDE A ANDALUZIA ATÉ À IFRIQIYA

NAWEL SKANDRANI

O *tagine* inscreve-se numa prolongada história cuja fonte radica na Andaluzia. E da Andaluzia se estendeu para o Magrebe. Trata-se antes de mais da história de um utensílio de cozinha e de um conjunto de ingredientes que nele se foram juntando.

I/ DESCRIÇÃO DO UTENSÍLIO

Por *tagine* entende-se um prato arredondado, originalmente feito de barro cozido. Segundo os locais e as épocas, essa peça foi sendo fabricada noutros materiais como o ferro fundido (no norte de Marrocos, em Espanha e em Portugal...), o cobre estanhado (técnica que consiste em envolver o cobre amarelo ou vermelho com pó de prata – Tunísia) e, inclusive, embora mais raramente, a porcelana.
Em boa verdade, pode ser feito de qualquer material resistente ao contacto direto com o lume e o calor do forno dado ser um apetrecho cuja particularidade vem do modo como se usa, ora sobre a chama ora no forno.
É precisamente essa a originalidade do *tagine* e o que determina o apuramento dos alimentos assim cozinhados.
Com efeito, qualquer prato confecionado num *tagine* requer uma dupla cozedura: primeiro no lume, depois no forno.
Na senda da queda da Andaluzia, árabes e judeus em fuga rumo ao Magrebe próximo – terra de exílio e de acolhimento – levaram consigo esta peça de culto pejada de força, genuíno elemento sublimatório da respetiva cultura culinária.
Com o correr dos tempos, quer o convívio quer a adaptação aos povos autóctones levaram a variações diversas nos cozinhados preparados nesse recipiente. Uma coisa é certa, ainda hoje o *tagine* continua a ser um sinal indefetível da gastronomia magrebina e, até certo ponto, hispânica e lusa.

Rui Sousa, 2012 / روي سوزا، ٢٠١٢م

II/ O COZINHADO E AS SUAS DIVERSAS VARIANTES

Em Marrocos, o *tagine* corresponde a um prato abundante em molho, que tanto pode combinar todo o tipo de carnes (borrego, vaca, aves) como de peixes e marisco com legumes. Também existe uma variante exclusivamente vegetariana, que prevalece essencialmente nas zonas rurais onde a carne é escassa e cara.
Vale a pena notar que, no noroeste de Marrocos (Tânger, Arzila, etc.), onde predomina o pescado, algumas receitas apresentam muitas semelhanças com algumas que se podem desfrutar em Valência ou Lisboa[1].
Em contrapartida, o *tagine* assume contornos completamente diferentes na Tunísia.
Curiosamente, o *tagine* tunisino é um prato à base de ovos, cujo primo andaluz é indubitavelmente a *tortilla*. Na sua essência, os ingredientes são idênticos (com variantes geográficas e culturais) e, sobretudo, seguem o mesmo método de cozedura.
O *tagine* atravessou os tempos, adaptou-se a condicionalismos socio-geo-culturais e, de Marrocos à Tunísia, mantém o seu estatuto na culinária, de utilização fácil e estética elegante. Um utensílio incontornável de que nenhum(a) bom(boa) cozinheiro(a) que se preze pode prescindir.
O *tagine* tunisino em particular, visto ser o nosso foco neste contexto, constitui um tipo de alimentação completa que, por si só, cobre todas as necessidades nutricionais, conjugando proteínas (ovos, carnes), cálcio (queijo), vitaminas (hortaliças) e ómegas (peixes).
Por conseguinte, pode ser consumido como prato único, acompanhado de uma sopa ou salada. Contudo, também pode ser servido em jeito de entrada ou de aperitivo (cortado em cubinhos). Come-se quente mal sai do forno, aquecido, frio e até em sanduíche e há quem o condimente ou ainda lhe junte molho de tomate ou mostarda.
Tal como o tunisino, o *tagine* caracteriza-se por duas palavras: singelo e livre.

1 NdT: pense-se na Cataplana

BIOGRAFIAS

HÉLA AMMAR integra a linhagem dessa nova geração de artistas tunisinos, cujo trilhar expressa com frequência uma dualidade interna, de cariz social e cultural, marcada por uma busca identitária. Nascida a 2 de junho de 1969, em Tunes, vive e trabalha em Sidi Bou Said. Indo beber diretamente nas suas experiências quotidianas, na sua própria vida, na sua maneira de comunicar procura transmitir uma visão sua sobre temáticas como sejam a imagem e a identidade feminina nas culturas árabes mediterrânicas. [http://www.helaammar.com]

KAMEL RIAHI, romancista e jornalista tunisino, foi repórter cultural para os mais importantes fóruns internacionais, assim como para jornais, televisões e agências de notícias. Foi responsável pela direção da secção de tradução no Instituto Superior Árabe de Tradução na Argélia, antes de regressar à Tunísia, em 2010, para se juntar ao Ministério da Cultura. Em 2007 recebeu o prémio COMAR de Ouro para o melhor romance tunisino com a sua obra "Bisturi". Foi o único tunisino entre os 39 melhores escritores árabes, abaixo dos 39 anos, selecionados pela associação Hay Festival, em 2009, em Beirute. Kamel Riahi foi também o único seleccionado entre os cinco melhores escritores tunisinos, abaixo dos 40 anos, que participaram duas vezes no prémio Booker. Publicou várias obras literárias e críticas, tais como "Gaivotas da Memória", "A Minha Face foi Roubada", "Gorila", entre as obras de ficção; e "O Movimento de Ficção Narrativa", "A Escrita Romanesca em Wasiny Laredj", "Assim falava Philippe Lejeune", entre os ensaios. A sua obra foi traduzida para francês, italiano, inglês, hebraico e português.

KARIM BEN SMAIL nasceu em Tunes, Tunísia, em 1961. Editor politicamente ativo, dirige a Cérès Editions, uma das mais respeitadas e antigas editoras independentes do norte de África que publica ensaio, ficção, não-ficção e livros de arte. ceres-editions.com.

MOHAMED KERROU é professor de Ciências Políticas na Faculdade de Direito e Ciência Política de Tunes, Universidade de Tunes El Manar. É autor de extensa obra, em cujos livros e artigos académicos foca as relações entre religião e política no Islão contemporâneo. Das suas mais recentes publicações cabe citar: "Hijâb. Nouveaux voiles et espaces publics", Tunes, Ed. Cérès, 2010; "La révolution tunisienne a-t-elle eu lieu?", *Perspectives*, boletim da Réseau Français des Instituts de Recherche Avancés, nº5, outono-inverno 2011, pp. 4-5; "Tunisie: révolution et transition politique ou le conflit des trois légitimités", *Quaderns de la Mediterània*, revista do Institut Européen de la Méditerranée, Barcelona, nº16, 2011, pp. 123-133.

NAWEL SKANDRANI nasceu em Tunes. Desde 1998, Nawel Skandrani tem seguido uma carreira como coreógrafa e professora independente, assinando uma dezena de criações tais como: "A la recherche du centre perdu", "Les gosses du quartier", "Corps complices", "Les croisades vues par les Arabes", "Les étoiles filantes meurent en silence", "La feuille de l'Olivier", "Alice si meraviglia", "ARTcè/seuLement"... Nawel Skandrani é membro fundador do conselho tunisino do Instituto Internacional do Teatro, membro do conselho de administração do Fundo de Teatro para Jovens Árabes e do Fundo Roberto Cimetta.

NEBRAS CHARFI, oriunda da Escola de Belas-Artes de Tunes e apaixonada quer pelas artes plásticas quer pela fotografia, desde 1995 especializou-se em fotografia industrial. Paralelamente, o seu interesse pelo palco do quotidiano tunisino impeliu-a a captar o instante mágico do real. Conjuga trabalho e paixão no campo da comunicação e da edição, quadro no qual tem conseguido há mais de uma década potenciar os seus múltiplos saberes e competências, na qualidade de fotógrafa e *designer* gráfica. Desenvolveu uma técnica de combinação e montagem particular, realizando obras onde escultura e fotografia se cruzam. Inclusive já participou em diversas exposições na Tunísia.

ONS ABID, nascida na Tunisia em 1979, é fotógrafa *freelancer* e trabalha para as revistas Jeune Afrique (sediada em Paris), Afrique Magazine e, mais recentemente, Paris Match. Licenciou-se em Design Gráfico no Instituto Superior de Belas Artes de Tunes (ISBAT), em 2004. Em 2005 trabalhou simultaneamente como fotógrafa e como diretora artística numa agência publicitária. Em 2009 completou o mestrado em Ciência e Artes no mesmo Instituto (ISBAT), onde ficou a lecionar em 2010. Vive entre Tunes e Paris, dedicando-se a múltiplos projetos na área da fotografia documental e do video.

PATRICIA K. TRIKI é uma artista franco-tunisina que trabalha em Tunes. A sua obra aborda essencialmente os paradoxos e contradições inerentes à vida entre duas culturas. Em muitas das suas séries, a artista explora a noção de identidade e a sua relação com a cidade e a sociedade. Tem exposto nacional e internacionalmente desde 2002 e é representada pela galeria El Marsa, em Tunes.

POL GUILLARD vive e trabalha em Tunes desde 2006. 2012 marca o somatório de 30 anos de carreira na área da fotografia, uma experiência que continua a ser um puro ato de paixão. Tendo começado por se formar em fotografia publicitária em Bruxelas, onde simultaneamente frequentou o curso da escola Le 75, privilegia a pesquisa estética inclusive em relação aos temas mais triviais. Atendendo ao seu temperamento discreto é bastante raro expor, dedicando-se sobretudo a completar pacientemente os seus trabalhos de investigação que unem filosofia e estética; aborda a "Verdade" (imagens desalinhadas tiradas de uma janela), anda no encalço dos vestígios do tempo nas "Recomposições fluídas" (reflexos múltiplos de paisagens e objetos) e, entre outros, de "Soleiras" (imagens de portões, portas e cancelas) para citar apenas alguns. [www.giic-sarl.com]

WACINY LAREDJ, romancista e académico argelino, nascido em 1954, é professor de Literatura Árabe na Universidade de Sorbonne, em Paris, e na Universidade de Argel. Dedicou muitos dos seus romances à história da Argélia e às suas tragédias severas, em particular a década negra, e produziu um trabalho sobre as tribulações e transformações da nação árabe. Os seus livros estão publicados em árabe e francês. Ganhou vários prémios, incluindo o prémio de literatura Sheik Zayed, em 2007. Em 2011, o seu romance "A Casa Andaluza" foi nomeado para o prémio Booker árabe. Publicou mais de 10 obras, tais como "As Flores da Amêndoa" (1981), "O Protector das Sombras" (Don Quixote em Argel, 1996), "Manuscrito Oriental" (2002) e "A Casa Andaluza" (2011).

الطاجن:
قصة مغربية، من الأندلس إلى أفريقيا

نوال إسكندراني

الطاجن قصة طويلة، بدأت في الأندلس، ثم انطلقت إلى المغرب العربي. هي قصة آنية مطبخ، وكذا المكونات التي توضع بداخلها.

أولا، وصف الآنية:

الطاجن هو عبارة عن طبق مستدير الشكل، مصنوع أصلا من الطين، ولكنه صنع من مواد أخرى طبقا للزمان والمكان، كما هو الحال في صنعه من الحديد (في شمال المغرب، وأسبانيا، والبرتغال...)، والنحاس المطلي (عن طريق تغطية النحاس الأصفر والأحمر بمسحوق الفضة - في تونس)، كما يستخدم البورسلين، في حالات نادرة.

في الواقع، يتم استخدام أي مواد يمكنها مقاومة النار المباشرة وحرارة الفرن.

ولذا فإن هذه الأواني تتميز بأنه يمكن استخدامها فوق النار مباشرة أو في داخل الفرن.

ولهذا السبب فإن الطاجن يعد آنية فريدة، وذلك لأنه هو الذي يحدد ما يُطهى بداخله!

ومن المعروف، أن جميع الأطباق التي يتم طهوها في الطاجن تحتاج إلى طهي مزدوج: أولا على النار، ثم بعد ذلك في داخل الفرن.

بعد سقوط الأندلس، وفرار العرب واليهود صوب المغرب العربي القريب - أرض المنفى والمستقر الجديد - حملوا معهم هذا الإناء المميز، الذي يعتبر عنصرا هاما في ثقافتهم الغذائية.

إن سهولة الاستخدام والتكيف مع الشعوب الأصلية طوّرت مع مرور الوقت، أشكالا مختلفة من الأطباق المطبوخة في هذا الإناء. لكن من المؤكد هو أن الطاجن ظل حتى يومنا هذا رمزا ثابتا للمطبخ المغاربي، وكذلك، إلى حد ما، للمطبخ الأسباني والبرتغالي.

ثانيا، الطبق المطبوخ - أنواعه المختلفة:

في المغرب، فإن الطاجن هو عبارة عن طبق بالصلصة، يجمع كل أنواع اللحوم (لحم الغنم، ولحم البقر، ولحم الدواجن)، والأسماك والقشريات والخضروات. كما أن هناك نوع يتم إعداده بالخضروات فقط, وخاصة في المناطق الريفية حيث ندرة اللحوم وارتفاع أسعارها.

ومن الجدير بالملاحظة، أنه في شمال غرب المغرب (مثل طنجة، واصيلة،...) حيث تكثر المأكولات البحرية، فإن بعض الأطباق هناك تشبه إلى حد كبير تلك التي يمكن تذوقها في فالنسيا ولشبونة.

وفي تونس، فإن الطاجن يأخذ شكلا مختلفا تماما.

بالفعل، فإن الطاجن التونسي هو طبق يعتمد في إعداده على البيض.

والنظير الأندلسي له هو بلا شك "طبق التورتيلا"، بنفس المكونات الأساسية (مع بعض الإختلافات الجغرافية والثقافية)، وخصوصا نفس طريقة الطهي.

لقد عبر الطاجن كل العصور، واستطاع التكيف الاجتماعي والجغرافي والثقافي، وبقي من المغرب إلى تونس كآنية ذات أناقة وجمال وسهلة الاستخدام.
فهو إناء لا غنى عنه لكل طبّاخ ماهر وطبّاخة يقدّران عملهما.

والطاجن التونسي، الذي نحن بصدده هنا، هو في حد ذاته وجبة كاملة يمكن أن تكفي لسد الاحتياجات الغذائية، ويجمع بين الحاجة إلى البروتينات (اللحوم والبيض...)، والكالسيوم (الجبن)، والفيتامينات (الخضروات)، وأوميجا (السمك).

ولذلك، يمكن أن يقدم كطبق رئيسي، وتقدم معه الشوربة أوالسلطة.

كما يمكن أن يقدم كنوع من المقبلات (مقطعة إلى مكعبات صغيرة).

ويمكن أن يُؤكل ساخنا، أو خارجا لتوه من الفرن، أو يسخّن، أو باردا، وفي الساندويتش، وقد يضاف إليه الكاتشب والمسطردة...

الطاجن كالتونسي: بسيط وحر.

روي سوزا، ٢٠١٢م / Rui Sousa, 2012

سير ذاتية

أُنس عابد
وُلدت أُنس عابد في تونس عام ١٩٧٩م. وهي مصورة فوتوغرافية حرة تعمل بالمجلة الباريسية "أفريقيا الشابة" ومجلة أفريقيا (AM)، كما تعمل حديثا في "باريس ماتش". في عام ٢٠٠٤م، تخرجت في المعهد العالي للفنون الجميلة بتونس (ISBAT) في تصميم الجرافيك. في عام ٢٠٠٥م، عملت كمديرة فنية في أحد وكالات الدعاية، كما عملت في نفس الوقت كمصورة أحداث. في عام ٢٠٠٩م، حصلت على درجة الماجستير في العلوم والفنون في المعهد العالي للفنون الجميلة بتونس (ISBAT). في عام ٢٠١٠م، قامت بالتدريس بالمعهد العالي للفنون الجميلة بتونس. تعيش أُنس حاليا بين تونس وباريس، حيث تعمل في الوقت الحاضر في مشروعات عديدة في التصوير الفوتوغرافي والفيديو الوثائقي.

باتريسيا ك. تريكي
باتريسيا ك. تريكي هي فنانة تونسية فرنسية، تعمل في تونس. يقوم عملها في المقام الأول على التعامل مع المفارقات والتناقضات الكامنة في العيش بين ثقافتين. في كثير من أعمالها، تبحث في مفهوم الهوية وعلاقتها بالمدينة والمجتمع. ويتم عرض أعمال باتريسيا ك. تريكي على المستويين القومي والدولي منذ عام ٢٠٠٢م، وتتمثل أعمالها في معرض "مرسى" بتونس.

بول غيلارد
يعيش ويعمل في تونس منذ عام ٢٠٠٦م، وهو يكمل هذا العام ٢٠١٢م العام الثالثين من الخبرة في مجال التصوير الفوتوغرافي، والذي لا يزال يعتبره هواية خالصة. درس منذ بداياته الصورة الإعلانية في بروكسل، ودرس في نفس الوقت بمدرسة الـ ٧٥، وهو يفضل البحث الجمالي حتى في الموضوعات الأكثر تفاهة. وهو ذو طبع هادئ، ولا يعرض إلا نادرا، ويسعى بصبر لاستكمال أبحاثه التي تجمع بين الفلسفة وعلم الجمال، ويتناول "الحقيقة" (صور غيرمستوية ومأخوذة من نافذة)، وهو يلاحق آثار الزمن في "إعادة تشكيلات سائلة" (انعكاسات متعددة من المناظر الطبيعية والكائنات) وغيرها من "العتبات" (صور من الأبواب والبوابات والحواجز) على سبيل المثال لا الحصر. [www.giic-sarl.com]

كريم بن إسماعيل
وُلد كريم بن إسماعيل بتونس في عام ١٩٦١م. وهو يدير دار نشر سيريس، واحدة من أعرق دور النشر المستقلة في شمال أفريقيا وأكثرها احتراما. وتنشر سيريس مقالات وروايات خيالية وغير خيالية وكتب فنية. وهي تعتبر دار نشر نشيطة على الجانب السياسي.
[www.ceres-editions.com]

كمال الرياحي
روائي وصحفي تونسي اشتغل مراسلا ثقافيا لأهم المنابر الثقافية العالمية من صحف وتلفزيونات ووكالات أنباء. وكلف بإدارة قسم إنتاج الترجمة بالمعهد العالي العربي للترجمة بالجزائر قبل أن يعود إلى تونس سنة ٢٠١٠م ليلتحق بوزارة الثقافة. تحصل سنة ٢٠٠٧م على جائزة الكومار الذهبي لأفضل رواية تونسية عن روايته "المشرط" وكان الفائز التونسي الوحيد سنة ٢٠٠٩م في مسابقة بيروت ٣٩ لأفضل ٣٩ كاتبا عربيا دون سن ٣٩ سنة التي نظمتها مؤسسة هاي فيستفال وهو كذلك التونسي الوحيد الذي اختير ضمن أفضل ٥ كتاب دون سن الأربعين شاركوا في جائزة البوكر في دورتين. صدر له العديد من الأعمال الأدبية والنقدية منها "نوارس الذاكرة" و"سرق وجهي" و"الغوريلا"و"حركة السرد الروائي " و"الكتابة الروائية عند واسيني الأعرج"و"هكذا تحدث فيليب لجون". ترجمت بعض أعماله إلى الفرنسية والايطالية والإنجليزية والعبرية والبرتغالية.

محمد كيرّو
محمد كيرّو هو أستاذ العلوم السياسية بكلية الحقوق والعلوم السياسية بتونس، جامعة تونس المنار. وهو مؤلف لعديد من الكتب والمقالات الأكاديمية حول العلاقة بين الدين والسياسة في الإسلام المعاصر. من بين مؤلفاته الأخيرة: الحجاب. الحجاب الجديد والأماكن العامة، تونس، دار نشر سيريس، ٢٠١٠، ٢٠٢ص. "هل قامت الثورة التونسية؟", Perspectives، نشرة الشبكة الفرنسية لمعاهد البحث المتقدمة، العدد (٥)، خريف – ربيع ٢٠١١م، ص ٤ - ٥. "تونس: ثورة وتحول سياسي أو صراع الثلاثة الشرعيين"، Quaderns de la Mediterrània، مجلة المركز الأوربي للبحر الأبيض المتوسط، برشلونة، العدد ١٦، ٢٠١١م، ص ١٢٣ - ١٣٣.

نبراس شارفي
بعد مدرسة الفنون الجميلة في تونس، وحماسها للفنون التشكيلية والتصوير الفوتوغرافي، تخصصت منذ عام ١٩٩٥م في مجال التصوير الفوتوغرافي الصناعي. وبالتوازي مع ذلك، فإن اهتمامها بالمشهد اليومي التونسي دفعها إلى تجميد اللحظة السحرية للواقع.
إنها تجمع بين العمل والهواية في مجال الاتصالات والطباعة، حيث أنها استطاعت منذ أكثر من عشر سنوات ممارسة مهاراتها الفنية المتعددة كمصورة ومصممة جرافيك. ولقد طوّرت تقنية تجميع وتوفيق خاصة، محققة أعمالا عبارة عن خليط من فن النحت والتصوير الفوتوغرافي. كما شاركت في عديد من المعارض بتونس.

نوال إسكندراني
ولدت نوال اسكندراني في تونس. وهي تمارس العمل كمصممة للرقصات ومعلمة مستقلة منذ عام ١٩٨٨م، حيث قامت بتوقيع عشرة أعمال إبداعية، مثال ذلك: "في البحث عن مركز مفقود، أولاد الحي، أجساد شريكة، الحروب الصليبية كما يراها العرب، النجوم تموت في صمت، ورقة شجرة الزيتون، أليس تتساءل، ARTcè/ فقط..." نوال اسكندراني عضو مؤسس للمكتب التونسي للمعهد الدولي للمسرح، وعضو مجالس إدارة كل من: صندوق المسرح العربي للشباب، وصندوق روبرتو سيمتا.

هالة عمّار
تنتظم هالة عمّار في عقد هذا الجيل الجديد من الفنانين التونسيين الذين يعبر نهجهم في البحث عن الهوية عن ازدواجية داخلية اجتماعية وثقافية. ولدت هالة عمّار بتونس، في الثاني من شهر يونيو عام ١٩٦٩م، وهي تعيش وتعمل في سيدي بو سعيد. وهي تستلهم مباشرة - من خبراتها اليومية ومن حياتها، ومن طريقة تواصلها - لتقديم رؤيتها في موضوعات، كالصورة والهوية النسائية في الثقافات العربية في حوض البحر المتوسط. [http://www.helaammar.com]

واسيني الأعرج
روائي و جامعي جزائري، ولد عام ١٩٥٤م. يعمل حاليا أستاذا للأدب العربي في جامعة السربون بباريس و في جامعة الجزائر العاصمة. كرّس الكثير من رواياته إلى تاريخ الجزائر و مآسيها الشديدة و خاصة ما بات يعرف بالعشرية السوداء. كما أنجز أيضا أعمالا أخرى خصصها للمحن و التحولات التي شهدتها الأمة العربية. نشرت أعماله بالعربية و الفرنسية. وكان قد حصل على عدّة جوائز، من بينها جائزة الشيخ زايد للأداب سنة ٢٠٠٧م. رشّحت روايته " البيت الأندلسي" لجائزة البوكر العربية سنة ٢٠١١م. أصدر ما يزيد على ١٠ روايات من بينها: "نوار اللّوز" ١٩٨١م، و " حارسة الظلال: دون كيشوت في الجزائر" ١٩٦٦م، و " المخطوطة الشرقية" ٢٠٠٢م، و " البيت الأندلسي"٢٠١١م.

الثورة،
أوراق مبعثرة...

كريم بن إسماعيل

في البداية، شعور بالملل.

إذلال الانحناء أمام شرذمة من المحتالين الأشرار
هل تقصد الحديث عن مثقف!

صامت أمام التعذيب الذي يلحق بالإسلاميين،
أدير وجهي بعيدا حتى لا أرى "قفصة" وهو
يحتضر، أتلقى على مضض "المعجزة التونسية"،
أتظاهر بالسخط أمام انتهاكات المجلس الأعلى،
أمام اعتداء وطني للإدارة بصورة تقشعر لها
الأبدان. موجة من الحمى القاتلة.

إزعاج أصم، يتزايد بصورة تدريجية، حتى يصبح
ضيقا وسقما. حتى نهاية زابا، في ديسمبر من
عام ٢٠١١م، كانت القشة التي قسمت ظهر البعير:

"وعلى ما يبدو أنه تم شراء طائرة جديدة (على
نفقة الخطوط الجوية التونسية)، طائرة ضخمة من
طراز A٣٤٠، ذات أربعة محركات، تعمل ٢٤ ساعة
بدون شحن، قادرة على حمل مئات الأطنان.

"... أعاد عمل ديكوراتها لدى شركة فويتون!"

لقد ذهب عقله.

أول ما تم نشره في المساء من سلسلة طويلة
على الفيسبوك:

"... طائرة من طراز A٣٤٠، ذات أربعة محركات،
تعمل ٢٤ ساعة بدون شحن، قادرة على حمل
مئات الأطنان... فيما تستخدم؟"

وعلى الشاشة الصامتة، إنطلقت إجابة الإنذار:
"للقيام برحلات ذهاب بلا عودة"

ثم توالت الأحداث، سهر الليالي، تعلّق
بالفيسبوك، آخر مكان للحرية للذين يجرؤون.
نبض رقمي لمجتمع يستيقظ وظهور أول منشقي
الإنترنت، بعضهم أكثر شجاعة من البعض الآخر.

وعلى شاشات التليفزيون لم تستطع لغة الهراء أن
تخفي الحرج الرسمي.

وفي مكان ما في غرب البلاد، أشعل رجل النار في
نفسه, رجل آخر، رجل فائض.
لماذا يتحداني هذا أكثر من الآخرين؟ لماذا
يفرض علي هذا الدليل:
"بينما كنت تعيش حياتك الدافئة، على بعد بضع
كيلومترات من صالونك المكيف الهواء، أموت أنا
من اليأس".

في يوم ١٤ يناير ٢٠١١م، في ميدان بورقيبة، كنت
هناك، أتنفس أخيرا، أشاهد ولا أصدق عيناي
مواطني بلادي وهم يفككون حجرا حجرا العرش
الذي كان يبدو سرمديا. لأول مرة منذ سنين، لقد
أحببتهم، وأحببت بلادي، وأحببت نفسي.

ساعات سحرية، ومناظر لا تنسى، اختراع، تحت
أعيننا، لهتاف "ارحل" الذي أضرم النيران في
يقين طغاة العرب، كان يرافق ذلك إشارة بسيطة
ومحيرة لنساء ورجال مصممين، يحركهم شغف
هادئ وقوي، وكلمات قوية، وغير متوقعة،
"Dignité" ، "كرامة". لا "نموت نموت"، ولا
"بالروح بالدم"، ولا "الله أكبر".

على مدى سنوات لم يكن لدينا الحق حتى في
السير على رصيف وزارة الداخلية، والآن، ها هم
المتظاهرون يتسلقون نوافذها، وها هي الشرطة
تتردد وتتراجع وتتزعزع...

أقرر الذهاب لتناول بعض الطعام، أدخل أزقة
تونس، أري حافلات صفراء مملوءة برجال شرطة
كارهين ومضغوطين للدخول في معركة، أناس
يفرون، أفعل نفس الشيء، أدير ظهري للشارع
المحاصر، الذي يملأه الغاز المسيل للدموع.
والغريب أنني لم أخف. ولا حتى من أجل أصدقائي
أو من أجل زوجتي التي ظلت في وسط الجماهير،
سوف يقضون ليلة ملحمية، لإدارة ١٥٠ متظاهر
لاجئين داخل فندق في شارع يسكنه صحفيون
أجانب. تم فرض حظر التجول، سوف يمضون
ليلة لا تنسى يتجنبون خلالها ضرب رجال الشرطة
المتحمسين والمعززين وبدون التسلسل الهرمي.
في يوم من الأيام، سوف تحكي "ليلة كارلتون"،
وهو أحد الأشخاص الذين انشئوا صفحة على
الفيسبوك بهذه المناسبة.

أول ليلة من عدم اليقين والخوف. بداية
الإشاعات على شبكة الإنترنت، كل نصف ساعة
تقريبا. وبسرعة أقرر أن لا أعير بالا للأخبار التي
تبدأ بـ "يبدو أن"، "سمعت أن".

في صباح اليوم التالي، جولة على الجيران، الذين
لم أكن أعرفهم، على الرغم من مرور عشر سنوات
على جيرتنا. كلهم متفقون. من غير الوارد أن
نقضي ليلة كتلك. ننظم أنفسنا، نتوخى الحذر،
نطمئن بعضنا بعضا، مسلحون بالعصي، ورموز
لتوفير التماسك بين المواطنين، ومطمئنة: إنها
المرة الأولى التي نأخذ فيها مصيرنا بأيدينا! إنها
المرة الأولى التي نكون فيها متضامنين!

أما الباقي فهو معروف، مروحيات الفالس،
والميليشيات، والقناصة، وجرائم القتل، والسلب،
والوزراء والحكومات المؤقتة. اعتصامات،
وانتهازية، وإضرابات ومطالب الأجور الغوغائية.
القصبة ١، ٢، ...إلخ. "الشعب يريد كل شيء
ونقيضه". انتخابات، انتخابات حقيقية! الأولى
في حياتي، والأولى في تاريخ العرب, ويحدث
ذلك هنا، في الداخل!..., ألعاب القوى، الأنا

Nebras Charfi, "Revolution of Tunisia - January 28 - Setting the Kasbah 1", 2011 / **نبراس شارفي،** "ثورة تونس - ٢٨ يناير - Setting the Kasbah 1"، ٢٠١١م

المتضخمة، طموحات الملتحين والعلمانيين
وانتصار الإسلاميين. الصحوة متوحشة، آثار سكر
أليمة، حزب النهضة يجني ثمار ثورة لم يشارك
فيها.

وذهب السحر، لم نعد نتكلم عن الكرامة بل
عن الرغيف. المناقشات حول البطالة والكرامة
والاقتصاد والحرية عفا عليها الزمن، وحلت محلها
الثرثرة العقيمة والكريهة حول الهوية والشريعة
والدين وما هو مقدس. ويلاحظ أحد المعلقين
أنه: "بالأمس كان كل شيء محظورا، واليوم كل
شيء خطيئة!".

نافذة الحرية تغلق بهدوء. هؤلاء الذين قاموا
بالثورة يفسحون المجال للذين يستغلونها.

وماذا عن الغد؟ هل المستقبل أكثر قابلية للتنبؤ
من الثورة؟ بالفعل فإن مجرى "الثورات العربية"
يوضح تنوع مصائر هذه البلاد التي تجتمع تحت
مسمى "مسلمين"، و "عرب" ولكن اختلافاتها أكبر
مما نعتقد. حقا إن هناك نقطة التقاء واحدة فيما
بينها، وهي: غياب الديمقراطية والسلطة المطلقة
لرؤسائها القادة الكاريزميين (أو الأشرار). سلطة
مطلقة تثير تشبعا مفاجئ، دموي ومروع، يستثنى
منهم - حتى الآن - الدول البترولية. ربما كانت
أقفالهم أكثر إحكاما؟ ولكنهم، وقبل كل شيء،
قادرون على إغراق السخط الاجتماعي في دولارات
البترول. لكن السؤال الذي يطرح نفسه بإلحاح،
هو: هل الكرامة والحرية قابلة للذوبان في
الذهب الأسود؟

كم سيكون وزن الثورة العربية في ميزان التاريخ؟
كيف ستقاوم القضايا الجيو استراتيجية لسادة
العالم؟ نميل إلى الاعتقاد أنه إذا كانت القطعة
الأولى التي سقطت من الدومينو كانت تونس،
على وجه التحديد، فذلك لأنها دولة صغيرة
وفقيرة ولا تزن شيئا في الموازين الاقتصادية
الإقليمية. كانت الأنظار تتجه إلى ناحية أخرى!
كانت الحلقة الأضعف في سلسلة من الأنظمة
الاستبدادية العربية التي تحدد منطقة الشرق
الأوسط وشمال أفريقيا (MENA): شعوب خاضعة،
ويفترض فيها أنها غير قادرة على تحديد
مصيرها، محكوم عليها بتحمل الطغاة، وطمأنة
الغرب في قناعاته: "الوضع القائم أفضل من
صعود الإسلاميين، ومن الشر أهونه..."

وها هم الإسلاميون قد وصلوا. هم الآن في
السلطة داخل المختبر التونسي الصغير. كابوس
للبعض، وتسلسل منطقي للأحداث بالنسبة
لآخرين. على أي حال، حساء الثقافة من الآن
فصاعدا سوف يكون تحت الملاحظة الدقيقة
والاستغالية. تتدفق الأموال على الحزب
الإسلامي، أموال شرق أوسطية، وكان ذلك
متوقعا. الأكثر غرابة هو أن الولايات المتحدة
تموّل أيضا حزب النهضة، دون خجل وبكل
صراحة. من وجهة نظر واشنطن، الوضع واضح
وضوح سيناريو ردي، من سيناريوهات هوليوود:
يجب أن تكون مع الفائز، وتدعم إسلاما "وسطيا"
(!) في منطقة لا تستطيع أن تعرف فيها ما هي
الديكتاتورية أو ما هي الإسلامية، رؤية ضيقة
لتكنوقراطيين قاصرين. إن قراءة ريجانية للعالم
قادته - في مناطق أخرى - إلى الكوارث التي نعلمها.

ولكن تونس الصغيرة لا تزال قادرة على المفاجأة،
وكل يوم يقدم المجتمع المدني إشارات حيوية.
وكل يوم يتم إنشاء إذاعات وجرائد ووسائل
إعلام جديدة، وأصوات جديدة صحيحة ترتفع.
كل يوم، كل الذين خرجوا إلى الشارع يوم ١٤
يناير ٢٠١١م يجعلون أصواتهم مسموعة. فهم
ليسوا مستعدين لاستبدال ديكتاتورية بن على
بديكتاتورية باسم الله. لقد عاشوا صامتين
وقتا طويلا، عاشوا تعسف عام ٢٠١١م. لقد كانوا
مصدر الربيع العربي وليسوا على استعداد ليعانوا
الشتاء. إنهم تونس التي تفاجئ العالم وتوقظ
العرب، إنهم لا يزالون يقفون على أقدامهم،
أقوياء، فخورين، مدفوعين بشعور جديد، فكرة
جديدة تسيطر عليهم، ألا وهي: الحرية.

إنهم ورثة بورقيبة، الذي قال: "إن مكان الجندي
هو الثكنة ، ومكان رجال الدين هو المساجد".
الجيش لم يخرج من ثكناته، بينما رجال الدين...

"الثورة دائما يبدأها السذج، ويتابعها الفضوليون،
ويستهلكها الأوغاد" (بول بورجيه، كاتب فرنسي)

ملاحظات:

١ تعني "كرامة" باللغة الفرنسية

٢ إشارة إلى المظاهرات الشعبية المهمة التي حدثت في القصبة، أمام مقر الحكومة.

٣ "الشعب يريد..." أحد هتافات الثورة.

الثورات والتحولات والعنـــف السيـاسي

محمد كيرّو

هناك ثورات تشبه عواصف عنيفة تدمر كل شيء في طريقها، تجتث هذا وتغرق ذاك، طبقا لمنطق معقد، هو أساسا واضح ولكنه يظل غامضا في بعض أجزائه. وينطبق الأمر نفسه على التحولات التي تلي بعض الثورات، كأنهار تولد في أعماق الوديان وتشق مجراها لتمتد وفقا للإمكانيات المحيطة، سواء البيئة الطبيعية أو الإرادة الإنسانية. وإذا كانت أي ثورة تحدث فجأة وفي غير توقع، فإن الانتقال يكون أساسا غير مؤكد وغير محدد فيما يتعلق بتطوره التاريخي. وعلى الرغم من اختلاف الثورات عن التحولات، فإنهما تشتركان في علاقة عضوية مع العنف السياسي - الجسدي والمادي والرمزي - الذي ينتجهما ويعيد بنائهما وفقا لإيقاعات مختلفة ومتقطعة. وتنتج هذه العلاقة من تفاعل العنف مع السلطة بحيث أن الصراعات السياسية هي التي تفرض استخدام القوة و "تسود مملكة العنف عندما يدب الضعف في السلطة"، وذلك طبقا لتحليل هـ. أريندت. وهكذا فإن العنف يحدث مع بداية ونهاية كل سلطة وكل سيطرة. وهو يوجد في بناء السياسة والعلاقة الاجتماعية، ولكن في صورته المتطرفة الوحشية، يمس حدود اللاعقلانية ويخرج عن نطاق التحليل.

ولأن الثورة التونسية كانت متألقة، ذات طابع مدني وشبابي وسلمي، فإنها من عام ٢٠١٠م إلى عام ٢٠١١م كانت فريدة في التاريخ العالمي. ليس فقط لأنها تعتبر ثورة غير عنيفة نسبيا، كما أن العنف كان فيها قليلا - فعدد الضحايا طبقا لتقديرات منظمة الأمم المتحدة هو ٣٠٠ قتيلا و٧٠٠ جريحا - وكما أنها تمثل في نفس الوقت حدثا أقل سياسية ووطنية وأكثر شاعرية وعالمية. في الواقع، فإن شعاراتها التي كانت مقتضبة وبليغة تمت صياغتها وفقا لمستويات لغوية وثقافية متعددة، والدليل على ذلك هو مغزى وانتشار شعار:"الشعب يريد إسقاط النظام"، "ارحل" و "انتهت اللعبة". وهذين الشعارين الأخيرين كانا نتيجة الانفتاح على العالم الخارجي، بينما كان الشعار الأول ولا يزال الشعار السائد للمتظاهرين، مستوحى من أبيات الشاعر الرومانسي التونسي أبو القاسم الشابي (١٩٠٩م - ١٩٣٤م):

"إذا الشعب يوما أراد الحياة
فلابد أن يستجيب القدر
ولابد لليل أن ينجلي
ولابد للقيد أن ينكسر".

بالإضافة إلى ذلك، رفع الأعلام يوم رحيل الديكتاتور، يوم ١٤ من يناير عام ٢٠١١م، وكذلك في العديد من المظاهرات خلال المرحلة الانتقالية التي لا تزال قائمة - بخلاف ما حدث في التعبئة خلال مرحلة ما بين الحربين - لا يسير طبقا لمنطق وطني ولكنه من واقع أن الشعب استعاد ملكية جماعية رمزية كانت مغتصبة من قبل السلطة الحاكمة. وفجأة، يستخدم العلم الوطني في تحديد البعد عن الدولة القومية وعن الحركات السياسية الدينية، وخاصة المتشددة منها: أعلام سوداء مكتوب عليها آيات قرآنية باللون الأبيض، أو رايات أحزاب سياسية مثل تلك الراية الزرقاء للحركة الإسلامية "النهضة".

أتت الثورة التونسية نتيجة لحركة احتجاجية حرّكها بشكل أساسي شباب متعطش للحرية وطامح في الكرامة، نظرا للظلم الذي يتعرض له. وقد تم له ما أراد بفضل الكفاح والانتصار على الديكتاتورية التي انتهت بالانهيار. ومن بين الوسائل التي ساعدت على التفكك البطيء للديكتاتورية الإنترنت والشبكات الاجتماعية، وخصوصا الفيسبوك، فقد لعبت دورا لا يمكن إنكاره في الدعاية على المستويين الوطني والدولي، و"الأحداث على الأرض" التي قام بها الشباب المهمش اقتصاديا والمهان سياسيا والغير معترف به. وساند هؤلاء الشباب وعضدهم نقابيون ومحامون ومدرسون وفنانون وناشطون في حقوق الإنسان وكل الطبقات الشعبية والمتوسطة، بما في ذلك الطبقة البورجوازية، كانوا جميعا يريدون وضع نهاية للنظام البوليسي ومافيا الرئيس بن على.

ثمة حقيقة أخرى جديرة بالملاحظة في إطار التغيرات الاجتماعية والسياسية للمجتمع التونسي، ويمكن ملاحظتها في تلك الفترة من حياتنا، ألا وهي الإبداع الثقافي الذي رافق الحماسة من أجل الحرية الفردية والجماعية. لدرجة أن ملحنين ومطربي "راب" وموسيقيّ الفن الشعبي "مزود" ورسامي كاريكاتير ومصورين وكوميديين وآخرين من الموجين للكتابة الساخرة واستعراض المهرج، قد اخترعوا أشكالا عديدة للتعبير عن رغبتهم الغير عادية في الحرية والاستقلال والخلاص من النظام الحاكم آنذاك.

انطلقت الثورة التونسية من العمل المذهل من التضحية لمحمد بو عزيزي، وهو بائع متجول شاب، فتح أفقا لم يكن متصورا من سياسات ممكنة، بدأت باندلاع حلقة من "الثورات العربية"، بإشعال فتيل الانتفاضات الشعبية المتتالية في مصر واليمن وليبيا وسوريا والبحرين، والإصلاحات في المغرب والجزائر، فضلا عن حركة السخط التي اندلعت في أوربا - من برشلونة إلى موسكو - وفي عديد من المدن الأمريكية، والتي ربما تمتد إلى كل مكان بسبب الأزمة المالية والاقتصادية العالمية.

وفي ارتباطها الوثيق بالثورة، فإن التحولات السياسية تحدد عملية الانتقال من الاستبداد إلى الديمقراطية. لكنّ التحول الديمقراطي لا يتأتى فقط من انهيار النظام الاستبدادي، والثورة من هذا المنطلق لا تضمن شيئا مقدما لأنه قد يكون هناك التفاف وتراجع. ومثل هذا القلق هو الآن على جدول الأعمال في تونس، مع فوز الإسلاميين في الانتخابات، وكذلك الحال في مصر، لدرجة أن وسائل الإعلام الغربية التي اخترعت تعبير "الربيع العربي"، تميل من حين لآخر لاستبداله بتعبير ليس أقل منه سوءا، وهو "الخريف العربي".

وبالنظر للأمور عن كثب، فإن تونس ما بعد الثورة قد مرت بنوعين من التحول، وهما: تحول ما قبل الانتخابات وتحول ما بعد الانتخابات. وقد استمر التحول الأول قرابة عشرة أشهر وشهد تكوين ثلاث حكومات بقيادة شخصيات عامة معروفة بانتمائها إلى "النظام القديم" وذلك باتفاق تقريبي من جانب من الطبقة السياسية والرأي العام. أما التحول الثاني فقد بدأ في أعقاب الانتخابات التي أجريت في ٢٣ من أكتوبر عام ٢٠١١م، والتي أدت إلى فوز حزب النهضة الإسلامي وتشكيل ائتلاف من ثلاثة أحزاب سياسية - وهي حزب النهضة وحزب المؤتمر من أجل الجمهورية والتكتل الديمقراطي من أجل العمل والحريات - قسّمت السلطة فيما بينها في الجمعية التأسيسية ورئاسة الجمهورية والحكومة، وذلك بعد شهرين من المفاوضات الشاقة. واليوم، تواجه هذه "الترويكا" تحدي الاحتجاجات المتزايدة للمجتمع المدني النابض، الذي يمثل محوره اتحاد النقابات، وهي تنتقد الحكومة ليس فقط بسبب "حرب صناديق القمامة" بقيادة "ميليشيا الظل"، ولكن أيضا لعدم قدرتها على حل المشاكل الحقيقية في الدولة، من البطالة والفقر والظلم الاجتماعي وحماية الحريات الفردية. يضاف إلى ذلك مناخ موبوء أدى إلى فقدان الثقة في طبقة حاكمة تتباطيء في الوفاء بمسئولياتها في كتابة الدستور وتتخبط في الإدارة السياسية للأحداث الجارية.

ولم يغب العنف السياسي في هاتين المرحلتين، رغم أنه في مجموعه ومقارنة بالدول العربية الأخرى التي شهدت ثورات، كان تحت السيطرة إلى حد ما كما كان محدودا من حيث مستوى حدته وانتشاره. ومع ذلك، فمن المحتمل في المستقبل القريب أن يتوسع وتزيد حدته بسبب التوترات الاجتماعية والنزاعات السياسية المتزايدة والتهديد بعمليات إرهابية. ولذا، فإن السؤال الذي يطرح نفسه هو: أي عنف كانت البلاد مسرحا له في الفترة الأخيرة؟ وأي مستقبل ينتظر هذا العنف السياسي؟

في أثناء الثورة، وعلى مدى شهر، تعرضت تونس لـ "عنف التحرير" في أعقاب "مصارعة الذراعين" التي نشأت بين الميدان العام وجهاز السلطة البوليسي. ورغم سقوط عديد من الضحايا بين قتلى و جرحى بالرصاص، فإن طلقات القوات النظامية لم تستطع القضاء على إرادة الشعب الذي كان ساخطا على الديكتاتورية التي وصل إلى الوقوف في وجهها،بعد أن استعبدته على مدى ٢٣ عام. وكانت المناطق الفقيرة، مثل سيدي بو زيد وقصرين، وخاصة منزل بو زيان وتالة، هي التي دفعت الثمن الباهظ لقسوة النظام على الشعب. ومع ذلك - فكما هو الحال في كل ثورة وكل انتفاضة شعبية - فجأة غيّر الخوف مكانه وانسحبت الشرطة أخيرا متخلية عمن كان سيدها بالأمس وأخذ السيد الطائرة في عجالة ليذهب بحثا عن ملجأ في المملكة العربية السعودية. وتميزت الأيام والليالي التي تلت رحيله المفاجئ وغير المتوقع بحظر التجوال المفروض من قبل السلطات الجديدة وأحداث العنف المحدودة التي كانت تُرتكب في مناخ من انعدام الأمن (إطلاق نار، عمليات سطو، القبض على أشخاص مشتبه فيهم، حرق سيارات وهجوم على منازل بعض رجال النظام القديم). وقد نسبت بعض هذه الأحداث - في إطار ضجيج عام وبدون أدلة حقيقية - إلى مجهولين، كما نسب بعضها إلى ميليشيات النظام القديم. وبعبارة أخرى، فإن الجناة الحقيقيين لم يتم التعرف عليهم حتى يومنا هذا.

خلال الفترة الانتقالية التي سبقت الانتخابات، معظم أحداث التعسف في استخدام السلطة وقعت في منطقة المناجم في جنوب غرب تونس (ميتلاوي، موالاريس، مذيلة، رديف)، وفي جبينيانا و جندوبا، وهي مناطق داخلية في تونس بمنأى عن التنمية الاقتصادية والاجتماعية. وهو "عنف لا يمكن تجنبه" نتيجة لعدم المساواة والإحباط، وتتخذ غطاءا من الأشكال المجتمعية في إعادة تنشيط الانقسامات القبلية في الجنوب، وأخرى تتبنى الانقسام المكاني بين الأحياء والقرى المتنافسة تاريخيا، كما هو الحال في الساحل وأماكن أخرى.

هذا النموذج من العنف الذي يعرضه عالم الاجتماع (اكس. كريتييه) يميز بين ثلاثة أنواع من العنف طبقا لوجهات نظر فلسفية متعددة، وقد أسلفنا الذكر عن اثنين منها هنا - وهي "عنف التحرير" و "عنف لا يمكن تجنبه" - في حين أن النوع الثالث هو تحديدا "العنف المنبوذ" ويظهر في مرحلة ما بعد الانتخابات، ولكنه بدون ضمانات. "العنف المنبوذ" ينتج من ميل الدولة وبخاصة المجتمع إلى كبح جماح العنف والسيطرة عليه، عن طريق تبني ميثاق اجتماعي و سياسي لضمان التعايش.

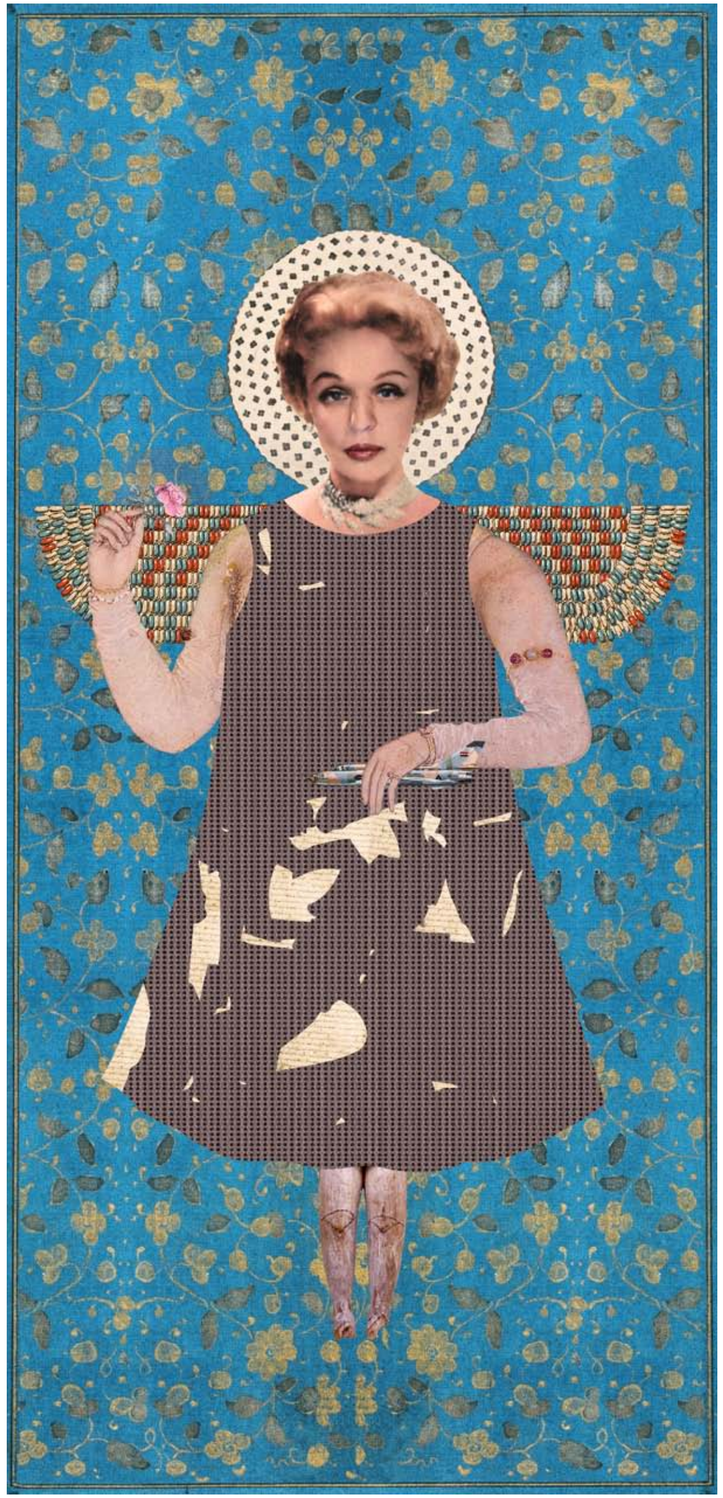
ويبقى أن الوضع الحالي يتميز بتصاعد التوتر الناجم عن التناقض بين المنطق السياسي للإسلام المتطرف والمنطق التاريخي للعلمانية. هذا التناقض ينشط سواء في الأماكن العامة أو في مؤسسات الدولة، مثل "الجمعية التأسيسية" حيث تتم جميع المناقشات والتصويت على النظام الداخلي ومشاريع قوانين أخرى بطريقة عشوائية، "وقف جلسات البرلمان من أجل الصلاة أو فسخ الزواج المدني في المجالس المحلية". مشروع قانون كهذا يقدمه نائب برلماني ينتمي لحزب المؤتمر من أجل الجمهورية (CPR)، فإنه سوف يكون مقدمة لتكريس الزواج العرفي وتعدد الزوجات والتي أصبحت " مناقشات مجتمعية خاطئة بحق" عندما تكون البلاد في أزمة اقتصادية و سياسية خطيرة.

ومن المفارقات أن تواجه الحكومة هذه الأزمة، ليس من خلال خطة تنمية إقليمية وقومية ولكن عن طريق خطاب اتهام موجه لوسائل الاتصال الاجتماعي والمعارضة، وغالبا صمت متواطئ أمام تصاعد النشاط المتطرف، مثلما حدث في الزيارة التي لاقت معارضة من شريحة مهمة من الرأي العام للداعية المصري الأصولي "وجدي غنيم" الذي يدعو إلى ختان البنات. بالإضافة إلى هذه الزيارة الاستفزازية المثيرة، هناك تصاعد التعصب المتمثل في الاعتداءات اللفظية والجسدية ضد الصحفيين والمثقفين الذين ينتقدون السلطة في البلاد.

عملية "إمارة سجنان"، في إشارة إلى تلك القرية التي تقع في شرق تونس، حيث تم أخذ سكانها كلهم تقريبا كرهائن على يد مجموعة سلفية متشددة أقامت محكمة وسجنا للمنحرفين دينيا، وكان من الممكن أن يمثل ذلك إشارة لتنبيه السلطات في الوقت المناسب بتزايد الجهادية السلفية، حيث أن قضية مكان يدعى "بير علي بن خليفة" كشفت عن وجود عناصر مسلحة - تعد لشن هجمات إرهابية - على علاقة وطيدة بشبكة تنظيم القاعدة بالمغرب (AQMI). لم يتم عمل أي شيء، وأدارت الحكومة ظهرها متجاهلة مسئولياتها في حفظ النظام وإقرار السلام.

علاوة على هذه الأحداث، التي هي أبعد ما تكون عن وصفها بأنها أحداث متفرقة وغير ذات أهمية، هناك مسألة إعادة أسلمة المجتمع التي تمثل مشكلة وتمنع التوصل إلى تهدئة العلاقات السياسية والاجتماعية بشأن التوترات المتصاعدة بين الإسلام السياسي والعلمانية. كل شيء يحدث كما لو أن حرب رموز اندلعت بين الإسلاميين المتطرفين والعلمانيين وعلمانيين آخرين متهمين بالهرطقة. إن دعوة الرئيس المرزوقي الأخيرة للجنة التأسيسية بتبني قانونا لمناهضة التكفير يمكن أن تكون ذات فائدة، خاصة إذا تزامنت مع سياسة انفتاح تجاه المعارضة ولو أن أيتام اليوسفية - معارضوا الأمس وسلطة اليوم - تخلوا من هاجس تفكيك البورقيبية - وبالتالي الدولة الحديثة - مستمرين في تأجيج مشاعر الاستياء، حينما كان يتوجب عليهم أن يكرسوا أنفسهم للحكم وتأسيس سياسة للمساواة والمصالحة الوطنية والتسامح وتحقيق العدالة على غرار النموذج الخارق للعادة لنيلسون مانديلا.

وأخيرا، ليس من العبث أن نأمل في أن التعايش بين الإسلام والعلمانية في الفضاء العام من خلال الحوار والمحافظة على التبادل على أساس المصلحة المشتركة وليس بناء على التشريعات والانتماءات الحزبية والإيديولوجية لاستبعاد الآخر بسبب خياراته الثقافية ونمط حياته.



Nermine Hammam
sem título (da série "Ma'at"), 2011

نيزمين همّام
بدون عنوان (من سلسلة "ماعت")، ٢٠١١م

كما هو الحال في الدمى المشعوذة، فنساءها المحاربات وخلفاء الهة مصر القديمة، ماعت، تستحضر القوة التحويلية للفن، مكالمة شعائرية من أجل استعادة النظام والانسجام. فقضيتها هي الاحتفال بالرموز القديمة التي تدل على حقائق قديمة تختفي تحت قشرة رقيقة من السياسة والفكر والدين.

ولدت نيرمين همام في مصر عام ١٩٦٧م، وهي فنانة تصوير فوتوغرافي تعيش وتعمل بالقاهرة. وهي تصور العالم كفنانة، ثم تقوم بتغيير الصور التي تلتقطها. وأعمالها عبارة عن تركيبات معقدة من طبقات من الصور والرموز، تتحول من خلال منظور جمالي يجمع بين المعالجة الرقمية والرسم لتكوين نسيج ثري وشخصي للغاية.

حصلت نيرمين همّام على شهادة الفنون الجميلة في السينما من " مدرسة تيش للفنون، بجامعة نيويورك". عملت مع سايمون و جودمان، كما عملت مع المخرج الشهير/يوسف شاهين. في الصور التي تكرّم الفنانين، مثل: دياني أربوس، والسينمائي السويدي إنجمار بيرجمان، والسينمائي الروسي تاركوفسكي، تبحث عن أفراد في حالة عزلة ومهمشين أومغيبين عن الوعي، تكشف بلا هوادة عن الضعف الموجود خلف القناع، وعن الهشاشة الموجودة خلف البندقية، وهياكل السلطة الخفية داخل الأسرة. وهي متأثرة بشدة بخلفيتها السينمائية، فصورها تأخذ شكل السرد المتسلسل - كلقطات فيلم - تتصل ببعضها في الزمان والمكان.

وفيما يتعلق بالطبيعة الذاتية للواقع، فإن نرمين همّام تهدم الصور النمطية، تنزع عنها القناع - في كل من بعديها الاثنين - وتجبرنا على التساؤل عن حدود الصورالتي تعلق بأذهاننا ونعتبرها حقيقة بطريق الخطأ. إنها تغزو جوف اللاوعي الجماعي، وتتلاعب بالرموز المشتركة التي نستمد منها الدعم والراحة. ففي عملها، صورة ستالين المشهورة تتشابك مع المسيح, تحمل بندقية، في وضع يذكّرنا بالسيدة العذراء والطفل. الصور النمطية للجنس أو العسكرية قد تصبح بلا معنى في صور ترسم مصدر القوة الحقيقية لتوازن دقيق بين الطاقات المتعارضة للكون. في أعمال نرمين همّام، يتم تمثيل "الركود" في صورة يوتوبيا جذابة ولكنها مستحيلة. وبدلا من ذلك، فإنها تتعامل مع حالة التدفق الدائم ، في العمل في داخلنا ومن حولنا.

إن أعمال نرمين همّام يتم عرضها على نطاق واسع، وقد شاركت ضمن مجموعات عامة وخاصة حول العالم. وهذا يشمل معارض بينالي دولية، مثل: بينالي باماكو للتصوير الفوتوغرافي (مالي ٢٠١١م)، البينالي العاشر كوينكا (إكوادور ٢٠٠٩م)، و بينالي التصوير (سالونيك ٢٠٠٩م). على مدى العقد الماضي، تم عرض أعمالها في أكثر من خمسين معرض دولي، سوء كان منفردا أو ضمن مجموعات حول العالم.

Nermine Hammam
sem título (da série "Ma'at"), 2011

نيزمين همّام
بدون عنوان (من سلسلة "ماعت")، ٢٠١١م

نيـزمين هـمّـام

ماعت

"أنا أبدا لن أنساها التي هي واهبة السعادة، إنها هي، يا والدة، يامن هي في صورة القمر، تخلق العالم المليء بالأصوات ومعانيها. ومرة أخرى، بقدرتها في صورة الشمس، إنها هي التي تحافظ على العالم. وهي ,مرة أخرى، إنها هي، في صورة النار، تدمر الكون كله في نهاية العصور".

نشيد التانترا للالهة شاكتي، جون وودروف، المعروف باسم "آرثر أفالون"، طبعة،
أناشيد للآلهة، (لندن: لوزاك، ١٩١٣م)، طبعة مكررة ، كتب منسية، ٢٠٠٨م، صفحة ١٧.

لأول وهلة، تبدو ماعت على شكل سلسلة من اللوحات الذاتية. كل صورة منها تُظهر وجهي، ضيف متطفل يبدو أنه يضّمد نفسه فوق إبداعاتي، كما لو كانت المؤلفة هي العنصرالوحيد والمركزي في العملية الإبداعية. إن الأهمية القصوى للوجه في التفاعلات الإنسانية يمكنها إقناعنا بسهولة بقراءة بصرية معينة، حيث تتصل قطع زخرفيه هامشية بلوحة ذاتية مهمة مصممة بطريقة الفوتوشوب. في الواقع، إن ما حدث كان عكس ذلك تماما.

إن هذه الصور عبارة عن رد فعل على بيئتي الخارجية غير المستقرة، نها عبارة عن طقوس شامانية تحويلية لاستحضار الانسجام واستعادة النظام. إن نسائي المحاربات تجمعن بين رموز قوة الذكور والإناث في آن واحد. وعن طريق إتحاد تلك الطاقات المتناقضة، تكتسب ماعت صفة تحويلية، وتطلب من الكون أن يضمّد جراحه، ويتوازن، وذلك من خلال الفن.

في خلال رحلتي، التقيت ببعض التوائم الذين التقطتهم ديان أربوس، وصادفت صورا لفريدا كاهلو وأم كلثوم، وتعثّرت فوق مطبوعات قديمة لفتيات الجيشا اليابانية. تلك الصور حدثتني عن وضعي للتصوير وعن تصوير نفسي فوتوغرافيا، بنفس الحالات العاطفية التي تحملها كل صورة. إنها اضطرتني إلى تجسيد قوة الخنوع، وانتصار الاستكانة، أو البراءة الضارة التي تنتمي إلى فسيفساء المرأة البدائية. كأن هذه الصور كانت تمتلك الفنان في عمله، وتستدرجني إلى أعماقها، وتحثني على أن أصبح جزأ من وجهها ثنائي الأبعاد، وتطمس الخطوط الفاصلة بين الفنان والفن. وقد طالبت أن تكون موجهة، وأن يحمل وريد نابض محتواها،هذه المادة العالمية الحميمة المصنوعة منها.

كما لو أن حوريات تناديني لضمها في الواقع ولترجمتها إلى ذات أخرى، مجزأة وتصويرية، ملصقة من عدة أركان سحيقة من لقاء اللاوعي الجماعي، على الورق، لإنتاج إجمالي يتجاوز مجموع أجزاءها. وعموما فإنها كانت مشبعة بالحياة من تلقاء نفسها، وتتحرك ، وتتنفس وتتصرف كما لو كانت أجزاء عشوائية من المرأة، تأتي في أحجام ولحظات متباينة، وجدت بعضها بعضا أخيرا في عرض غير محتمل من الانسجام والوحدة. ويأتي هذا العمل من ضرب من اللاوعي، وهو يتحرك داخل العقل الباطن الجماعي للإنسانية، وللمرأة. يتم إنشاء شيئ كامل من كل هذه الأجزاء، كثير من الأجزاء، ورموز تحتية تتجمع لتصنع كلا، ربما يكون كل المرأة.

وهذه الكليات تتصرف كثقوب صغيرة في اللاوعي الخاص بي، ومسام تسمح للنفس من خلال إسقاطات جزئية أن تصطدم وتتآمر داخل الجذب اللاشعوري، وترسم مادة خاما، ومشاعر غير مفهومة من قبلها. لم أكن أقوم بتصوير نفسي، وبقدر ما كنت أستخدم وجهي كذريعة أمرّر من خلالها شيئا آخر مختلف تماما وغريب. وكان هناك كيان خارجي هو جزء مني، ولكنني لم أكن أستطع التعبير عنه، إلا من خلال هذه الصور، وعبر الحث على التصرف، لأكون مختلف، لأكون ما تمثله هي. انقياد يسوع الإناث، مأخوذة برفق إلى الصليب كفتاة الجيشا اليابانية، أو الضعف المتحدي للالهة قديمة عابرة، تقف بعظمة فوق سطح القمر بأرجل فينوس، وهي لا تزال مقيدة بمظهرها، بدون هالة، وقد بلغت من القوة ما لم يبلغه غيرها من قبل، وكل هذا يتدلّى تحت قدميها. إنها القوة الناعمة لجندي بورتمان، وهو يحمل بندقية - تستبدل ذراعها ببندقية طويلة - أو يد إلكترونية أو ربما كانت يدا مشوهة بصورة مرعبة، المعاناة الخافتة لكاهلوككيميائية شاهقة ممزوجة بالسماء القديمة للالهة نوت.

من خلال كل هذه الصور، وعبر الطلاسم والنصوص المقدسة المبهمة والمحكمة، أذكّر بأن هذه النصوص لا تكشف لي سوى جزء من أسرارها، وأنني لا أزال غير قادرة على فهمها كلية، وأن الأمر سوف يستغرق مني مدى الحياة لأسبر غورها جميعا، وأن أحيا من خلالها جميعا، وأن أجسّدها حق التجسيد.

بدأ كل شيء بهذه الرغبة - رغبة بدائية - وهي أن أجسّد كل النساء اللاتي أشعر تجاههن بالإعجاب، أو الاحتقار، أو الرغبة في أن أصبح مثلهن. ولكي أصبح واحدة من الطراز البدائي للأنثى، وفجأة، أحطت نفسي بعائلة من الأنواع، وبكوكبة من الشخصيات ذات الصلة بي، وذلك أظهر "الجو العائلي" الذي يميز مجموعات الأفراد التي تأتي من مصدر واحد ولكنهم مختلفين اختلافا واضحا. وكما لو كنت أستطيع أن أكون أكثر من نفسي، وكأنما - في مركز الوحدة - كان هناك ماندالا بدلا من صفحة بيضاء - انفجار في قطع صغيرة مزخرفة، حيث كانت تُرى نقطة منفردة.

رهانات الحركات الإسلامية في الجزائر

الدكتور واسيني الأعرج

١- تحركات جديدة قديمة؟

إن التحركات الكبيرة التي تشهدها الحركة الإسلامية في الجزائر تبدو واضحة وليست عفوية على الإطلاق. أصبحت تعلن عن وجودها وعن استقلاليتها عن النظام بشكل واضح. فقد خزنت هذه الأخيرة تجربة لا يستهان بها سواء في المعارضة السلمية على العموم، إذا استثنينا الحركات الإسلامية العسكرية كالجماعات المسلحة والجيش الإسلامي للإنقاذ الذي استسلم وفقا لاتفاق مسبق في إطار المصالحة الوطنية الذي وفر الحماية لأعضائه، أو في دهاليز الحكم مثل حركة مجتمع السلم التي تحملت مسؤولية إدارة الدولة في السنوات الأخيرة بوصفها عضوا في التحالف الرئاسي الذي أشرف على سياسة الدولة.

تحاول الآن هذه الحركات أن تنسجم مع المعطيات الدولية المستجدة التي رفعت الطابو عن ممارساتها المتطرفة وأصبحت تتعامل معها بشكل براغماتي نفعي مع إجبارها على الدخول في اللعبة الديمقراطية واعتماد الصندوق كحجة واحدة ووحيدة للعبور نحو السلطة وهي تعرف مسبقا أن المعطى الحالي يساعدها على ذلك. أول شيء قامت في أفق الانتخابات التشريعية القادمة التي بدأ الصراع من أجلها يحتدم ويعطيها فرصا كبيرا للوصول إلى سدة الحكم، هو الظهور في المشهد السياسي من جديد. وهي بهذا الموقف المتفرد لا تريد أن تتحمل الإخفاقات والفساد الذي ساد جزئيا المرحلة السابقة. وربما مغادرة حركة مجتمع السلم التحالف الرئاسي خير دليل على ذلك. الحركة الثانية التي تجري فيها تغييرات جذرية يجب أن تحسم قبل الانتخابات، هي حزب جبهة التحرير الوطني الذي شاخ بدون أن يتجدد عميقا، والذي يطالب جزء من قاعدته بضرورة التغيير والإصلاح. كان رد أمينها العام هو فتح باب الحزب أمام بقايا إسلاميي الجبهة الإسلامية للإنقاذ الممنوعين من إعادة حزبهم المحلّ إلى الواجهة السياسية. وكأن جبهة التحرير الوطني بدورها تبحث عن اللمسة الإسلامية التي تسمح لها بالدخول إلى انتخابات وضمان التواجد في اللعبة السياسية وكأن الإسلاماوية تحولت إلى قدر حتمي.

وضع مثل هذا يفترض نقاشا حقيقيا في القواعد الخلفية لمختلف الأحزاب وهو ما لم يتم حتى الآن. هناك مشكلات كثيرة تعترض هذه الأحزاب التي تحضر نفسها للانتخابات التشريعية. معضلة حمس وجبهة التحرير الوطني هي الحكم، فقد كانا في التحالف الرئاسي ويتحملان وزر كل ما حدث طوال هذه المدة التي تجاوزت العقد. وهي مرحلة فيها ما يشكل علامات مضيئة كالبنية التحتية التي شهدت تحولا كبيرا في مجال الطرق السريعة ووسائل النقل والسكك الحديدية والمطارات والميترو وفي مجال المياه التي وضعت البلاد في مأمن كبير ببناء السدود الكثيرة ومحطات تحلية المياه، لكن في المرحلة الكثير من السلبيات كالفساد الذي تفشى بشكل واضح في العشر سنوات الأخيرة. والبطالة والفصل من العمل والهجرة السرية وهو ما يتحمله الجميع ولا يخدم أحزاب التحالف الرئاسي. الحزب الوحيد الذي يظهر بأوراق شبه مؤكدة هو جبهة العدالة والتنمية لعبد الله جاب الله الذي ينتظر اعتماده القريب. فقد تعرض حزبه النهضة الذي ترأسه في السنوات الفارطة، لتحولات وهزات عنيفة دفعت به إلى تغيير اسمه في الكثير من المرات آخرها جبهة العدالة والتنمية الذي ينتظر أن تكون أداته في الانتخابات القادمة. فقد ظل جاب الله بين التخفي والظهور، قوة ناقدة ببعض الانتهازية الواضحة، خطوة إلى الأمام وخطوتان إلى الوراء في انتظار أيام أفضل، مما سمح له ببعض الاستقلالية.

٢- ورقة جاب الله الرابحة؟

ينتمي جاب الله إلى التنظيم الدولي لحركة الإخوان المسلمين مثله مثل بعض قادة حركة مجتمع السلم، الذي ركز في سياسته على الخصوصية الجزائرية منذ قائده ومؤسسه الشيخ محفوظ نحناح، ولا شيء يضعف جاب الله على العكس من حركة حمس التي لا يمكنها أن تبرر وجودها إلا في سياق الحكم، أي التحالف الرئاسي والقبول بتحمل كل ما حصل برؤية نقدية حيوية. مغادرة حركة مجتمع السلم للتحالف لا يحل المشكلة، بل يعقدها جدا، وتحمُّل الإيجابي والسلبي من الحقبة السابقة هو ما يؤهلها كقوة سياسية وليس بنفيها، وإلا ستسقط في لعبة الهروب إلى الأمام التي لن تخدمها انتخابيا.

الشيء نفسه ينطبق على حزب جبهة التحرير الوطني الذي يحتاج إلى هزة داخلية عنيفة. يبدو جاب الله في هذه الوضعيات السياسية المعقدة وهذه اللعبة المشهدية جديدا ونظيفا ومؤهلا للفوز والحكم أكثر من غيره. يمكنه أن يعيد بسهولة حالة النهضة التونسية. حركيته الأخيرة بين السفارات والدول الأوروبية والأنجلوساكسونية، تبين أن مراهنة الغرب عليه كبيرة وليست فعلا عبثيا ولكنه عبارة عن خيارات تنطلق من هذه المعطيات الموضوعية وهذه القراءة للوضع السياسي الجزائري في سياق المد الإسلامي عربيا.

الصراع بين حزب العمال للويزة حنون، وجاب الله أو بين أويحيا رئيس الحكومة ورئيس الحزب الحاكم: التجمع الوطني الديمقراطي، مع الإسلاميين الذين يطالبونه باستقالته قبل الانتخابات التشريعية، يبين جليا حدة ما ينتظر الجزائر في الأمد القريب، ويظهر بشكل واضح الضعف الكبير الذي تتخبط فيه الحركة الديمقراطية الجزائرية التي تبدو في الوقت الحالي مفككة ولم تطرح أي بديل فعلي في مواجهة الأحزاب الإسلامويية التي بدأت تتموقع بشكل واضح.

إن الأحزاب الديمقراطية الخمسة: التجمع من أجل الثقافة والديمقراطية وحزب العمال وجبهة القوى الاشتراكية والحزب الوطني الجزائري، وحتى حزب التجمع الوطني الديمقراطي القريب من النظام، لا تقدم أي مقترح بهذا الاتجاه، واضعة خلافاتها في الواجهة بدل تسكينها مؤقتا، والتوحد للخروج من دائرة الركض بشكل أحادي والوزن لقوة في الانتخابات التشريعية القادمة. وضعية التفتت الديمقراطي توفر فرصا كبيرة لحزب جاب الله ليذهب بعيدا في سباقه نحو السلطة. وعلى العكس من الجبهة الإسلامية للإنقاذ، فقاعدة جاب الله مثقفة وواعية ويمكنها أن تجلب نحوها أنصار الجبهة الإسلامية للإنقاذ الذين يحترمون جاب الله الذي كان مدافعا قويا عنهم من خلال ما أسماه بخيار الشعب عندما أوقف المسار الانتخابي في ١٩٩٣، وقد تعطي الجبهة الإسلامية للإنقاذ المحظورة للتصويت لصالح جبهة العدالة والتنيمة، أوامرها لقاعدتها النائمة التي تتكاثر في السر بسبب الخيبات المتتالية من نظام أخفق في حل المشكلات الكبرى، كالعمل والسكن والفساد المالي والاجتماعي والإداري، وهي المعضلات التي تستنزف البلد وطاقاته على الرغم من الجهود التي بذلتها الدولة في السنوات الأخيرة.

هذه الانتخابات مفتوحة على كل الاحتمالات ولا يُستبعد أبدا أن تلتحق الجزائر بالركب الإسلامي الذي يجتاح المغرب العربي على الرغم مما لبعض أجنحة للحركة الإسلامية من إرث دموي وتورط في العشرية السوداء، على العكس من النهضة التونسية والعدالة والتنمية في المغرب اللتين بدتا جديدتين في كل شيء حتى في رهاناتهما الديمقراطية. الشهور القليلة القادمة ستقدم لنا الإجابات الممكنة عما سيحدث قريبا في الجزائر. فهل سيصدق كلام لويزة حنون أمينة حزب العمال التروتسكي: إن اعتلاء الإسلاميين الحكم بعد الثورات، ليس حتميًا، ولا حتى خيارًا شعبيًا؟

٣- عودة الابن الضال؟

هل هي عودة الابن الضال؟ داخل هذا الديكور السياسي الجديد وهذه الحركية التي لم تعد خفية، تستعد الجبهة الإسلامية للإنقاذ بدورها لكسر كل المعوقات والممنوعات في ظل وضع دولي مساعد، للدخول في لعبة الانتخابات بكل قوة بدون نقد مسبق لتجربتها، في خطاب انتقامي مر عليه قرابة عشرين سنة. وهي في هذا لا تختلف عن الحزب القديم، جبهة التحرير الوطني الذي بدأ يغرق في خلافات مدمرة يمكن أن تنسف به بعد الانتخابات التشريعية بالخصوص إذا لم يفز.

وعلى الرغم من الإرث الدموي الذي تحمله الجبهة الإسلامية للإنقاذ على عاتقها، وما تسببت فيه من مرارات في العشرية السوداء، يظل خطاب الضحية الدائمة الذي تنتهجه ورقتها الرابحة على ما يبدو على الأقل في الظاهر، بانية ذلك على فكرة أن النظام سرق منها انتصارها في التسعينيات. تجند لذلك وسائلها التقنية التي أدركت في وقت مبكر قيمتها وقدراتها التأثيرية حيث تعاملت في عز أزمة التسعينيات، مع القنوات الأجنبية التي كانت تعتبرها وسيطها الدولي لإيصال خطابها. فقد أعلنت بشكل غير مباشر عن تأسيس قناتي تليفزيونيتين. قناة رشاد التابعة لحزب رشاد، المتعاطفة مع الجبهة الإسلامية للإنقاذ بشكل معلن وتعيد خطابات قاداتها كعلي بلحاج مثلا إلى الواجهة، ومصوبة بقوة نحو تجريم النظام، والقناة المغاربية التي يقف وراءها أسامة مدني، ابن عباسي مدني مسؤول الجبهة الإسلامية للإنقاذ المحلة.

ليس غريبا إذا قلنا إن الذي أسقط الكثير من الأنظمة العربية هو هذا الإعلام المرئي الذي تقف على رأسه الجزيرة بكل حرفيتها وموضوعيتها على الرغم مما يمكن أن يقال عن هذه الموضوعية التي كثيرا ما تنسى لمصلحة السياسي المباشر.

تحاول القناتان أن تقدما تقريرا سوداويا عن النظام، ولكن غياب الحرفية والذكاء الإعلامي لا يسهلان مهمة القناتين لأداء الدور المطلوب.

٤- نظام في حالة احتضار انتظار؟

وبالمقابل لم تفعل الدولة الغارقة في مشاكلها الشيء الكثير لتحسين قناتها الواحدة والوحيدة المتعددة، وكأن ما يحيط بها لا يعنيها من معضلات فيها من المخاطر الكثير، لا تكفي لحلها الخطابات الحالية النائمة في يقينياتها. لا يكفي الدولة أن تحارب الإرهاب وقنوات تمرير الأسلحة عبر الحدود الصحراوية وهي ترسانات خطيرة جدا، ولكن صناعة إعلام حقيقي يستطيع أن يتحول إلى متكأ حقيقي يوصل محليا ودوليا ما تقوم به الدولة؟ فبدون خلق إعلام مقاوم وقوي وحرفي ويلعب لعبة الموضوعية إلى أقصى حد ممكن، لا يمكن تصور الجديد أبدا. في الحالة العكسية، وفي غياب التوازن الإعلامي، سيتوجه الناس، بطبيعة الحساسية الوراثية ضد النظام، نحو الخطابات الأكثر راديكالية وقوة وحرفية وليس هذا ما ينقص في المشهد الإعلامي العربي والدولي. فالجزائر ليست بعيدة عن الوضع العربي العام. بل هي في عمقه. الخطابات الرسمية تؤكد على عكس ذلك، بالاعتماد على فكرة كره الشعب للممارسات السابقة للإسلاميين، ولكن ذلك لا يكفي إذا أن هناك بنية اجتماعية نائمة لا تموت، غير مثقفة ولكنها عندما تتاح لها فرصة التعبير الحر، يمكن أن تنتقم من النظام الذي على الرغم مما حققه، يظل غير محبوب إذا كان الفعل السياسي يقاس بالحب والكراهية بسبب استمراريته وجموده وعدم تغيره. الوضع الجزائري يدعو إلى أكثر من تساؤل. إعادة تموقع الإسلاميين ليس مسألة وقتية ولكنها رهانات سياسية فيها المحلي وفيها الدولي أيضا فهي تطرح نفسها كبدائل لزمن قادم ليس ببعيد. مأساة الجزائر على أهميتها والعشرية السوداء التي مزقت المجتمع وأدمته، لا تشكل صمام أمان فعلي. وحدها الإصلاحات الجذرية والتقليل من الأنانيات الصغيرة والكبيرة، تمنح البلد فرصة الانتقال الديمقراطي بشكل سلمي أو بخسارات أقل. لكن الإصلاحات باستثناء ضخ الملايير في الرواتب لا تبدو واضحة وإستراتيجية. هذا الضخ المهم الذي أنهك الضمانات المالية التي نقصت بشكل ملحوظ، لا يلقى أهميته إلا إذا صاحبته إصلاحات حقيقية وجذرية في النظام والتسيير والإدارة، تضع مصالح البلد العليا فوق كل شيء. وإلا فلا معنى له لأنه سيتحول إلى مزايدة مستمرة من طرف مختلف القطاعات المستفيدة منه للمزيد من دفع الدولة إلى تنازلات أكثر للاستفادة من تقاسم الريع الذي كان حكرا على مجموعات متنفذة من السياسيين والتجار والمضاربين. ناهيك عن مخاطر التضخم الذي يلوح في الأفق، والذي لا تحميه حاليا لا السيولة للتغطية التي تجاوزت السبعين مليار دولار والذهب. ولكن هذا يمكن أن يذوب بسرعة كسحابة صيف إذا استمر الوضع على ما هو عليه بدون تحريك لآلة الإنتاج واستشراء الفساد وهيمنة الإدارة التي تحولت إلى سرطان حقيقي وإخطبوط يمنع البلد من أية نقلة نوعية.

إن الاستحقاقات القادمة تحمل كل الآمال وكل المخاطر أيضا في الجزائر. ربما كان الرهان الأساسي في اللعبة كلها هو رهان الوقت الذي أصبح محدودا ويجبر القيمين على الدولة إلى ضرورة التنبه لذلك. استغلال الوقت إلى أقصى ما يمكن لتجنيب البلاد مما حصل في ليبيا ويحصل حاليا في سوريا بالخصوص، نظرا لتشابه الأنظمة عموما في قدامتها وتحولاتها غير الجذرية، ومن حيث بنيتها القبلية والجهوية والطائفية التي تتحدد المصالح المختلفة من خلالها، على الرغم من الخصوصيات الشكلية لكل نظام. الأكثر صعوبة هو أن الجزائر أوسع من ليبيا وسوريا، ومشكلاتها كبيرة. مشكلة ضرورة تجدد النظام؟ مشكلة تسريب الأسلحة من الحدود الجنوبية لتغذية الإرهاب؟ المشكلات اللغوية والعرقية؟ مشكلة الطوارق التي تطبخ على نار هادئة؟ مشكلة القبائل التي تبنتها بعض الأحزاب مثل الماك الحركة لاستقلال القبائل، لفرحات مهني، حتى ولو لم تشكل اليوم قوة حقيقية حتى في منطقة القبائل، يمكن أن تتحول إلى خزان ورافد عندما تتأزم الأوضاع ويصبح الانتساب للعرقية وللجهوية هو أقصر الطرق وأقرب الحلول وأكثرها ضمانا بالخصوص في ظل وضع دولي يهيئ سيناريوهات كثيرة. يشكل النموذجان العراقي والسوري في تشابههما للجزائر، ميدانا خصبا لاستجلاء الدروس والفهم والتقرب. من كان يتصور أن بلدا مثل العراق يمكن أن يتم تقسيمه إلى شيعي وسني في ظل تسامح استمر قرونا متتالية على الرغم من مناورات نظام صدام المتتالية؟ من كان يتصور أن البنية الدينية في سورية المسيحية بتعددها، والسنية، والشيعية والعلوية والدرزية وغيرها، يمكن أن تهتز بقوة في ظرف اقل من سنة؟

يكاد يكون النموذج اللبناني الذي استعصي فيه خلق الدولة هو المآل وهو الذي يتراءى في الأفق. على الجزائر أن تنتبه لهذه المعطيات، لأن النوم المستمر على الأذنين والتغني بالثورة، والوحدة الوطنية لا ينفع في شيء. ما هو متاح اليوم من وقت للإصلاحات، قد لا يكون متوفرا غدا. تسريع الإصلاحات مسألة ليست ضرورية فقط ولكنها حيوية جدا استمرار الدولة مرتبط بها في ظل الأوضاع والخيارات الدولية الراهنة.

الطابق ١٣

أسئلة الحداثة المغدورة في تونس

كمال الرياحي

من شرفة بالطابق ١٣ من فندق أفريكا أتأمل سطوح العاصمة منتظرا صديقي المترجم الايطالي فرانشيسكو لجو الذي يزور تونس ليقدم محاضرة عن الرواية العربية في مواجهة الدكتاتورية. تمضي عيني بعيدا تقفز فوق سطوح المنازل البيضاء التي سرعان ما تحولت في العين قبورا متراصة. احساس غريب من السوداوية والجنائزية يجتاحني في يوم الذكرى الأولى للثورة التونسية. أتأمل حشود الناس التي تمضي في شارع الرئيس . حشود كبيرة تجر خطاها في احساس من الخيبة. ربما احساسي أسقطه عليهم. لكني فعلا قبل أن أدخل الفندق رأيت وجوما كبيرا على ملامحهم. مثل الذي يتقبل العزاء. هل انتحرت الثورة؟ أرفع رأسي للسماء. بقايا طوابق قليلة لناطحة بلا سحاب. عمارة شاهقة يتيمة مستبدة في قلب مدينة قصيرة. صوت طائرة قريبة تمزق سحابة فقيرة تائهة في سماء زرقاء. لون بدأ يقلق مزاجي. تتداعى في ذهني أحداث سبتمبر وأركض بالمخيلة بعيدا في الخراب.

إن انتحار طائرات ١١ سبتمبر منفجرة في برجي التجارة العالمي لم يكن غير انتحار رمزي لحرية السفر. فأداة السفر التي كانت مركب الحرية والحياة أصبحت أداة الجناية ومركب الرعب الذي يأتي بالموت من البلاد البعيدة المجهولة. والآخر القادم فيها لم يعد غير ذلك الجحيم الذي وصفه سارتر.

عندما ينتحر الرمز يقتل نفسه والآخرين، هكذا فعلت الطائرات عندما انتحرت لتقتل المعنى نفسه. قريبا من هذا فسّر بودريار سقوط البرجين بالانتحار الرمزي. فهل تنتحر الثورة وتنتحر الحداثة في تونس بتفجّر الحرية على فضاء الفوضى؟

لأول مرة يجد التونسي نفسه في مأزق بعد ثورة ١٤ جانفي. من هو بالضبط؟ سؤال لم يطرحه من قبل فهو التونسي؛ نعم التونسي؛ كلمة التونسي كانت تختزل بالأمس القريب كل المشروع الحداثي الذي مضت فيه تونس منذ قرن وقبل ذلك مع حركات الإصلاح مع خير الدين والطاهر الحداد وغيرهما ...اليوم يطرح سؤال الهوية نفسه من جديد بعد أن أصبحت كلمة تونسي و"توانسه" لا تجيب بدقة عن سؤال من أنا ومن نحن؟

منذ حادثة قاعة أفريكا آر التي عرضت ضمن نشاطها فيلم نادية الفاني: "لا الله لا سيدي" الذي استفز الاسلاميين المتشددين ودفعهم إلى التظاهر أمام القاعة في مرحلة أولى ثم تهشيم زجاج الواجهة البلورية واقتحام القاعة ومحاولة منع عرض الفيلم. حادثة أثارت جدلا كبيرا داخل البلاد الثائرة ولم يحسم الأمر فيها حتى بين المثقفين إلى اليوم. منذ ذلك الحين اطلقت أبواق الفوبيا بين الخلاّقين والمثقفين.

ثم تأتي قضية قناة نسمة الفضائية وقصة عرض الفيلم الايراني "برسبوليس" لتعيد المشهد من جديد بأكثر عنف ودموية باتهام القناة بعرض فيلم سينمائي للصور المتحركة يجسد الذات الالهية. خروج المتعصبين الذين قادوا المظاهرات والاحتجاجات لم يمنع من التحاق العامة تحت تحريض وسائل اعلام أخرى منافسة رسمية وخاصة لتأخذ القضية بعدا آخر وتتحول إلى قضية رأي عام وصلت إلى حد الهجوم بالمئات على مقر القناة والتحريض على قتل العاملين بها ثم الهجوم على وزارة الثقافة التي لم تقدم رأيا يشجب القناة في ارتكابها الكبيرة حسب رأيهم وهي عرض فيلم يجسد الذات الالهية ووصل بالقضية حتى الهجوم على منزل صاحب القناة ومحاولة قتله وعائلته وتفجير باب منزله بانبوبة الغاز رغم انه خرج في وسائل الإعلام يطلب الصفح ويعترف بالخطإ.

يبدو أن الاعتراف بالخطإ زاد الطين بلة ووضعنا أمام مشهد جديد لـ"اسلاموفوبيا " الداخل. وجعلنا نتساءل عن مصير الحداثة التونسية ومصير ثورتها إذا كانت هذه المؤسسة الإعلامية التي قدمت نفسها على أنها بديلا اعلاميا تقدميا وحداثيا وعملت على تجنيد المفكرين والجامعيين والباحثين التنويريين من العلمانيين والمعتدلين والوسطيين من الاسلاميين يخرج مديرها وينسف خطها التحريري ويعتذر عن تمرير فيلم ايراني يصف بشاعة الاستيلاء على الثورة وسقوط المجتمع الايراني في أيدي محاكم التفتيش الخمينية؟

في أول امتحان حقيقي تسقط القناة في المهادنة والاعتذار وتكشف عن هشاشة طرحها وأسسها الأولى التي بنيت عليها فرأس المال يظل دائما جبانا. استحضر هنا عبارة يتين بليبر "الهوية، لا يمكن أن تكتسب سلميا: إنما تطرح كضمان في مواجهة خطر الإبادة أو الإلغاء من قبل هوية أخرى" فماذا فعلت هذه القناة لتدافع عن خياراتها الإعلامية والثقافية؟

بدا وكأن السيد القروي؛ مدير القناة، حداثي منتصب لحسابه الخاص متى أراد يمكنه أن يحوّل بقّالة الحداثة إلى مغازة لبيع اللباس الشرعي للرجل. إن الإعتذار ضرب من حرية التعبير ولكنه ضرب أيضا حرية التعبير في مقتل لأنه اعترف بسلطة الشارع وقوة المتعصبين ومن ثم حكم على كل تحركات المجتمع الثقافي في المستقبل بأن تبقى رهينة ثنائية الحرام والحلال وعبارتي "يجوز ولا يجوز" ووضع كل المتعاونين مع القناة من الباحثين والجامعيين والمفكرين في مأزق. سقطتنا من جديد في صراع بين الهويات الجزئية وجاز لنا أن نقول ونحن نتابع ما يجري في الشارع من قنابل الغاز المسيل للدموع والتفجيرات والاعتداء على الأشخاص والمؤسسات أننا سقطنا في ما سماه أمين معلوف بالهويات القاتلة "Les Identités Meurtrières" والهويات المُقاتلة.

في الوقت الذي تعتذر فيه المؤسسة الأعلامية عن فعلتها وترتد عن خطها التحريري يخرج الشعب التونسي للشارع مطالبا بالحرية من جديد في مظاهرات حاشدة تحت شعار "أعتقني" والتي تناسلت عدة شعارات معبرة عن رفضها لأي وصاية دينية كهنوتية "أنا حر وتونس للجميع" و "أعتقني وخليني بيني وبين الي خالقني" و

"تونس بلد مسلم مش بلد خوانجيه" و "أعتقني حريتي أيضا مقدسة" و "في ١٤ نادينا بالحرية موش بالزيادة في الرجعية" و "قبل الثورة كل شيء ممنوع وبعد الثورة كل شيء حرام؟" و "صوتنا أقوى من ظلامكم" و "لا تأخذ عقلي" و "بن علي لن تعود بلحيتك ولا بلاش". شعارات كلها تؤكد على ان الحرية خيار لا رجعة فيه وأن الإسلام دين تسامح وان الحل هو الحوار لا العنف وأن الشعب لن يترك فرصة للنظام السابق لكي يعود من أين نافذة حتى لو كانت الدين.

يبدو أن الثورة نبتة هشّة لا تنمو بشكل صحي داخل مجتمعات مريضة نفسيا ولم تحسم أمرها بعد مع نفسها. إذ المجتمع التونسي والعربي بشكل عام يحتاج إلى معالجة نفسية فعلا ليتصالح بعضه على بعض. فماذا نسمي ما يحصل لسلمان رشدي مثلا في تونس؟ إذ يجوز تدريس أعمال سلمان رشدي بالانجليزية في الجامعات وتعرض كتبه بالفرنسية والانجليزية في المكتبات بينما تمنع ترجماته إلى العربية من دخول البلاد. مما اضطرني قبل عام لادخال رواية "أطفال منتصف الليل" أو "غضب" إلى نزع غلافيهما وتغليف الكتابين بأغلفة كتب دينية لكي أمررها في المطار؟ هل هناك شيزوفرينا أعظم من هذه التي تقسم المجتمع التونسي إلى مجتمع ناطق باللغات الحية مسموح له ما ليس مسموح لغيره الناطق بالعربية؟

قبل الانتخابات بأيام قليلة منع بعض الأفراد عرض عمل ابداعي تشكيلي في شارع الحبيب بورقيبة بتعلة أنه مسيء للأخلاق لأنه يجسد الثورة التونسية في صورة امرأة عارية. هكذا تغوّلت الرقابة في تونس فقد كانت محتكرة من السلطة والآن أصبحت في يد الأفراد وهذا ما ينذر بالخطر لأن على السلطة والدولة ان تعيد التوازن للمشهد الثقافي بحماية حرية التعبير من الاغتيالات الشعبوية التي تتعرض لها، وعلى المبدعين أن يتحلوا بالروح القتالية للدفاع عن مكتسباتهم وحقوقهم في التعبير بحرية عن هواجسهم الفنية.

ولكن كيف لنا هل مازالت الثورة على قيد الحياة أصلا ومرشح الحزب الفائز لرئاسة الوزراء يخرج علينا معلنا بداية الخلافة الراشدة السادسة ويتحدث عن الإشارات الربانية التي تؤكد له ذلك؟ فماذا يقصد الدكتور المرزوقي في تسمية حزبه بالمؤتمر من أجل الجمهورية إذن؟ ولكن الرئيس يبدو متهورا ومع كل خطاب أو تصريح جديد يشعل فتنة هنا أو هناك أو يحدث أزمة دبلوماسية هنا أو هناك.

أسحب من محفظتي مجلة الإذاعة لأقرأ رسالتي إلى الرئيس. رسالة كانت مثار جدل بين القراء والمثقفين، لكني كتبتها خوفا على مستقبل البلاد وقد بدا لي الرئيس يتهاوى قبل دخول القصر ويفقد ثقة التونسيين بتمسكه بالرئاسة دون صلاحيات. كتبت له غاضبا تحت عنوان "رسالة إلى سيدي الرئيس في ليلته الزرقاء".

ماذا ستقول وأنت تغلق باب غرفتك الجديدة وتنزع بدلتك وترمي بها بعيدا منتقما من ترتيب المكان الذي كان محظورا وغير محلوم به؟ هل ستذكر الشعب الذي يئن تحت أكواخ البرد؟ هل ستذكر الطفل الحافي الراكض إلى المدرسة ببطن جائع؟ هل ستذكر الكروش الجائرة التي أكلت لحمه القليل؟ هل سيكون عشاء سيدي الرئيس لحوما أم أسماكا؟ هل ستكون ليلة سيدي الرئيس حمراء أم زرقاء أم أن الانتصار أيضا يحدث عتّة وسيكتفي بجلد عميرة؟ هل سيذكر سيدي الرئيس وهو يقلّب أعضاءه الكاملة في الحوض الساخن والناعم، أعضاء الشهداء الطائرة وأعضاء الجرحى الهاربة منهم؟ هل ستذكر سيدي الرئيس أن فراشك الليلة فراش طاغية دخل دخلتك نفسها ورمى بالحركة نفسها بدلته ونعليه ليكره ترتيب المكان لبداوته ووحشيته؟

ارفع رأسك الى السقف. هناك نحن نراك. كل الشعب يراك. كل الشعب يشاهد سذاجة الليلة الأولى وبلادتها ويضحك. لقد سقطت في الفخ. حاول أن تنام الآن. لن نترك السقف. تعوّد علينا. تحرر من ثيابك، فليس العري عري الثياب يا رئيسي. العري أن تتعرى من وعودك لتبدأ في نسج ذنوبك.

سيدي الرئيس، أرجوك لا ترم جواربك فوق الأريكة كما فعل الجنرال. أخرجها إلى البهو، نريد أن نراقبك من دون قرف. سيدي الرئيس لا ترم بالورود في البهو. نريد أن نراقبك ونحن نشتم بعض ورود النفاق. سيدي الرئيس لا تسبّ الرفاق. من حق الرفاق ألا يكونوا في لائحة النفاق. سيدي الرئيس لا تضرط آخر الليل. الشعب في أعلى السقف لم يعد يتحمّل الضراط. سيدي الرئيس نسيت أن أقول لك حذار وأنت تدخل الفراش، فتحت الفراش شيخ سيهديك الى الصراط.

سيدي الرئيس، الراكض وحده، الفائز وحده، النائم وحده. افتح الباب، جاء ما أوصيت به من لعب الاطفال. سيدي الرئيس، هل أعجبك الفراش؟ نم ما شئت الآن، فأنت الرئيس مدى الحياة. حياة الحيتان. سيدي الرئيس، امرأتان وامرأة بالباب يسألون عن حصتهن من الطغيان. منقبة ومتحجبة وسافرة على باب الله. سيدي الرئيس حماك الله، هل ستنام مبكرا؟ سيدي الرئيس، غاندي الافريقي عنزنا يا سيدي لاحمة. كل أغنامنا لاحمة.

برنسك ثمين. نعم، نعلم جيدا انه ثمين وأنك موهوب ولست زاهدا، لا عمرو بن الخطاب أنت ولا المهاتما. تحت البرنس الثمين بدلة ثمينة، وتحت البدلة الثمينة ملابس داخلية باهظة الثمن مثل أرواحنا ودمائنا تماماً، التي صبغت بساطك الاحمر الراكض بك إلى قصرنا المنهوب. نم هادئا لتصحو مبكرا رئيسا.

سيدي الرئيس، شكرا على خطابك، لكننا نُعلم جنابك أننا لم نعد نؤمن بالخطب بعدما جرّبنا أن نكون للنار حطباً. سيدي الرئيس، نقسم أننا نحبك ولكننا إلى الآن نكره "الرئيس".

سيدي الرئيس، مبروك عليك ما أنت فيه. مبروك عليك ما انقلب منك عليك. تسعة رؤساء أطحتهم بقبضة واحدة لتنتصر. سيدي الرئيس، تسعة؟ جندلت ترشحهم الجدّي وأطحت أسماءهم الشهيرة جداً. سيدي الرئيس، مبروك عليك. ومبروك عليك. ستدن مثل بلال تحت صخرته. قل أحد أحد. وهل تنفعك الشهادة والتوحيد والعبادة وأنت مبروك عليك؟ مبروك عليك، مبروك عليك. نحن في السقف ندعو لك لك وإليك. غدا لو خنتَ، لن نكتفي بالدعاء عليك.

سيدي الرئيس، اثبت لي أن عبد الله القصيمي كان مخطئا عندما قال "إن الثائر العربي يحول مستويات الضعف والعجز والبلادة والبذاءة والتفاهة من مستويات ممكنة ومستترة أو خامدة أو صامتة، أو متواضعة أو مسترخية أو غير إعلانية، إلى مستويات واقعة وضاحة ومثيرة ونشيطة ومرئية ومقروءة ومتوحشة في إعلانيتها. إنه يحول الاستتار والخمول إلى افتضاح وتشهير. إنه يقرأ عاهاته ونقائصه بأعلى الأصوات في جميع الأسواق والنوادي والطرقات. إنه يقرأها قراءة عالمية".

اثبت لي انه ظلمنا وظلم الثوّار العرب. اثبت لي أنه كان يهذي، وانه كان حاقدا علينا قبل أن نولد عندما قال: "كل ثائر عربي لا بد أن يكون أكثر وأعنف بداوة ورجعية وعقلية وعلمية وفكرية ونفسية وأخلاقية وأيضا لغوية من العهد الذي ثار ضده وأسقطه. كل ثائر عربي لا بد أن يكون أكثر طغيانا وعدوانا وسخفا وتفاهة وغرورا وهمجية نفسية".

كيف ستجعلني لا أصرخ "أيها العار... إن المجد لك".

نم، نم، نم هادئا سيدي الرئيس، سنحرسك، نحن في السقف، كل الشعب في السقف، نحن السقف، لا تفكر في اطاحتنا، لأننا سنسقط عليك.

سيدي الرئيس: "مبروك عليك!"

أنهيت قراءة الرسالة انحيت لأربط خيوط حذائي وأنا أهمس للحشود المارة تحتي التي لا تسمعني: "اياكم أن تخلعوا أحذيتكم ".
فجأت بدت لي الحشود كلها في قمصان بيضاء قصيرة تمضي في جنازة ضخمة داخل مقبرة مزدحمة.

أراني كما الغوريلا في King Kong يائسا يتلقى الرصاصات الأخيرة . هل يتحقق ما كتبته في رواياتي؟ وتسقط البلاد في الظلام؟ تبّا للطابق ال ١٣. علي أن أغادره فورا. أحتاج أملا. أركض خارج الغرفة باحثا عن المصعد.

حركة تناقل الفنانين
في منطقة البحر المتوسط

فرديناند ريتشارد

على الرغم من أنه لا يسمح إلا بقراءة محددة، نظراً لأن صندوق روبرتو سيمتا لا يسعى إلى أن يكون الصندق الوحيد من أجل التنقل، يمكن استخلاص بعض اتجاهات خرائط التنقل المرسومة خلال منح السفر التي قُدمت في عام ٢٠١١م:

- والمفاجأة الأولى تأتي من ضعف التدفق مع المغرب مقارنة بما يتعلق بالمشرق. هل ينبغي أن نستنتج من هذا أن التعاون الثقافي الأوربي مع المغرب العربي هو بالفعل أكثر منهجية من خلال التعاون المؤسسي؟

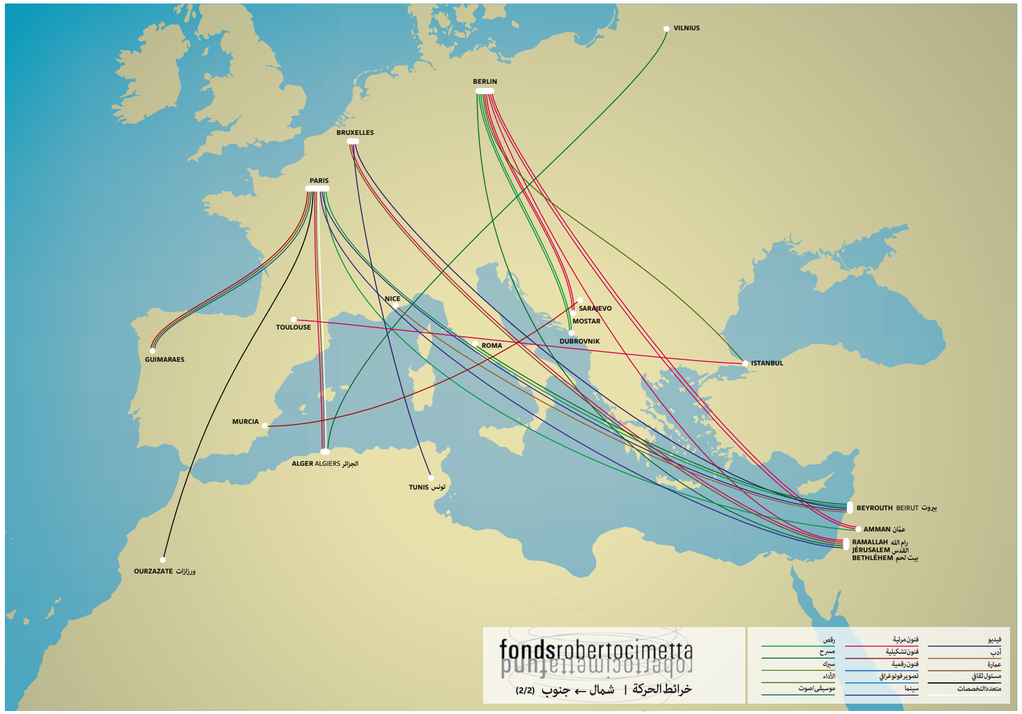
- أما المفاجئة الثانية فتتأتي من الغياب النسبي للعواصم الأوربية الكبيرة كنقط انطلاق ووصول. هل ينبغي أن نستنتج من هذا أن الفرق الفنية الموجودة في تلك العواصم الأوربية أقل ميلا للتعاون الثقافي الدولي، أو بالأحرى أنها تفضل شكلا آخر للتعاون الثقافي الدولي، بخلاف المستخدم في المدن الإقليمية؟

- ومن المؤكد أن العواصم الثقافية في دول الإتحاد الأوربي تستفيد من التنقل الثقافي. هل ينبغي أن نستنتج من هذا أن المسألة لدى هذه العواصم الثقافية تتم أيضا خارج أراضيها؟

- التنقل جنوب/ جنوب نادر الوجود، وذلك برغم جهود الاتصال التي تقوم بها الـ"RFC".

- هل ينبغي أن نستنتج من هذا أن التعاون المباشر بين المغرب والمشرق لايمكنه أن يقوم بدون وساطة "قادة الشمال"؟ أو أن الفنانين / وشركات الجنوب تنظم تحركاتها من خلال أموال تنقل أخرى، على سبيل المثال: الأموال العربية؟

- الفنون الفردية (فنون المسرح، والفنون المرئية) تتمثل في أغلب الأحيان على حساب الفنون المكررة. هل ينبغي أن نستنتج من هذا أن الصناعات الثقافية أقل احتياجا للتنقل، أو أنها تستطيع خلق آليات مختلفة من أجل التنقل؟



مرصد أفريقيا وأمريكا اللاتينية

قاعة ٣ ، مؤسسة كالوست غولبينكيان

من الساعة ٩،٣٠ صباحا إلى الساعة ٣٠ ،٥ مساء - ١٢ مايو ٢٠١٢

من المخيلة إلى الخيال:
موقع التصميم في شمال أفريقيا
فريديريكو دوارت

منذ هيرودوت فإن تاريخ شمال أفريقيا هو حكاية من مخيلته. بالإضافة إلى الحدود الجغرافية والدينية والسياسة، فإن هذه المنطقة قد نشأت وأعيد تشكيلها في أشكال وصور وكلمات وأصوات متباينة بنفس درجة تباين: إنغريس، لو كوربوزييه، ديزي جيليسبي، إيف سان لوران، ولكن أيضا مثل: ابن بطوطة، أم كلثوم، عبداللطيف كشيش. إن التغييرات العميقة التي حدثت أخيرا في الشوارع والأنظمة السياسية في دولها الثلاثة الديمقراطية الجديدة قد فتحت مجالا جديدا للإبداع، كما فتحت مشروعا للفنانين والمصممين في دول المغرب العربي. في وقت يعاد إختراع منطقة بأثرها، بأي شكل يستطيع الفن والتصميم الفني بشكل خاص المساهمة في التشكيك في تلك المخيلات وإيجاد أماكن أخرى لخيال المبدعين والمواطنين؟

درس **فريديريكو دوارت** تصميم الاتصال في لشبونة وعمل مصمما في ماليزيا وإيطاليا. في عام ٢٠١٠م، أنهى رسالة الماجستير في نقد التصميم بمدرسة الفنون البصرية بنيويورك. وكناقد ومنسق للتصميم، كتب منذ عام ٢٠٠٦م عديدا من المقالات والكتابات، وساهم في كتب وكتالوجات، وألقى محاضرات وأعد ورش عمل، وأقام معارض ونظّم فعاليات حول التصميم والعمارة والإبداع. ويقوم بالتدريس الآن في المدرسة العليا للتصميم، بمدينة كالداس دا راينها (ESAD)، وفي كلية الفنون الجميلة جامعة لشبونة.

ملخصات

أبعاد تصميم الموضة المعاصرة في القاهرة
سوزان كومبير - برلين

بوتقة من التأثيرات الثقافية الإسلامية والأفريقية وغيرها، القاهرة اليوم هي ملتقى عالمي للفن المعاصر ووسائل الإعلام والموضة. جلبت ثورة ٢٠١١م المصرية الآمال في مجتمع أكثر ديمقراطية وانفتاحا، لكن الحركات الإسلامية المحافظة التي تكسب أرضا الآن تشكل تهديدا للمفكرين من الشباب المبدع الذين كافحوا بكل إخلاص لصياغة مستقبل أكثر إشراقا. وعن طريق إنشاء أنماطا معاصرة تبقى وفية لأصولها الفنية، يربط شباب المصممين القاهريين بين الحداثة والتقليدية ويحتفلون بالتنوع الثقافي والديني. لكن خصوصا خلال الاضطراب و والتحديات الراهنة في مصر، يكون من المهم بشكل متزايد للمجتمع الفني بالقاهرة الاتصال بالمجتمعات الليبرالية والشبكات الدولية للحصول على التشجيع المهني والدعم الشخصي. أولئك الذين يفتحون الأبواب أمام الروح الثورية يثبتون بحق أن الإبداع المتمرد لا يخرج مطلقا عن الموضة.

سوزان كومبير هي مصممة موضة. قضت الثلاث عشرة سنة الأخيرة بين موطنها الأصلي ألمانيا ومصر. منذ عام ١٩٩٩م إلى عام ٢٠٠٥م، شاركت في فريق أسس قسما جديدا لتصميم الموضة بكلية الفنون التطبيقية بجامعة حلوان بالقاهرة، وهي الأولى من نوعها في الجامعة المصرية. كما أدارت سوزان أتيلييه تصميم الموضة الصناعية لمد منتجي الملابس المصريين بالمهارات المتعلقة بالتصميم، كما عملت بمشروعات التصميم والتمكين الاقتصادي في عديد من المؤسسات الدولية والهيئات الثقافية. منذ عام ٢٠١١ م، تدير ورش عمل وحلقات دراسية للتصميم بالتعاون مع المعرض التجاري للاستيراد في برلين، وكذلك مصممي الموضة العصرية بالقاهرة.

المساحة في الصورة -
الفوتوغرافية لماجدة خطّاري
ميريان تافاريش (بالاشتراك مع سيلفيا فييرا)
مركز CIAC، فارو

كل الشعر له مناسبة - أوجين دياكاروا

الفنانة المغربية ماجدة خطّاري تستخدم الصورة الفوتوغرافية والمنشآت وعروض الأزياء كاثارة/ إنعكاس على الورق للحجاب في العالم الإسلامي وفي مخيلة الغرب. في سلسلة الصور الفوتوغرافية المسماة بـ "الإستشراق" تعيد تكوين لوحات ديلاكروا بطريقة متمردة. العلاقة مع عمل الرسّام تتعدى مجرد المسألة الموضوعية ويمكن تعميقها. يقول بول جامو عند حديثه عن أعمال ديلاكروا في" وثائق رقم (٥)"، في عام ١٩٣٠ م، إن أي موضوع، في يدي الفنّان، يتحول إلى شكل من أشكال الوحي، وإلى رؤية مأساوية، سواء في الإشارات اليائسة للرجال المقاتلين، أو التراخي الواضح في الفتيات الأسرى. إن استخدام ماجدة خطّاري للصور الإستشراقية لديلاكروا تستوعب الشعور المأساوي، كما تستوعب فكرة الصورة كوسيلة لتخليد الإشارات اليومية وإضفاء الطابع العالمي عليها. الحجاب - الذي يُخفي ويكشف في أعمالها - يُستخدم كآليات لإظهار ما يُراد إخفاءه. وهذا هو الإجراء المتبع في عروضها وتركيباتها التي تخلق حدود مساحة غامضة بين الأنا والآخر. بين ما يُري وما يُعرض.

ميريان نوغييرا تافاريش هي أستاذ مساعد بجامعة الغارف، حيث تدير ماجستير الاتصال والثقافة والفنون، وليسانس الفنون البصرية. لها تكوين أكاديمي في علوم الاتصالات والسيميائية والدراسات الثقافية (حيث حصلت على درجة الدكتوراه في الاتصال والثقافة، من الجامعة الفيدرالية في باهيّا)، وقد قامت بعملها البحثي وإنتاجها النظري في مجالات تتصل بالسينما والأدب و فنون أخرى، وكذلك في مجالات علم الجمال السينمائي والفني. وهي تعمل في الوقت الحالي كمنسقة لمركز بحث الفنون والاتصال (CIAC).

مدينة في حالة تغير مستمر: وسائل جديدة للتدخل العمراني بالقاهرة منذ يناير عام ٢٠١١ م
عمر نجاتي - القاهرة

إن انهيار أجهزة الأمن في القاهرة في يناير عام ٢٠١١ م قد ولّد طرقا جديدة للتدخلات العمرانية غير الرسمية في الأماكن العامة، كان من غير المتخيل أن تحدث قبل ذلك، سواء من حيث نوعها أو وسائلها. هذه المجموعة من البائعين المتجولين والمحلات التجارية تسيطر على الشوارع والأرصفة إلى جانب التطورات بالطرق السريعة ومداخل الطريق الدائري التي بنتها المجتمعات المحلية. نفس ظروف السيولة التي أنتجت أنماطا جديدة من التعبيرات الثقافية والفنية في الأماكن العامة - كما هو الحال في الكتابة على الجدران وعروض الشوارع والمعارض الفنية والمهرجانات - مما دفع الأفراد والمجتمعات إلى تحدي ضعف الدولة المتزايد وعدم قدرتها على عملية إضفاء الطابع الرسمي والشرعية في أرجائها. و ربما تدل هذه الأحداث على مجتمع منقسم، ومعارك إيديولوجية مستمرة أو حرب شوارع، ولكنها أيضا طرحت طرقا بديلة من التطور العمراني "من القاع" تستولي على مدينة في حالة تغير سريع تواجه مستقبلا واعدا لا يمكن التنبؤ به حتى الآن.

عمر نجاتي هو مرشح لنيل درجة الدكتوراه ويعمل بالهندسة والتخطيط العمراني ويعيش حاليا في القاهرة. تخرج في جامعة القاهرة ودرس ودرّس بجامعة كولومبيا الإنجليزية وجامعة كاليفورنيا في بيركلي، مركّزا بصفة خاصة على العمران غير الرسمي. ويتبنى نهجا متعدد الأطراف في قضايا تاريخ العمران والتصميم، ويشارك في التحليل المقارن للعمليات العمرانية في الدول النامية. وهو يدرّس أستوديو التصميم العمراني بجامعة العلوم الحديثة والفنون بالجيزة، وقد شارك مؤخرا في تأسيس (CLUSTER)، وهي قاعدة جديدة للبحث العمراني ومبادرات التصميم في وسط القاهرة.

الربيع العربي في تونس - منظور سيميائي
نونو كويليو - جامعة كويمبرا

كل نظام سياسي يكون مدعوما بجهاز دعاية، حيث لا يقتصر على كونه مجرد أداة إخبارية، ولكن أيضا يكون جهازا لإحداث تجانس في الرأي. إن مذهب وفكر نظام سياسي ما يخضع حتما للأيقونة التي ينتجها هذا النظام. عندما تتعرض دولة لتغيير مفاجئ، فمن الطبيعي أن تتبدل الأيقونة الموجودة بسرعة وتحل محلها مفردات بصرية جديدة. عند التحول من نظام ديكتاتوري إلى نظام ديمقراطي، تصبح الصور أدوات تستخدمها الأحزاب السياسية، وتستخدمها أيضا منظمات وحركات اجتماعية أخرى، وذلك من أجل بث أفكارها وصورها. في تونس، الحملة الشديدة للمقاومة المدنية التي أسقطت نظام بن على فتحت الطريق أمام أول انتخابات حرة للدولة الجديدة، شارك فيها مئات الأحزاب وقوائم المرشحين. أي أيقونة نقلها التغيير العميق لشعب عاش أكثر من عقدين من الديكتاتورية وهو يبدأ الآن التعايش مع الديمقراطية؟

نونو كويليو هو مصمم اتصالات ومحاضر لمواد الليسانس والماجستير في التصميم والوسائط المتعددة بجامعة كويمبرا. وهو يعيش بمدينة بورتو. وهو يعد رسالة الدكتوراه في الفن المعاصر بجامعة كويمبرا. حصل على درجة الماجستير في التصميم وإنتاج الجرافيك من جامعة برشلونة. حصل على درجة الليسانس في تصميم الاتصالات وفن الجرافيك من جامعة بورتو. وهو كمصمم، قام بأعمال لهيئات عديدة في ألمانيا وأسبانيا وأثيوبيا والنرويج وفلسطين والبرتغال والمملكة المتحدة. وقد قدم أعماله في معارض ومحاضرات بألمانيا وأستراليا والنمسا والبرازيل وأسبانيا واليونان وإيطاليا والمكسيك والبرتغال. [www.nunocoelho.net]

صورة وظيفة الأتيلييهات الصغيرة للموضة الأفريقية
ساندرا موينداني - CESA لشبونة

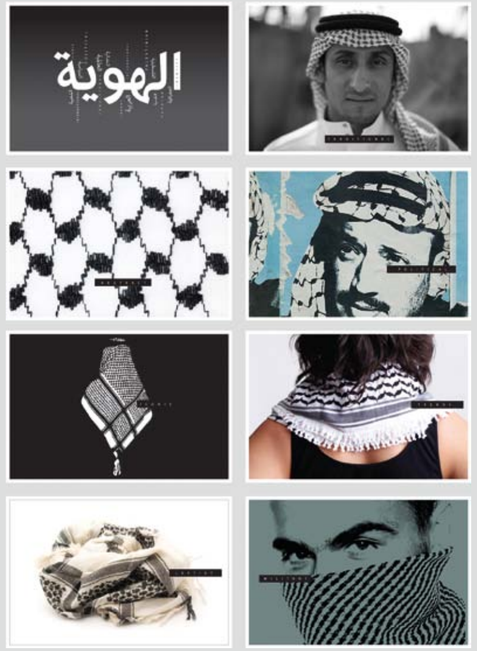
في كل قارات العالم، تتم ممارسة تصميم الموضة، في مرحلة أولى، من خلال إعداد المجموعات. كذلك في أفريقيا، يقدم مصممو الموضة مجموعاتهم في عروض تُنظم في أرجاء القارة، حيث يتواصلون مع المشترين المحتملين ويتبادلوا الخبرات مع أقرانهم، لرفع القدرة التنافسية لصناعتهم. الشق الأكثر تجارية في تصميم الموضة يوجّه إلى تصميم نماذج تباع بالتجزئة في بوتيكات، وذلك يتضمن اتصال مباشر بين المصمم والعميل. المفاضلة من حيث التسويق تركز بدرجة أقل على الأسعار وبدرجة أكبر على المواد والابتكار أو الأصالة. المنافسة القوية بين المصممين الأقل إنتاجا تفتح الباب كذلك أمام إمكانية استغلال صناعة الموضة والملابس كبديل أكثر ربحا، خاصة تلك التي توجه إلى التصدير.

ساندرا موينداني، مصممة موزمبيقية الجنسية، حاصلة على درجة الليسانس في هندسة تصميم الموضة من الجامعة التقنية في لشبونة، حيث درست التخصص في التصميم الإستراتيجي والابتكار. وقد شاركت في عروض مختلفة ومعارض وورش عمل و إقامات فنية في أفريقيا وأوروبا وأمريكا الشمالية.

مشروع الكافيّة
طارق عتريسي - مؤسسة كافلاب

الكافيّة (هي غطاء رأس عربي تقليدي للرجال)، وهي أقوى رمز يخرج من العالم العربي المعاصر. وهي تطأ عوالم الشارع والسياسة والثورة والزي التقليدي والاتجاهات والموضة، وقد تجاوزت الشكل والوظائف المتعددة لتصبح أكثر من مجرد شيء بسيط. وبينما كانت الكافيّة في عام ٢٠٠٩م مجرد موضوع أطروحة بحثية، فقد تحولت في عام ٢٠١٢م إلى موضوع الساعة. ومن أجل نظرة مستقبلية أنشأنا مؤسسة كافلاب، وهي مؤسسة مكرّسة لتطبيق فكر التصميم (تفكيك ثم إعادة بناء) للهوية العربية. وذلك عن طريق إنشاء قاعدة من المصممين وإمكانية حكي قصة مختلفة. نود أن نفتح خطابا حول قضية ملطخة بالصور النمطية والسلبية ومشوشة مع الدين. في عرضنا سوف نميط اللثام عن مشروع طموح، يتضمن موقعا على الإنترنت وفعاليات ومعرضا وكتابا. لقد حان الوقت للخطة (ب) أو بالأحرى للخطة (كاف).

كافلاب (طارق عتريسي و هالة عبدالملك)
كافلاب هي مؤسسة مكرسة لإعادة التعريف بالهوية العربية عن طريق التصميم. بدءا من مسألة "ما هو العربي؟" تتطلع كافلاب إلى تحليل العناصر والرموز والأيقونات التي تحدد بحق ماهية هذه الثقافة الثرية. وقد شارك في تأسيس كافلاب كل من: ناقدة التصميم هالة عبدالملك، و طارق العتريسي الذي سوف يمثل كافلاب. يدير العتريسي أحد أستوديوهات التصميم الرائدة في هولندا، وهو متخصص في التصميم العربي والعلامات التجارية وأسلوب الطباعة.



Kaflab / Design by Tarek Atrissi Design - كافلاب / تصميم طارق عتريسي

هل يمكن الشعور بروح العصر ومجاراته؟

أنطونيو بينتو ريبايرو

عندما بدأ برنامج مؤسسة جولبينكيان "المستقبل القريب" في عام ٢٠٠٩م، مركزا بشدة على البعد الثقافي والفني للإنتاج والأدباء المعاصرين (في أفريقيا وأمريكا اللاتينية ومنطقة الكاريبي)، وعلى علاقتهم بالمدن الأوربية والمبدعين الأوربيين، لم يكن أحد ليتخيل أنه بعد مرور ثلاثة أعوام فقط سوف تحدث حركات ثورية في دول شمال أفريقيا والشرق الأوسط. هذه الموجة المفاجئة من التمرد والتطلع إلى الحرية والديمقراطية لم تهز فقط تلك الدول - بعواقب فورية كتغيير النظام - بل هزّت العالم بأثره، لافتة النظر إلى الشعوب والمبدعين والساسة في تلك المنطقة من العالم، التي كانت ضحية للجهل الشديد والعبارات النمطية الكثيرة التي كانت سلبية في أغلبها.

منذ بداية البرنامج، أردنا أن نعطي اهتماما خاصا للفنانين والمبدعين من شمال أفريقيا. وهكذا، ففي إطار معرض التصوير الفوتوغرافي لبينالي باماكو، في عام ٢٠١١م، عرضنا أعمالا لمجموعة كبيرة من فناني التصوير الفوتوغرافي من المغرب و تونس و الجزائر و ليبيا و مصر(وقد برزوا في طبعات عديدة من جريدة "المستقبل القريب")، فنانو تصوير فوتوغرافي، مثل بشرى خليل (من المغرب)، أو يوسف نبيل (من مصر). وفي ثلاث طبعات من سينما "المستقبل القريب"، قمنا بتقديم أفلام لمخرجين من دول الجوار حيث ظهرت فيها بقوة آثار الثقافة الإسلامية، مثال ذلك: Apnée لمحاسن الحشّادي (من المغرب)، Al' Lessi... une actrice africaine لرحماتو كيبتا (من النيجر)، L'Afrique Animée لموموني جوبيتير سودريه (من بوركينا فاسو)، Un Transport en Commun لديانا جايي (من السنغال)، Il était une fois l'Indépendence لداودا كوليبالي (من مالي).

وندرك تماما التعقيدات السياسية والاجتماعية والثقافية لهذه الدول، التي تبدي شعوبها بعض الغموض في علاقتها بفكرة كونها شعوبا أفريقية، كثير من هذه الشعوب، أو بعض المجموعات على الأقل، لديها شعور بالانتماء يحدد هويتهم كمنتمين للعالم العربي أكثر من انتمائهم للعالم الأفريقي. بالنسبة للشعوب الأوربية، فإن التعقيد الديني لتلك الشعوب هو أحد المظاهر الأصعب فهما، ولذا فإنهم يقصرونه على صور وعبارات نمطية.

هذا الجهل أو المعرفة الخاطئة تمتد لشعوب أخرى ودول أفريقية ودول أمريكا اللاتينية، وكان هذا هو أحد الأسباب الرئيسية لتصميم وتطوير هذا البرنامج في مؤسسة غولبينكيان. وحقيقة تسمية البرنامج باسم "ثقافة معاصرة" تقصد لفت النظر إلى إنشاء أو إعادة النظر في التراث في ضوء المعاصرة، و بعبارة أخرى، على ضوء منطق تفاهم و تعايش مع العالم الذي يستخدم الأدوات الثقافية الحالية، القادرة على إعطاء معنى للأحداث في العالم. أما حقيقة التركيز على المدن والبلدان والمبدعين، أو التراث القادم من أفريقيا وأمريكا اللاتينية ومنطقة الكاريبي، تسعى لإماطة اللثام وتقديم وكشف وإنتاج ومشاركة الخيال المقدم في تلك الدول أو بواسطة أشخاص من مواطنيها في المهجر.

وندرك جيدا الغيوم التي قد تخيّم عندما يتعلق الأمر ببرنامج يقترب من مناطق ثقافية، والتعبير في حد ذاته يحتوي على شبكة من المعاني يمكن أن تبدو تقليصا أو هيمنة أو بحثا عما هو غريب. وهذا ليس قصدنا على الإطلاق. بل، على العكس من ذلك، فإننا ننوي فتح الأبواب على مصراعيها، للولوج إلى منازل بلا جدران، و بلا حدود، وفتح الطريق أمام حقائق مشتركة لا تنغلق داخل مفهوم الجغرافية الطبيعية لأفريقيا أو أمريكا اللاتينية - ومن السهل أن نرى ذلك في البرامج السابقة واللاحقة.

وبرنامج من هذا النوع هو برنامج يجمع بين المقاصد والمخاطر، ولكن مؤسسة كمؤسسة غولبينكيان - ربما كانت أول مركز ثقافي أوربي في القرن العشرين - يمكنها وينبغي عليها أن تدعمهم. وإذا كانت الفائدة يمكن أن تكون تقريبا فورية، والعائد من المعرفة عن طريق الفنون أو الدروس أو المراصد النقدية يحدث على المدى المتوسط أو ربما على المدى الطويل. هناك استغراب لكثير من المضامين التي تأتي مكتوبة بلغات المشاركين، وتدور حول أصولهم، وعن موضوعاتهم ولغات برامجهم الخاصة، فهي ساحرة بقدر ما هي نائية، ولذا فإن جمهورها والمستفيدين منها هم بطبيعة الحال أقلية. إن التاريخ الثقافي والسياسي والاقتصادي للبرتغال قاد إلى أن تكون بالضرورة الأقلية هي التي لديها الرغبة في مثل هذا النوع من البرامج، ولكن لحسن الحظ فإن هذه الأقليات هائلة وهي في تزايد مستمر. إن برنامج غولبينكيان "المستقبل القريب" لن يكون أبدا برنامجا لجموع الناس، ورغم ذلك فمن الممكن أن يكون برنامجا شعبيا، كما نرى ذلك في البرامج التي تعرض في الحدائق أو في مسرح في الهواء الطلق، وهذا نظرا لجانبها الاحتفالي.

نعود إلى شمال أفريقيا، وهي منطقة حدود، كما أنها موروثة من عديد من قوى الاستعمار، وهي منطقة خضم من الالتقاء ومن الصراع، ذات موانئ لها حكايات عالمية، وبها تقسيمات اجتماعية كبيرة. عام واحد مضى، على ما أسمته وسائل الإعلام "الربيع العربي"، وهو تعبير كثيرا ما يؤرق أصحاب هذه الثورات لكونه تعبيرا تجاريا، لا يأخذ في الاعتبار مدى تعقيد و تنوع الأحداث. وقعت الكثير من الاضطرابات، وسوف تحدث غيرها كثيرا، هذا بغض النظر عن قدر أكبر من التشاؤم أو التشكك أو التفاؤل أو حتى الاعتقاد المفرط في بعض الحالات. ونحن الذين نعيش في هذا الزمان، نحن شهود مميزين، لذا فعلينا أن ننتبه لما يحدث بالسماع والقراءة والدراسة والتحدث مع الأطراف الأساسية في هذه العملية من المصريين والتونسيين و السوريين و المغاربة و الجزائريين،...الخ

في حالة برنامج "المستقبل القريب" بالتحديد، فإن الأطراف الأساسية هم المبدعون من تلك المنطقة، سواء ممن يعيشون هناك أو من هم في المهجر. وهكذا، فإن طبعة هذا العام - إلى جانب تقديم أعمال من موزمبيق ومن البرازيل ومن شيلي - سوف يُعطى اهتماما خاصا لإبداعات المغرب العربي وجزء من المشرق العربي، مع خليط من دول الشرق الأوسط. وفي شهر مايو القادم، فإن مرصد "المستقبل القريب" سوف يُكرس بالكامل للتصميم والموضة لمبدعي شمال أفريقيا: سوف تكون هناك قراءات وسوف يتم تقديم حالات دراسية تركز على مفهوم وإنتاج هذه المناطق من الإبداع المعاصر. اعتبارا من ١٢ يونيو، تاريخ بدء البرنامج المكثف، سوف تبدأ أنشطة متعددة، نذكر منها على سبيل المثال: ملتقى للأدب والفكر في شمال أفريقيا، حيث سنتحاور ونستمع إلى مبدعين ومتخصصين وفنانين حول حال الفن في هذه البلاد، وسوف نلتقي كذلك مع مثقفين ومحللين نفسيين وكتّاب ومدونين وروائيين كبار معاصرين، من المهجر أو من المقيمين في تونس أو في القاهرة أو في المغرب، ...الخ

سلسلة من الأفلام السينمائية الكلاسيكية ومن أحدث إنتاج في دول المغرب العربي، وعديد من الحفلات الموسيقية لفرق البوب والإلكترونية التي لم يسبق لها مثيل في البرتغال.

بالإضافة إلى هذا البرنامج المحدد، سوف يكون لدينا المسرح الممتاز لدولتي شيلي والبرازيل، والتصوير الفوتوغرافي في موزمبيق، والفنون البصرية في البرتغال، ...الخ

خلاصة القول: دائما، وبقدر المستطاع، سوف نستشعر روح العصر ونجاريه.

Ons Abid, "Military Flowers" (da série "Tunisian Revolution"), 2011 / **أنس عابد**، "Military Flowers" (من سلسلة "الثورة التونسية")، ٢٠١١م

Patricia Triki, Sabrina (da série "Absences"), 2011 / باتريسيا تريكي، سابرينا (من سلسلة "Absences")، ٢٠١١م

في الشرق

إزابيل موتا

سوف يظل العام الماضي يتميز بالحركة الثورية التي حملت الآلاف في جميع أرجاء المغرب العربي والشرق الأوسط إلى الخروج إلى الشوارع للمطالبة بإصلاحات ديمقراطية وإسقاط الأنظمة الشمولية التي كانت تحكم هناك. وقد تابع بقية العالم الديموقراطي توالي الأحداث بحماس يشوبه الحذر، ويرجع ذلك إلى عدم التيقن من المسار الذي سوف تنتهجه السلطات الحاكمة الجديدة. وبغض النظر عن ماهية الخيارات التي سوف تتم في المستقبل القريب، فقد ساهمت هذه الحركات بشكل حاسم في تقديم صورة مختلفة عن التاريخ والمجتمع والثقافة العربية, وخلق نقاط اتصال جديدة بين ثقافات ظلت لفترة طويلة يعرض بعضها عن بعض.

هذه الدورة الجديدة التي تنطلق من برنامج مؤسسة غولبينكيان "المستقبل القريب" تحاول إنشاء قاعدة تدعم هذا التقارب ومعرفة الثقافات عن طريق تقديم ودعم فهم واضح وصريح ومتفتح حول الأثر الحقيقي والملموس للأحداث الأخيرة على طريقة فهمنا بشكل عام، والطريقة التي تنظر بها هذه المجتمعات لبقية العالم.

تمشيا مع النهج المتبع في السنوات السابقة، فإن طبعة هذا العام من "المستقبل القريب" تحاول التعبير عن المعاصرة، عن طريق التركيز على المجتمعات العربية، لاسيما في مجتمعات دول المغرب العربي.

إن البرنامج الذي يبدأ الآن برصد أفريقيا وأمريكا اللاتينية، والمخصص للتصميم في شمال أفريقيا، يسعى إلى أن يكون نقطة انطلاق لفهم أكثر لهذه البلاد وشعوبها، وتقديم نظرة جديدة في قضايا الثقافة والمجتمع، التي طالما كانت توضع في مرتبة ثانية لأسباب سياسية وجيو إستراتيجية, كانت تمنع دائما الرؤية الواضحة الدقيقة عن قضايا أكثر إنسانية للمجتمعات، والتي ينتهجها البرنامج الآن.

العدد ٩
أبريل ٢٠١٢

برنامج المستقبل القريب التابع لغولبينكيان

المستقبل القريب هو برنامج عن الثقافة المعاصرة تابع لغولبينكيان يقوم بالتركيز- خصوصاً ولكن ليس على وجه الحصر - على البحث والإبداع في أوروبا، وأفريقيا، وأمريكا اللاتينية، وجزرالكاريبي.

٣ إزابيل موتا
في الشرق

٤ أنطونيو بينتو ريبايرو
هل يمكن الشعور بروح العصر ومجاراته؟

٦ فريديريكو دوارت
مكانة التصميم والموضة في شمال أفريقيا (مرصد أفريقيا وأمريكا اللاتينية)

٨ فرديناند ريتشارد
حركة تناقل الفنانين في منطقة البحر المتوسط

١٠ كمال الرياحي
الطابق ١٣
أسئلة الحداثة المغدورة في تونس

١٢ الدكتور واسيني الأعرج
رهانات الحركات الإسلامية في الجزائر

١٤ نيرمين همّام
ماعت

١٨ الثورات والتحولات والعنف السياسي
محمد كيرّو

٢٠ كريم بن إسماعيل
الثورة، أوراق مبعثرة...

٢٢ نوال إسكندراني
الطاجن:
قصة مغربية، من الأندلس إلى أفريقيا

٢٣ **سير ذاتية**

جريدة
المستقبل القريب العدد ٩

المشرف العام على البرنامج
أنتونيو بينتو ريبايرو

مساعدة الإشراف
لوسيا ماركيس

مساعدة الإنتاج
ناديا فيرا جارديم

متدرب
أندري مينيزيس

مع مشاركة كل من:
الخدمات المركزية
(المدير: أنتونيو ريبوليو كورايا)
خدمة المعلومات والاتصالات
(المديرة: إليزابيت كارنايرو)

دعم المعلومات والاتصالات
مونيكا براز تايشايرا

مراجعة
فيرناندا ميرا باروس
راكيل كارابينيا

ترجمة
عبد الجليل العربي
فيرناندا ميرا باروس
جمال خليفة
باتريسيا رومان
راكيل كارابينيا

تصميم
آرن كايسير
كريستي باسيل

موقع
غيليرم كارتاشو
ميغيل دوارت

شكر خاص لـ
عبد الجليل العربي
أليشاندرا شوبان
أنجي كوت
أوريلي مشغول
فريديريك غاوتيير
إزابيل غالفاو
جايمس كيركبي
جواو أمارو كورايا
كريم بن اسماعيل
لويس جيرونيمو
ماريا ريتا فيرو
ماريا إزابيل غاسبار
نوال اسكندراني
شيخ زبير
سفيان عويسي
روي سانتياغو
زينب فرحات
كاتارينا بيلو

برنامج خاضع للتعديل

الغلاف
نيرمين همّام
بدون عنوان (من سلسلة "ماعت")
٢٠١١م
مهداة من الفنان

Próximo Futuro

المستقبل القريب

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN